

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I S O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 e 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Nota do dia

Cada cabeça...

Apontar deficiências em serviços públicos com o propósito de as remediar na medida do possível, é crítica construtiva que tem de se considerar motivada por uma intenção colaborante e nunca inspirada por outro propósito que não seja o de promover a melhoria dos mesmos serviços. A Imprensa tem o direito e o dever de assinalar erros, de apontar defeitos, de chamar a atenção para incongruências, de protestar contra injustiças que se tenham praticado ou de prevenir a tempo e horas para que não se pratiquem. É essa a sua missão, um dos aspectos da sua missão — universalmente reconhecido e aceite. O publico recorre com frequência aos jornais para fazer as suas reclamações, umas vezes fundamentadas e justas, outras nem sempre razoáveis e dignas de serem atendidas. Cada cabeça sua sentença. Há problemas nacionais ou simplesmente locais em torno dos quais as opiniões se dividem e em que é difícil chegar a um acordo ou sequer a um mínimo de entendimento. A verdade, porém, é que da discussão pode continuar a nascer a luz. Eis por que é sempre útil estabelecer o debate e aceitar o diálogo, para completo esclarecimento da opinião publica. Sejam quais forem as reservas que possam fazer-se ao papel da Assembleia Nacional, temos de reconhecer lealmente que o ultimo debate acerca do Plano de Fomento se situou num plano de isenção e de crítica livre que honra aquele órgão do Estado e o torna credor do reconhecimento publico. Deste modo, podemos acalantar a esperança de que outros debates se venham a travar com a mesma elevação e a mesma eficiência — e com incontestável vantagem para o bem comum e para o prestígio do regime, na medida em que a sua colaboração for aceite.

49 cães

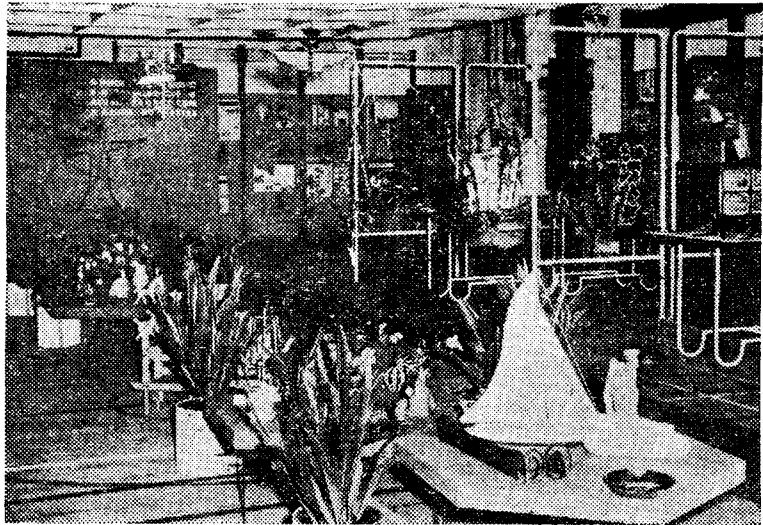
sem um osso...

CHICAGO, 13 — O juiz Ronald Bates ordenou a Margaret Percival que entregasse a Sociedade Protectora dos Animais os 49 cães que tem a mais. Fora processada pela Protectora, por não dar alimento e água em quantidade suficiente aos animais. Os vizinhos que depuseram no julgamento mostraram-se de acordo com a sentença, porque, segundo declararam, o barulho que os 51 cães fazem a ladrar e o mau cheiro que originam são insuportáveis. — (A. N. I.).



Os Ingleses estão em pleno período de eleições — não de eleições políticas, para escolha de representantes das comunas, mas, dos que mais se distinguiram, durante o ano, nas diversas actividades nacionais. Agora foi a eleição da melhor desportista do ano — a nadadora Judy Grinham, de 19 anos — que aqui vemos radiante com a distinção e com a taça que lhe foi atribuída pelo «Daily Express».

O I Congresso do Ensino Técnico foi inaugurado esta tarde sob a presidência do ministro da Educação



A exposição na Escola Francisco Arruda

Temos agora a bicicleta voadora

MOSCOVO, 13 — Segundo informou a agência T. A. S. S., Anatoly Ivanvuta, inventor de Riga, aperfeiçoou um modelo de um aerociclo.

Afirma que a sua «bicicleta voadora» descola, transportando um homem, e voa á velocidade horária de 60 a 70 quilómetros. — (R.).

A lição das eleições francesas — (2)

Na primeira Assembleia da V República francesa há uma maioria estável

PARIS, Dezembro — A IV Republica censurava-se, sobretudo, o seu sistema parlamentar tido como causa principal da instabilidade do Governo que a caracterizava e era uma consequência da divisão partidária. A Constituição da V Republica pretendeu dar remédio a esse mal e por meio de uma lei eleitoral apropriada favorecer a criação de

grandes formações partidárias capazes de dar ao país governos estáveis.

Um êxito incontestável

O objectivo fundamental da lei aplicada nas eleições de Novembro era eliminar da primeira Assembleia da V

(Continua na página seguinte)

Inaugurou-se esta tarde, no salão nobre do Instituto Superior Técnico, o I Congresso Nacional do Ensino Técnico Profissional. Presidiu o sr. prof. eng. Leite Pinto, ministro da Educação Nacional, e assistiram, além de elevado numero de congressistas, o ministro das Obras Publicas, o secretário de Estado da Agricultura e os subsecretários de Estado da Industria e da Administração Ultramarina; muitos directores-gerais e outros funcionários superiores, não só do Ministério da Educação Nacional, como de outros ministérios; directores de estabelecimentos de ensino e inspectores escolares.

O sr. dr. Leopoldino de Almeida, em nome da comissão executiva do Congresso, á qual preside, agradeceu a presença dos representantes do Governo e o auxilio que este concedeu e que tornou possível a realização desta importante reunião de estudos.

(Continua na ultima página)

A necessidade de resolver o problema das transferências da provincia de Angola foi apontada na Assembleia Nacional

A sessão de hoje da Assembleia Nacional presidiu o conselheiro Albino dos Reis.

Antes da ordem do dia, o engenheiro Cardoso de Matos ocupou-se das dificuldades de transferências de Angola, problema que já começa a ser considerado como o n.º 1 daquella provincia.

Agradeceu a «visita de trabalho» feita a Angola pelo ministro do Ultramar, da qual espera grandes benefícios, lembrando que ele equacionou aquele problema com «uma realidade que deve ser meditada».

Para que se mantenha o equilibrio da balança de pagamentos (e portanto da de cambiais) é preciso aumentar as exportações, a fim de não se reduzirem as importações, o que teria consequências funestas num território em desenvolvimento como é o de Angola. No que se refere ás exportações, não se pode negar que se apresentam razoáveis perspectivas, com a exploração de minérios, com a próxima exploração de fosfatos, com o aumento da produção petrolífera (esta pela diminuição da respectiva importação) e com a possível exploração de novas industrias, entre as quais há a salientar a do alumínio. Mas não devemos esquecer — e para este facto chamo a atenção do Governo e desta Camara — que o que acabo de dizer, só tem valor, se se mantiverem as cotações dos produtos agrícolas (entre os quais o café ocupa o primeiro lugar), que têm sido e hão-de continuar a ser a base da economia angolana.

Disse que, infelizmente, se nota presentemente uma crise na cotação do café que poderá originar desequilíbrios na economia, «contra os quais urge precaver-nos».

Referiu-se ao interesse do comodoro Vasco Lopes Alves pelo fomento das nossas exportações, manifestado pela outorga há dias, em Luanda, do contrato entre o Estado e as companhias exploradoras do minério de ferro das minas do Cui-ma e de Cassinga, para a construção das ligações ferroviárias destas minas com o Caminho de Ferro de Moçamedes e para o apetrechamento do porto desta cidade, a fim de assegurar o transporte e o carregamento do minério:

— Este facto permitirá, além do natural desenvolvimento que não

deixará de se processar nas regiões servidas pelas novas ligações ferroviárias, a exportação de cerca de milhão e meio de toneladas de minério, o que contribuirá com um reforço da ordem dos 400.000 contos anuais de divisas para a nossa Balança de Pagamentos; ficamos fazendo os melhores votos para que a perspectiva se concretize e, em breve, se traduza numa perene realidade. Entretanto, a crise actual terá de ser debelada — e S. Ex.º o sr. ministro do Ultramar, apresenta, como uma solução, a possibilidade de um empréstimo de cambiais de qualquer organismo do Estado ou particular, muito embora salientando a necessidade de uma garantia de reembolso. Esta garantia será precisamente a que citamos — aumento das exportações.

Na ordem do dia, apreciará a Lei de Meios o dr. Franco Falcão.

Um foguetão americano com um macaco foi lançado no espaço

CAPE CANAVERAL, 13 — Durante a noite, foi lançado desta base um foguetão «Jupiter», conduzindo um macaco, instalado no cone, o qual, consoante esperam os cientistas, poderá ser recuperado.

Trata-se de um engenho do Exército, de alcance intermediário.

Na medida em que se sabe, seria a primeira vez que os cientistas americanos tentam enviar para o espaço um macaco e recuperá-lo vivo.

Até agora, só tinham mandado para o espaço três ratos brancos, nos cones de engenhos «Thor-Able», com uns 10.000 kms. de alcance, os quais, embora não fossem recuperados, os instrumentos de bordo indicaram que, em dois casos pelo menos, os ratos sobreviveram prová-

(Continua na ultima página)

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

A arte de bem digerir (9)

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

TEM capital importância para a saúde do indivíduo e da colectividade, que o mesmo é dizer para a sanidade do singular e do plural, a acção de prevenir e evitar as toxinfecções alimentares, tão vulgares em nossos dias. Medicina,

alimentação e policia alimentar constituem, em todos os países, problemas muito sérios, que se torna urgente equacionar e resolver. Toxinfecções? São estados patológicos agudos, originados pela ingestão de alimentos contendo germes microbianos, particularmente toxígenos e nocivos.

Entre tais infecções contam-se, em primeiro lugar, o botulismo, cuja toxina é essencialmente neurotrópica, e as salmoneloses e as toxinfecções

(Continua na 11.ª página)

Diário de Lisboa

PUBLICA HOJE

32 páginas

nas quais se inclui

MAGAZINE

Visado pela Comissão de Censura

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Delfim Ferreira

No panorama das grandes realizações industriais do nosso tempo, no esquema fundamental do quadro económico português, deste século, entre a meia dúzia de nomes que, por direito próprio, refulgem e se destacam na pleiade valorosa dos grandes impulsores da nossa indústria, do nosso fomento e do nosso desenvolvimento — entre a meia dúzia daqueles que ocupam a primeira fila um nome ainda se destaca e afirma. O de Delfim Ferreira.

Tamamha é a estatura social deste grande Português dos nossos dias que qualquer adjectivo seria ocioso e inútil. Por todo o País o seu nome é conhecido e respeitado.

O cunho da sua forte personalidade, da sua rara envergadura, reflecte-se poderosamente na sua transbordante actividade, nos mais variados sectores da Vida Portuguesa.

Como exemplo dos mais vivos e flagrantemente, digamos, antes de tudo, que o desenvolvimento da indústria hidroeléctrica da nossa Terra começou precisamente com Delfim Ferreira. É uma verdade sabida que a ninguém surpreende.

Originadas pelo seu largo espírito de iniciativa, pela sua capacidade excepcional de organizador, pelos seus profundos conhecimentos técnicos — contemos as suas magníficas realizações industriais e técnicas como a bem conhecida «Chenop» e a poderosa e gigantesca «Empresa Hidro-Eléctrica do Alto Douro». O estudo do delicado problema das barragens, da sua instalação, do seu poderoso labor, mereceu a este grande industrial um cuidado, um carinho, uma dedicação que nunca deverá ser esquecida ou minimizada.

A par dessas duas grandes realizações produzidas pela sua enorme capacidade, citemos, ainda, nestas breves linhas de comentário a acção preponderante de Delfim Ferreira no desenvolvimento da vida industrial portuguesa dos últimos tempos — as Fábricas do Mindelo e de Arcoselo, bem como a construção do imponente Hotel Infante de Sagres, do Porto, que veio beneficiar o nosso turismo. Nem só — o que seria muito, na verdade! — se afirma o valor deste grande Português dos nossos tempos, no campo industrial, técnico, económico e comercial.



DELFIN FERREIRA

Uma outra faceta avulta na sua personalidade de tão fortes traços: a de Filantropo e Homem de Bem. Cuidando sempre em melhorar as condições de vida dos seus operários, construindo para eles magníficos bairros onde nada falta — desde os hospitais às creches, das escolas às cantinas, das igrejas aos campos desportivos — velando pela sua assistência espiritual, médica, cultural e física, o espírito generoso de Delfim Ferreira não conhece limites na sua acção, e mantém-se permanente.

No seu aniversário natalício, que representa um ano mais de trabalho e de porfiado esforço em desenvolver a sua obra, são devidas saudações calorosas ao Industrial, o Homem de Bem, o Grande Português que tanto tem merecido da Nação e do Povo — uma e outro representados pelo Estado que tem dignamente reconhecido o valor e o mérito de Delfim Ferreira.

Estas nossas breves linhas impostas à sua modéstia, não são mais do que um pálido comentário à obra e à vida de uma das mais destacadas individualidades portuguesas do nosso tempo.

Vai casar a Fátima?

Mande fazer o banquete ou «copo de água» no Café-Restaurante Avé Maria. Sala própria. Telefone 41.

A lição das eleições francesas

(Continuação da página anterior)

Republica o Partido Comunista. Nesse ponto o êxito conseguido foi completo. Na última Assembleia da IV República o Partido Comunista estava representado por 140 deputados. Na nova Assembleia haverá dois deputados comunistas em cada cem. Na última Assembleia havia trinta deputados comunistas em cada cem.

Seria difícil conceber êxito mais completo da lei eleitoral, na medida em que esta procurava eliminar da vida parlamentar o Partido Comunista. Este, desapareceu da Assembleia onde não desempenhará qualquer papel de relevo, enquanto na última assembleia, com os seus votos, embora não participasse na formação dos governos estava em condições de os manter no poder ou derrubar.

Uma lei eleitoral milagrosa

A lei eleitoral que tornou possível a eliminação dos comunistas da futura Assembleia e, portanto, da vida parla-

A Sabena

celebrou mais um ano de actividade em Portugal

Mantendo a tradição de reunir a sua volta, por motivo de fim de ano, entidades oficiais, representantes de companhias de navegação aérea e de agências de turismo e jornalistas, o sr. coronel Burniat, representante em Portugal das linhas aéreas belgas — Sabena —, ofereceu ontem um jantar no Hotel Embaixador, demonstrando a todos a sua habitual gentileza.

Mais de cinquenta convivas foram amavelmente recebidos pelo sr. Paulo Lauret, chefe dos serviços da Sabena. Depois do aperitivo, efectuou-se o jantar, cuja ementa foi valorizada por uma excelente e saborosíssima peça de veado das Ardennes, vinda por via aérea no próprio dia.

Presidiu ao jantar, que decorreu com grande amistosidade, o sr. coronel Burniat, e na mesa de honra viam-se, entre outras personalidades, os srs. Hercond, conselheiro da embaixada da Bélgica; tenente-coronel Carlos Beja, director do Aeroporto de Lisboa, em representação do sr. director-geral da Aeronáutica Civil; comandante Soares de Melo, administrador da T. A. P.; eng. E. Michez, presidente da Câmara de Comércio Belga; coronel Pinheiro Correia, presidente do Aero Clube de Portugal e comandante Van Waesberg, adido militar e aeronáutico belga.

O sr. coronel Burniat, agradeceu a presença e disse da sua satisfação por poder conviver com todos os presentes, a quem, em nome da Sabena, lhes apresentou cumprimentos, terminando por fazer votos pelas maiores prosperidades e erguer vivas a Portugal e à Bélgica.

Falaram, depois, para agradecer as atenções recebidas e as amabilidades do sr. coronel Burniat, os srs. comandante Soares de Melo e dr. Soares Albergaria, um português do Congo Belga. Em palavras da maior simpatia interpretaram o reconhecimento de todos os presentes e desejaram as maiores felicidades à Sabena e à Bélgica.

COGNAC
MARTELL

JANTANDO NO
CASINO ESTORIL

assiste a um esplêndido programa de variedades e os preços não são mais elevados do que em qualquer restaurante de categoria

mentar, era de uma grande simplicidade. As listas em que os franceses votaram não foram elaboradas sobre a base dos partidos e dos departamentos, como anteriormente, mas na base dos indivíduos e das localidades. Criaram-se tantos círculos eleitorais quantos os deputados a eleger, e cada círculo elegia apenas um deputado. A eleição fez-se em duas voltas de escrutínio, sendo eleito na primeira apenas os candidatos que no seu círculo alcançassem maioria absoluta de votos, isto é mais de metade das listas entradas nas urnas. Conseguir esse resultado, como os factos demonstraram, era extremamente difícil.

Na metrópole, onde foram eleitos 464 deputados, apenas 42 conseguiram sê-lo na primeira volta. Destes um era comunista. A verdadeira batalha eleitoral travou-se, portanto, na segunda volta. Nesta, o candidato era eleito por maioria simples, quer dizer era eleito aquele que obtivesse maior número de votos em cada círculo. Nesta segunda volta os comunistas não tinham probabilidade de triunfar, pois todos os outros partidos se coligaram contra eles. Para isso desistiram os candidatos não comunistas que não estivessem à cabeça da votação a favor daquele que se encontrasse nessas condições. Os candidatos comunistas só podiam triunfar quando os dos outros partidos não chegassem a acordo para realizar aquela operação na segunda volta. Assim se explica que apenas nove deles triunfassem dela.

A vitória inesperada

Contra o Partido Comunista os resultados da aplicação da lei eleitoral foram miraculosos, mas de caminho fez ela também outra vítima — o Partido Socialista. Antes das eleições havia muita gente convencida de que os socialistas seriam os grandes beneficiários delas e que o Partido Socialista, na segunda volta, receberia os sufrágios de muitos eleitores não comunistas perten-

centes a outros partidos. Previra-se, para ele, uma representação de 150 deputados, o que faria dele o primeiro partido na primeira Assembleia da V República.

Com espanto geral nada disto aconteceu e as previsões optimistas dos dirigentes socialistas foram cruelmente desmentidas. Na segunda volta os partidos da direita boicotaram sistematicamente os candidatos socialistas, acontecendo isso até nos círculos onde os candidatos socialistas eram os mais votados na primeira volta e deviam, portanto, beneficiar da desistência dos seus concorrentes não-comunistas. Ao contrário do acordo tácito estabelecido entre estes, foram os candidatos dos partidos da direita que beneficiaram da desistência dos concorrentes, mesmo quando na primeira volta tinham menos votos do que os socialistas. Assim estes, como os comunistas, saíram pulverizados da prova eleitoral e na nova Assembleia é de cerca de 40 o número dos seus deputados.

O verdadeiro beneficiário

O verdadeiro beneficiário da nova lei eleitoral foi a U. N. R. do sr. Soustelle, a qual invoca o patrocínio gaullista, embora o general se recusasse a dar-lho. Tendo eleito, na primeira volta, apenas 7 candidatos, na segunda elegeram, ao todo, 182 candidatos. Com um eleitor em cada quatro, terá na Assembleia 40 deputados em cada cem. Nesta, os dois grandes partidos da direita — U. N. R. e independentes — terão dois terços da representação. Os partidos da esquerda — comunistas e socialistas — não disporão na Assembleia de mais de 50 deputados.

Assim, o menos que pode dizer-se é que, perante estes números, a primeira Assembleia da V República não reflecte a verdadeira fisionomia política da França.

ATTICUS

Helene Curtis

Em todo o mundo os homens de maior distinção usam



Suave

o produto perfeito para o penteado masculino

Frasco de plástico grande Esc. 25\$00
Frasco de plástico normal Esc. 12\$50



Suave FOR MEN é um produto cientificamente estudado para o homem que preza a aparência do seu cabelo. Os elementos nutritivos e bactericidas que o compõem, tonificam e regeneram o couro cabeludo. O uso diário do Suave FOR MEN evita a caspa e a queda do cabelo.

Não molhe o cabelo; a água é o seu pior inimigo. Aplique um pouco de Suave FOR MEN pela manhã, e ficará impecavelmente penteado para todo o dia.

Suave FOR MEN, contendo lanolina solubilizada, não engordura, porque é inteiramente absorvido pelo cabelo.

Brinde capaz

uma camisa Primaz



Primaz

ROSSIO 115 - LISBOA

PRODUCTS ★ NEW YORK • CHICAGO • PARIS

REPRESENTANTES PARA PORTUGAL E PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS,
SOQUIL, LDA. AV. JÓÃO DUAL, 26 - TELEFONE 26.54.01 - LISBOA

CASINO

APRESENTA

às 23.15 no Grande Salão-Restaurante e à 1 hora no Wonder Bar

Em rigoroso exclusivo

A vedeta francesa de fama mundial do cinema e da canção

MARIA VINCENTE

Integrada num grande programa de Music-Hall

4 — ORQUESTRAS — 4

Entre as quais

GALLO e o seu conjunto

Orquestra brasileira de extraordinária animação

AOS SABADOS: — No grande Salão-Restaurante — Consumo mínimo, 40\$00. No Wonder Bar — Consumo mínimo, 60\$00.

TODOS OS OUTROS DIAS: — No Grande Salão-Restaurante — Isenção do consumo mínimo. — No Wonder Bar — Consumo mínimo, 40\$00.

A's segundas-feiras não há espectáculo de variedades tocando as nossas orquestras só para dançar.

AMANHÃ: «Matinée»-dançante com todas as atracções

(Adultos maiores de 17 anos)

ESTORIL

Reunião dos directores dos serviços aeronáuticos do País

No restaurante Tavares, o director-geral da Aeronáutica Civil, sr. eng. Vitor Veres, ofereceu um almoço em honra dos directores dos Serviços da Aeronáutica Civil de Angola e Moçambique, respectivamente, srs. tenente-coronel Euripedes Sousa e Silva e capitão-tenente Manuel Antunes Cardoso Barata, que se encontram em Lisboa para tratar de assuntos do maior interesse para o desenvolvimento da aviação civil no nosso País.

Nestas conversações, segundo está previsto, tratar-se-á da unificação da política aérea nacional e do aproveitamento em comum dos recursos do País em pessoal e material aeronáutico do Ultramar e da Metrópole, bem como de obras e instalações previstas no II Plano de Fomento e questões relacionadas com a uniformização dos métodos de exploração da aviação comercial em Portugal continental e ultramarino.

Ao almoço assistiram os eng. Rui de Sampaio e Melo e António Francisco de Aguiar, directores do Serviço de Obras e dos Serviços Técnicos da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil; capitão-tenente Armando Rui Cerqueira da Silva Pais, director da Divisão de Exploração dos Transportes Aéreos de Moçambique; e drs. Luis Pedreira e Manuel Filipe Madruga, respectivamente, consultor jurídico e chefe da repartição de Intercambio da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil.

O PORTO pelo telefone

Acto de desumanidade

PORTO, 13 — Eduardo Augusto Ferreira Cardoso e seu irmão Alvaro, ambos residentes com sua mãe, Laurinda da Conceição Cardoso, em Sanfins do Douro, vieram ontem ao Porto a fim de acompanharem a sua progenitora ao médico que, segundo lhe disseram, a trataria de uma doença pulmonar. Uma vez nesta cidade, levaram a pobre criatura ao Centro de Assistência Psiquiátrica do Norte, onde tentaram interná-la, ao que a doente enérgicamente se opôs, por não se considerar doente mental. Em face de tal resistência, os filhos abandonaram a mãe, á porta daquele estabelecimento, sem um centavo na algibeira. Factos posteriormente sucedidos denotam que a senhora não deve, de facto, estar em bom estado de sanidade mental, o que aumenta a gravidade da acção dos filhos. Por agora, desconhece-se o paradeiro da pobre senhora.

Exposição do livro austriaco

Com o patrocínio do ministro da Austria, em Portugal, faz-se esta tarde, no salão nobre do Ateneu Comercial, a inauguração da Exposição do livro Austriaco.

Campanha contra o Pé Descalço

Reuniu-se hoje mais uma vez, sob a presidência do chefe do distrito, a Comissão Executiva da Campanha Distrital contra o Pé Descalço. Foram ventilados vários assuntos e apresentadas algumas sugestões do dr. António Emílio de Magalhães, um dos mais activos promotores da benéfica campanha. Tomou-se conhecimento de alguns efeitos já observados, pelo que são bastante prometedoras as perspectivas do êxito.

final, sc. de facto, as entidades responsáveis derem á campanha a indispensável cooperação. A P. S. P. intensificou já a repressão, que há tempos vinha a fazer, multando os transgressores, na sua maioria mais por vício do que por necessidade.

Dr. José Castroviejo

Encontra-se nesta cidade, onde veio fazer uma conferência, o professor da Universidade de Santiago de Compostela, dr. José Maria Castroviejo y Blanco Ciceron, autor de numerosas obras sobre Direito e Economia.

DE LUTO

José dos Santos Beco

Na sua residência, na Avenida Elias Garcia, 147, 1.º, direito, faleceu o sr. José dos Santos Beco, de 71 anos, proprietário, natural de Junceira (Tomar), casado com a sr.ª D. Rosa da Conceição dos Santos e pai da sr.ª D. Maria Rosa dos Santos de Montalvão e do sr. José dos Santos Beco Junior. O funeral, a cargo da Agência Barata, saiu, hoje, da igreja de Nossa Senhora de Fátima, para jazigo, no cemitério do Alto de S. João.

Candido de Sousa

Faleceu o sr. Candido de Sousa, de 52 anos, natural da Guarda, industrial, casado com a sr.ª D. Amélia Gonçalves de Sousa e pai do sr. José Luis Gonçalves de Sousa. O funeral, a cargo da agência Magno, realiza-se amanhã, às 11 horas, da igreja do Santo Condestável, onde o cadáver se encontra depositado, para o cemitério da Ajuda.

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

AMANHÃ, ÀS 16 HORAS

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

Direcção: DR. IVO CRUZ

Solistas: prof. JOHANNES VON AUERSPERG (contrabaixo)
prof. SANTOS PINTO (oboé)

Abertura Xavier dos Santos
Concerto para contrabaixo (1.ª audição) Dittersdorf
Concerto para oboé Mozart
2.ª Sinfonia Brahms

(PARA MAIORES DE 6 ANOS)

Literatura Infantil

Uma encantadora prenda de NATAL os livros de

MARIA ELISA NERY DE OLIVEIRA
«A QUINTA DAS AMENDOEIRAS»
(prémio Maria Amália Vaz de Carvalho)

FÉRIAS DA PÁSCOA

(onde a autora descreve com graça e leveza a vida de muitos animais)

A venda em todas as Livrarias

Distribuidores: AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS

Tágide

EM ESTREIA

DANY VERNAY

Vedeta da canção francesa

RAFAEL CRUZ

Um dos melhores bailarinos de Espanha e o seu grandioso Ballet

HELENA TAVARES

Uma das mais lindas vozes do Fado

IVONE e CLARA

Em bailados de folclore português e em ritmos modernos

MARIA CANDAL

A melhor interprete do folclore nacional

Na Tagide: Conjuntos ALEX WILLIAM'S com LAURA VILLA e FERNANDO POTIER

No Palm Beach: Conjuntos TOBIAS VALIDO e MÁRIO VALLEJO com VERA RUIZ

Adultos (maiores de 17 anos)

AVISO

Todas as pessoas que jantarem nos nossos Restaurantes estão dispensadas de qualquer outro consumo.

Palm Beach

uma gravata do CARNAVAL DE VENEZA

daanotado bom gosto de quem a oferece e da elegância de quem a usa

RUA AUREA 117
TEL 21047

SE JANTAR NO CASINO ESTORIL

terá a certeza de um serviço requintado e de um bom programa de variedades



SABENA

LINHAS AÉREAS BELGAS

A SABENA ASSEGURA

26

VOOS POR SEMANA
(4 DOS QUAIS VIA LISBOA)
NAS SUAS CARREIRAS

BÉLGICA / CONGO BELGA / BÉLGICA
EM SUPER DC-6
E SUPER DC-7C

A COMPANHIA COM MAIOR EXPERIÊNCIA EM VOOS AFRICANOS
SERVIÇOS REGULARES ENTRE A EUROPA E A ÁFRICA DESDE 1935

EXITO!

EM 2 SESSÕES
ÀS 20,30 e 22,45 h.



BEATRIZ COSTA

VARIEDADES

A REVISTA QUE LISBOA APLAUDE!

COM JEITO VAI!

AMANHÃ — ÀS 16 H. ESPECTÁCULO A TARDE

ESPEC. P.
ADULTOS - M.
17 ANOSTelef. 26037
EMPRESA TEATRAL
AVENIDA, LD.

EXITO!



TEATRO
MONUMENTAL
F. 55133
Emp. Laura Alves * Adultos
M/ 17 anos
Dir. VASCO MORGADO

APENAS 3 DIAS LAURA ALVES no seu triunfo A RAINHA DO FERRO-VELHO

com
ASSIS PACHECO — ALVES DA COSTA
MARIA HELENA — ARTUR SEMEDO

AMANHÃ — ÚLTIMO ESPECTÁCULO
A TARDE, ÀS 16 HORAS

BREVEAMENTE: O EXITO DE COLETTE
«GIGI», com MILU na protagonista

HOJE e AMANHÃ, A TARDE,
ÀS 18,30 HORAS

TEATRO INFANTIL
3 ENCANTADORAS PEÇAS
AUTO 3 COSTUREIRAS
DE ANTONIO MANUEL GOUTO VIANA
CIMA DESSE TELHADO
DE A. M. GOUTO VIANA E EDUARDO RIOS
O NOSSO AMIGO SOL
DE ALMA DA FONSECA
Para maiores de 4 anos
PELO ESQUEMA DO
TEATRO DO GERIFALTO
SUBSIDADO PELO FUNDO DE TEATRO

PREÇOS: 3.º BALÇÃO, frente, 5500; 2.º BALÇÃO
a 10500; 1.º BALÇÃO a 155; PLATEIA, 155 e 205

NO TEATRO AVENIDA

Emp. Laura Alves em colaboração
com Giuseppe Bastos

A COMPANHIA DO «TEATRO
DE SEMPRE» APRESENTA
às 21,45 horas

O GEBO E A SOMBRA

UM GRITO DE CONSCIÊNCIA
DOS HUMILDES!!!
UMA OBRA-PRIMA DE RAUL
BRANDÃO

ESPEC. P.
ADULTOS
MAIORES
DE 17 ANOS

AMANHÃ, DOMINGO, ÀS 16 HORAS,
ESPECTÁCULO A TARDE

CARMEN DOLORES

ROGERIO PAULO

ADELINA CAMPOS

Festivos e Cinemas

Atrás do reposteiro

O espectáculo que o Teatro Clássico Universitário do Porto realiza amanhã, no Teatro do Vale Formoso, compõe-se da representação do «Auto de Mofina Mendes», de Gil Vicente, e da peça «O meu coração vive em terras altas», de William Saroyan.

— O original de Ludovina Frias de Matos «O sapatinho de vidro», com música de Alves Coelho (filho), é hoje representado em Santarém, pela companhia Rafael de Oliveira.

— Está em definitivo marcada para sexta-feira da próxima semana, no Teatro Monumental, a estreia da peça «Gigi», com Milu na protagonista.

— A companhia portuense de revistas, em digressão pela Província, vai suspender os seus espectáculos para os recomenciar oportunamente.

— Para Madrid, de onde seguirá para Itália, embarcou ontem o «balé» brasileiro da direcção de Raul Dubois e de que faz parte a actriz Wilma Palmer.

— É provável que na quadra das festas do Natal e Ano Novo volte a ser representada, no Teatro Avenida, a comédia «O Mentiroso».

— Um numero de elefantes do circo inglês Chipperfield apresentado por Miss Dugan, é uma das atracções da companhia de circo que na sexta-feira da próxima semana se estreia no Coliseu.

— Na Voz do Operário, realiza-se hoje um espectáculo em que o grupo de amadores da Sociedade Recreativa e Dramática Eborense representa o original de Alexandre Rosado «O caso do Chico enfeitado».

— Conclui-se amanhã no Coliseu do Porto a temporada que ali está a realizar o Circo Americano.

Primeiras exhibições

«A família Trapp na América», no Condes

Seguindo na esteira do êxito obtido pelo primeiro filme da «Família Trapp», o realizador alemão Wolfgang Liebencker, servindo-se da própria experiência adquirida quando se refugiou nos Estados Unidos, deu-nos, agora «A família Trapp na América», que ontem se estreou no Condes, com tal êxito que o moderno cinema dos Restauradores deve ter resolvido o problema do seu cartaz do Natal.

A intimidade da exemplar fami-

lia é contada com fortes doses de humor e ternura, servindo-se amiudadas vezes das inesperadas reacções infantis do grupo coral (muito afinado) que tem a seu cargo o desempenho da numerosa prole da bela baronesa Trapp. O filme reúne belas canções primorosamente interpretadas. — *Visor 100.*

As estreias de hoje

No Império

Título — «Crime passionnal».
Produção — Francesa.
Realização — Edouard Molinar.
Interpretes — Gérard Oury e Jeanne Moreau.
Argumento — Drama de amor em que a paixão leva ao pecado.
Processo — Normal.
Classificação — Maiores 17 anos.

Sessões clássicas

«O Homem do Braço de Ouro», amanhã no Tivoli

O Tivoli exhibe amanhã, na habitual sessão das 11 horas, «O Homem do Braço de Ouro», um filme magnífico da primeira à última cena, cujo argumento aborda um tema que durante muitos anos foi considerado assunto proibido. Extraordinária realização de Otto Preminger, oferece-nos grandes interpretações de Frank Sinatra, Eleanor Parker e Kim Novak.

Imagem do dia

«O MEU TIO» que os críticos mundiais classificaram de «obra-prima do nosso tempo» entra hoje na 3.ª semana de exibição no TIVOLI. É uma película admirável, engrandecida — UM FILME QUE FICA. O sr. Hulot, criação de Jacques Tati, nunca mais sai dos olhos do publico, como uma das criações mais extraordinárias do cinema.

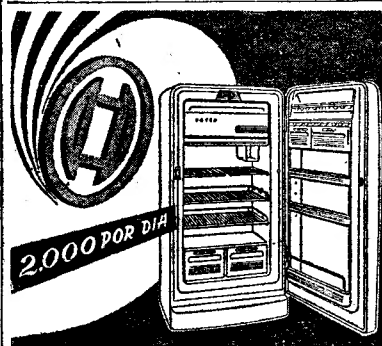
Coliseu

AS ÚLTIMAS 48 HORAS
Todas as crianças podem ver esta noite a sensacional companhia de circo do Coliseu. Amanhã, despedida, às 16 e 21,30 horas

Esta noite, sábado, crianças de todas as idades podem ir ao Coliseu ver, em antepenultimo dia, a gigan-

tesca companhia de circo do Coliseu, com todas as suas maravilhosas atracções aéreas internacionais. Leões e chimpanzés. Palhaços desopilantes. Fantásticos trapezistas e acrobatas e muitos outros fenómenos. Amanhã, despedida, às 16 horas, com espectáculo a que podem assistir crianças e a noite às 21 e 30 horas.

(Ler mais notícias teatrais na 6.ª página)



BOSCH

O 1.º FRIGORÍFICO ALEMÃO
em qualidade, economia, técnica
e preço

Os frigoríficos BOSCH de fama mundial são agora produzidos no ritmo de 2.000 por dia

8 modelos diferentes. Todos os tamanhos. Preços acessíveis. Facilidades de pagamento. Assistência técnica eficiente.



RUA DA EMENDA, 66. 1.º ANDAR - LISBOA - TELEFONE 23081

nas
CONSTIPAÇÕES,
GRIPE, DORES DE
CABECA, DE DENTES,
OU REUMATISMAIS

use
ASPIROQUINAL
E SENTIRÁ IMEDIATO ALÍVIO

Cantinho da Mãe Preta

Beco do Azinhal — ALFAMA
Telef. 366183 — M. DE 17 ANOS



M. da Conceição

Maria da Conceição

à frente dum brilhante agrupamento artístico. Todas as noites farramente ovacionado

FADO RIGOROSO e CANÇÕES TÍPICAS

VARIAÇÕES A GUITARRA
O CANTINHO DA MÃE PRETA está sendo preferido pelas melhores famílias.

ABERTO ATÉ DE MADRUGADA

TRINDADE

Telef. 20000 — (17 anos)
HOJE, ÀS 21,45 HORAS

O T. N. P. APRESENTA O MAIOR EXITO MUNDIAL
DOS ÚLTIMOS ANOS

O DIÁRIO DE ANNE FRANK

AMANHÃ MATINEE ÀS 16,30
O TEATRO ESTÁ AQUECIDO

ADEGA DA ANITA

PARQUE MAYER (Adultos - 17 anos) TELEF. 2 38 68

Apresenta ANITA GUERREIRO
MANUEL FERNANDES, NATALINA PROENÇA,
ARMINDA DA CONCEIÇÃO, JORGE FONTES
E FRANCISCO PERES

Sempre que Almoce, Jante ou Ceie na ADEGA DA ANITA não paga entrada no Parque



TEM BELÍSSIMAS ORQUESTRAS

e um bom programa de «music-hall» o Casino Estoril e o jantar não é mais caro do que em qualquer restaurante de categoria

Em ALVALADE—SADO o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» são vendidos por António D. S. Ferreira.

Já leu o «SEMPRE FIXE»? Então leia!

O Retiro Marialva



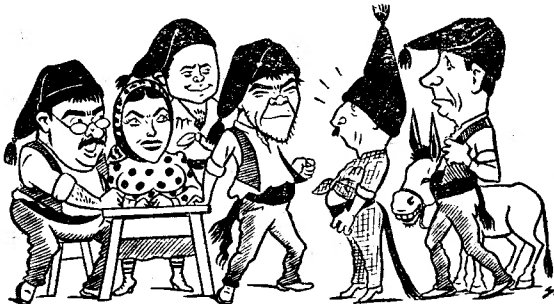
Sob a gerência de Aurora Silva, apresenta hoje e todas as noites um grande elenco

Serve-se almoços, jantares e ceias

Rua do Benfornoso, 56 — Tel. 864448

MARIA VITORIA

Emp. E. Salvador e R. Martins, Ld.

A's 20,30 e 22,45
(ADULTOS — M/17 ANOS)AMANHÃ
ESPECTACULO
À TARDE
A'S 16 HORAS

Humberto Madeira, Lucinda Amaral, Carlos Alberto, Barroso Lopes, Salvador e António Silva no quadro dos «SALOIOS»

A MELHOR REVISTA
de SALVADORcom BIBI
ANTÓNIO
Barroso-Madeira
MIMI
e a atracção
PERLA
CRISTALPOR CAUSA
DELAS...

A PUBLICIDADE DE LANÇAMENTO DO PERTURBANTE FILME DE EDOUARD MOLINARO

CRIME PASSIONAL

(LE DOS AU MUR)

é baseada em duas afirmações:

- 1.ª — Trata-se de um «suspense» de crime e de amor ilícito de extraordinária emoção;
- 2.ª — Trata-se de um filme que só tem interesse desde que seja visto da primeira imagem (antes do próprio título) até à última imagem (depois do aparente desfecho);

e tem de dirigir ao publico um pedido:

- o de que não revele o argumento porque fará perder 50 % do valor, ou da qualidade tão felizmente alcançada pelo realizador.

CRIME PASSIONAL

(baseado no livro de Frederic Dard)

com JEANNE MOREAU e GERARD OURY, é diferente e emotivo, é novo em «suspense» e na intriga amorosa

É UM FILME DA  E O TERCEIRO
DA SELECÇÃO DA TEMPORADA 58-59
doESTREIA
HOJE
às 21.30

IMPÉRIO

ADULTOS
M/17 anos

BUGIO

Telefone 643198

RESTAURANTE
E SNACK-BAR

Pastelaria — Salão de Chá — Bilihares — Salão para banquetes, casamentos, baptizados, festas, etc.

Largo 5 de Outubro

STO. AMARO DE OEIRAS

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA

Casa recomendada serviço de bom hotel

R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

A «BOITE»
DA MELHOR
SOCIEDADE

Casapoga

TELEF. 23584

Empresa MANUEL ZEFERINO

(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

ABC

Emp. Teatral A B C, Ld.

Telef. 366783

A's 20 e 30 e às 22 e 45

UM GRANDE EXITO
DE GARGALHADA
P.ª maiores de 17 anosBILHETES A VENDA
P.ª TODA A SEMANA

Amãhã ma'inhã

O TRIUNFAL «BALLET» - ESPECTACULO:

NOCHES DE ESPAÑA
Y MAYTECHU com SUS
«CLAVELES ESPAÑOLES»
em admiráveis «sketchs» com 10 lindas bailarinasDIVINA GENELTI EM BAILADOS
E CANÇÕES

TODOS OS SÁBADOS E DOMINGOS:

Matinées-dançantes, das 18 às 20 horas, com todo o elenco

Musica de baile por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

ESTREIA DE HOJE: — CRIME PASSIONAL — IMPÉRIO

SAO LUIZ
TEL. 2717115.15 - 18.15 (p. r.)
e 21.30 (M/17 anos)
Brigitte Bardot que
fez das iniciais do
seu nome o grito de
guerra

VAGABUNDOS AO LUAR

com B. B., Alida Valli e S. Boyd
Cinemascope — TechnicolorEDEN
TEL. 20768A's 15.15 e 21.30
(M/12 anos)
3.ª SEMANA
O filme em
Cinemascope

A PONTE DO RIO KWAI

Um filme que ninguém deve perder
ATENÇÃO: Previne-se o publico de
que o filme começa a ser exibido às
15.10 - 18.10 e 21.40.CONDES
TEL. 2252315.15-18.15 e 21.30
(6 anos)
Exito absoluto do
encantador filme
em EastmancolorA FAMILIA TRAPP
NA AMERICA

com Ruth Leuwrik e Hans Holt

ALVALADE
Telefone 76308115.15, 18.15 (p. r.)
e 21.45 (M/17
anos)
B. B. que lançou o
grito de guerra de
1958 em

VAGABUNDOS AO LUAR

com Brigitte Bardot, Alida Valli
e S. Boyd
Cinemascope — TechnicolorLIEZ
TEL. 48560A's 21 (M/12 anos)
QUO VADIS
c/ Robert TaylorGERRASSE
TEL. 20917A's 21 (M/17 anos)
JACOBOWSKY
E O CORONEL
O mar das 7 ondasCASINO ESTORIL
21.30 (M/17 anos)ARIANE
c/ Audrey HepburnEVOL
TEL. 50595O MEU TIO
Uma obra-prima em Eastmancolor
de Jacques Iati.
Amãhã, às 11 h., Ses. Clas. O ho-
mem do braço de ouro» (M/17 anos).PONTANA
TEL. 26301A GARRA DO TIGRE
com Stewart Granger e Barbara Rush
(Adultos — M/17 anos)MONUMENTAL
TEL. 55131FAMINTAS DE AMOR
com Jean Simmons, Paul Newman
e Joan FontaineODEON
Telefone 26283O DIARIO DE MINHA MÃE
Amavam-se com loucura... e tudo
aconteceu naquela tarde...ROYAL
TEL. 845037CINEMA IDEAL
Telefone 24194A's 3 e 6.15 da tar-
de (p. r.) e 9.30 da
noite (M/12 anos)
3.ª Semana do céle-
bre Sr. Hulot emO MEU TIO
Uma obra-prima em Eastmancolor
de Jacques Iati.
Amãhã, às 11 h., Ses. Clas. O ho-
mem do braço de ouro» (M/17 anos).A's 15.15 - 18.15
e 21.30
2.ª semana triunfal
da emocionante e
perigosa aventura
na selva, em
CinemascopeA GARRA DO TIGRE
com Stewart Granger e Barbara Rush
(Adultos — M/17 anos)15.15-18.15 e 21.30
(M/17 anos)
Elas não tinham o
amor que deseja-
vam... Por isso des-
cobriram o amor
que não queriam!FAMINTAS DE AMOR
com Jean Simmons, Paul Newman
e Joan FontaineODEON
Telefone 26283O DIARIO DE MINHA MÃE
Amavam-se com loucura... e tudo
aconteceu naquela tarde...ROYAL
TEL. 845037CINEMA IDEAL
Telefone 24194IMPÉRIO
Tel. 55134-5
(M/17 anos)CRIME PASSIONAL
com Geradr Oury e Jean Moreau
As 18.15, despedida de «Ariane» (M/
17 anos).SAO JORGE
BALCÃO 54154
PLATEIA 5415315.15 - 18.15 e 21.30
(M/12 anos)
Uma comédia gra-
ciosa, alegre e pi-
toresca!
c/ Barry Fitzgerald,
Joan Gregson e Mu-
riel PavlowO GALANTE AVENTUREIRO
Solteiras... Divorciadas... ou Viúvas...
Todas queriam ROONEY para marido...ROMA
Telefone 7277715.30, 18.30 (p. r.)
e 21.45 (M/12 anos)
2.ª SEMANA
Os dois maiores có-
micos internacionais
na hilariante sátiraTOTÓ, FERNANDEL E A LEI
com Noel Roquevert e Nathalie Nerval
No palco, às 22 h., Galo e o seu con-
junto (o mais categorizado do Brasil).AVIS
Telefone 47163A RAPARIGA DAS VIOLETAS
com Sara Montiel e Raf ValloneRISTELO
Telefone 61037521.15 (M/17 anos)
OS IRMÃOS
KARAMAZOV
com Yul Brinner

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

TODAS AS NOITES AS 21 E 45 HORAS (12 anos)

UM GRANDE ÊXITO

da peça em duas parte de DIEGO FABBRI

O Processo de Jesus

TRADUÇÃO DO DR. AGOSTINHO VELOSO
ENCENAÇÃO DE CAYETANO LUCA DE TENA
TODA A COMPANHIAO ESPECTACULO COMEÇA RIGOROSAMENTE A HORA MAR-
CADA, NÃO SENDO PERMITIDA A ENTRADA NA SALA DEPOIS
DO INÍCIO DA REPRESENTAÇÃO

ADEGA MESQUITA

T. 28307

QUARTA-FEIRA, 17 DE DEZEMBRO

FESTA DE HOMENAGEM AO VIOLISTA JOAQUIM DO
VALE (COVINHAS) COM A COLABORAÇÃO GENTIL DE

D. MARIA TERESA DE NORONHA

(SABROSA)

RESPEITAM-SE AS MARCAÇÕES ANTECEDENTES

Teatros e Cinemas

A companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, por um feliz conjunto de circunstâncias, que nada deve ao improviso, ontem, no Teatro Nacional, augur, dentro da relatividade das condições, um acerto, um sortilégio dramático, arredo em geral dos nossos palcos, mesmo neste auspicioso e positivo início de temporada.

A escolha da peça foi, antes de mais, nobilitante. Nela se equivale a qualidade intelectual, traduzida num excepcional poder dialéctico, que é verdadeira festa para a inteligência, e a paixão, a profundidade da emoção, uma seriedade absoluta que, através da expressão teatral mais rigorosa, moderna e condensada, forçam o espectador a uma tomada de consciência. E não será esse o mais antigo e constante e vivificador sentido do grande teatro?

Uma milenária maldição oprime o povo de Israel desde que os seus chefes — juizes e sacerdotes — condenaram a morte o «sedutor» Jesus de Nazaré. Apurar que razões a tanto moveram esses homens — senso realista da história, obediência à letra da lei ou farisaica defesa de uma ordem que eternamente se repete — eis o objecto do processo, que um israelita de nossos dias, ex-professor de exegese bíblica numa universidade teutónica, cada noite promove e vive, de terra em terra, com um pequeno grupo de actores improvisados, em tabladões de acaso, por esse Mundo. Mais ainda do que ao público que os escuta, eles se dirigem às suas próprias consciências. O que importa é saber se o «mágico perturbador» tinha de ser «justamente» sacrificado ou se ele era, na verdade, o Messias.

Começa o primeiro acto quando o professor Elias, sua mulher, Rebecca; sua filha, Sara; um seu discípulo, David; e ainda um jurado espontâneo, recrutado entre a assistência, escolhem e assumem os papéis daqueles que hão-de defender, atacar e julgar o enigmático profeta da Galileia. Assim, na esteira de Pirandello, Diego Fabbri, senhor de uma linguagem dramática renovada e ágil, encastoa, num «tour de force» perfeitamente logrado, uma representação noutra representação. David, o acusador, quer reduzir o processo a uma fria discussão jurídica, mas Sara opõe-lhe a necessidade de descer verticalmente, com o socorro da emoção, ao fundo das consciências, para que mais uma vez se não repita o veredicto da culpabilidade, que a todos mergulha, todas as noites, numa insaciável desesperança. Caifás, Maria, Pilatos, Pedro, João, Tomé, Lá-

«O Processo de Jesus», no Teatro Nacional



As principais figuras da peça, vistas por Fernando Bento

zaro, são ouvidos e as suas palavras interpretadas. Maria é a fé, Caifás a voz de uma razão de Estado, Pilatos o homem político por excelência, neste conflito do qual o lugar-comum foi repulso.

A pouco e pouco vai-se insinuando no processo a força luminosa da emoção. O mesmo areópago que, de começo, recusa averiguar o coeficiente de veracidade do milagre, acaba por se deixar perturbar com esse poder maravilhoso de Jesus, que entretanto dele se não serviu para descer da cruz e cujo milagre maior era o próprio fascínio da sua pregação, o fascínio do amor, como dirá Maria Madalena. Todas as figuras que intervêm na acção apresentam uma originalidade, são vistas através de um novo ângulo: assim, por exemplo, Judas, o traidor, aparece como uma espécie de arcanjo da revolta, levado por doloroso imperativo de consciência, a uma aliança política com os sacerdotes, ao verificar que a revolução de Jesus, puramente interior, não redimiria Israel da sua sujeição terrena. Nestas e noutras perspectivas secundárias se nos revela Diego Fabbri em toda a complexidade da sua problemática, esse Diego Fabbri, dramaturgo excepcionalmente autêntico e «agitador» (como Jesus) que — assim factos já históricos no-lo dizem — comprometeu generosamente a sua existência não apenas na arte mas, honra lhe seja feita, na luta contra o fascismo, durante os anos turvos do delírio mussoliniano e da guerra.

Mas, regressando ao essencial, o que esta peça afinal pretende dizer-nos — e o segundo acto desencana todas essas angústias, dúvidas e nostalgias de Deus que jazem no «vazio» dos homens inquietos — mundo descrentes e participam é a infinita necessidade de fé que o Mundo experimenta, mesmo o activamente no processo, sobre o qual impendem os sinais do Apocalipse. Assim um novo processo se abre na peça: o dos crentes de hoje, que são os «fariseus» ou os que são cristãos sem o saberem, como a Madalena hodierna do amor venal ou o cego, o filho prodígio, que de um camarote, de entre os espectadores, apostrofa os juizes. A conquista de Cristo não terá sido a redenção dos homens, mas foi pelo menos a instilação do remorso. Cristo — os espectadores do processo o negam e o confessam pateticamente — vive agora dentro dos homens. Assim, mercê da comoção que se levantou no público, a sentença tradicional da condenação não será proferida.

Um drama íntimo se inscreve no seio do drama universal: é o problema lancinante de Sara e de David. De Sara que, vítima da carne, atraçou seu marido, Daniel, com o jovem acusador e que agora, afastada para sempre do esposo e companheiro, o lamenta incansavelmente e renega as voluptuosas e falazes satisfações do instinto. De David, que traiu Daniel, denunciando-o, como judeu, aos nazis, porque ele era ainda o senhor do coração de Sara e, mais ainda, porque estava à beira de uma conversão, de uma iluminação.

Uma personagem fundamental, até porque prepara o desenlace, que é uma apoteose, sentimental, contidamente intensa, Pentecostes de alma, parece-nos ser a da mulher da limpeza, figura inesperada que vem declarar o seu milagre de amor: a ressurreição, toda interior, de um filho amado, fuzilado pelos homens, mas que nela revive a cada momento.

Revisão do cristianismo? Discussão do milagre, do alcance e do resultado da pregação de Cristo, das circunstâncias sociais e políticas que envolveram o seu julgamento e morte, esta peça eminentemente teatral, em que triunfa por fim a religiosidade instintiva, numa comedida hosana de esperança (que artisticamente atinge todos os espectadores, crentes ou agnósticos, ansiosos de verdade e de justiça), traz-nos, com salutar irreverência, com agudo fervor, uma busca consciente de autenticidade — palavra das mais sérias e actuais na Europa de hoje —, e ao mesmo tempo uma descida à fonte subterrânea e limpa da fé.

Orquestrar todos os elementos cénicos — texto, movimento, cor, luz, cenografia, indumentária — de modo a deles extrair todas as possibilidades, valorizando, sem arreboques decorativos, um diálogo de incessante riqueza, era a ambição declarada de Cayetano Luca de Tena, o encenador que o Teatro de D. Maria em boa hora foi buscar a

Espanha. Tanto ele conseguiu venturosamente o seu objectivo (secundado por Pedro Lemos) que a sua encenação é quase inaparente e melhor preito não poderíamos aqui render-lhe. O cenário de Lucien Donnat, com oportunas sugestões de pintura não figurativa rondando, em sua liberdade e pesquisa, a tonalidade do estado de alma, não poderia ser mais acertado, tanto na nobreza despojada do proscénio, como naquele fundo quase transferido para a reflexão.

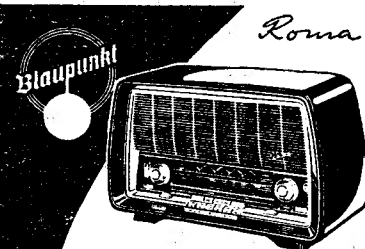
Acrescente-se a tudo isto um nível de interpretação francamente bom e por vezes excelente. José de Castro, admirável actor, sempre em ascensão honesta e profunda, é um David torturado, forte, sóbrio e dramaticamente tenso, colocando com rigorosa justeza a voz e os movimentos; Mariana Rey Monteiro (Sara) e Helena Felix (na breve, mas inesquecível, intervenção de Madalena), ambas modelares de comunicação emocional, de inteligente e ductil elaboração interior dos seus papéis. Varela Silva destaca-se, brilhante, numa composição de jurado, admirável pelo sentido de modernidade, combinando, o que é difícil, a eloquência com a discrição. Amélia Rey Colaço á altura do seu consagrado talento, sacrificando-se à episódica criação de Rebecca; Raul de Carvalho (um espectador) muito expressivo e á vontade noutro pequeno desempenho cheio de significado; e ainda uma revelação: a do fogo que anima uma jovem e bela artista, que desse seu temperamento vibrante deu as melhores provas: Ema Paul. Mas seria injusto, neste rol, não citar o valioso e até brilhante concurso de Jacinto Ramos (um João Evangelista todo em alvura e paixão), de Catarina Avelar (a Virgem Maria), o correcto desempenho de Paiva Raposo, de Luís Filipe, de Jaime Santos, de Manuel Correia, Carlos Duarte, Erico Braga, António Palma, Carlos Avilez) uma personalidade a acompanhar com o interesse que merece), e Alberto Ponces, Luís Cerqueira (ainda um tanto incipiente), a colaboração de João Mota, António Machado, Carlos Rosa, Alfredo Amaral e Maria Luísa Sousa. De acordo com a sentença que reza que os últimos serão os primeiros, a nossa homenagem ao fulgor inextinguível de Palmira Bastos, que com tanto êxito e talento defende o estilo histriónico da sua época.

E ainda uma nota de emoção: a presença do espectáculo, acentuada pelo gesto de Igrejas Caeiro, do espírito amável e generoso de um ausente: o saudoso Robles Monteiro.

U. T. R.

"Ourivesaria Algés"

Grande sortido em OURO, JOIAS, PRATAS e RELÓGIOS; aos MELHORES PREÇOS. AV. DOS COMBATENTES, 13-A Telef. 012523 — ALGÉS



SÉRIE SINFÓNICA DE SOM ESTEREOFÓNICO SUPER-ALTA-FIDELIDADE

ONDAS MÉDIAS, CURTAS (COM DESDOBRAMENTO MICROMÉTRICO), LONGAS E FREQUÊNCIA MODULADA COMUTACÃO DE ONDAS E REGISTO ESTEREOFÓNICO POR TECLAS BÚSSOLA MÁGICA E ANTENA BIPOLAR REGISTO DE RESSONÂNCIA FORMADOR DE SOM BLAUPUNKT ELIMINAÇÃO DE INTERFERÊNCIAS LIGAÇÕES PARA GIRA-DISCOS E ALTOFALANTE SUPLEMENTAR E GRAVADOR DE SOM

Preço Esc. 2.650\$00

A VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

PONTO AZUL

Em LISBOA como em PARIS

COTE PERMANENTE

1^{re} EXCLUSIVITÉS PARIS Les 53 premiers résultats arrêtés au 27 Novembre de l'année 1958

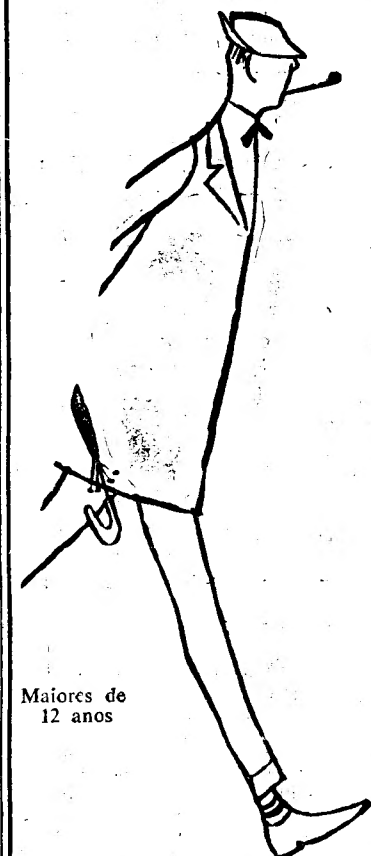
(Films sortis depuis le 1^{er} Janvier 1958)

CLASSEMENT ENTRÉES

* Première exclusivité en cours au 27 novembre 1958 FS = Francopie; CS = Cinémascope; DS = Dyaliscope; VV = Vistavision; TC = Techniscope. Le chiffre entre parenthèses indique le nombre de semaines de première exclusivité.

Mon Oncle (23) 532.983 Quand passent Cigognes (21) 381.251 Le Bal des Maudits (CS) (10) 297.271

E EM TODAS AS GRANDES CIDADES DA EUROPA E DA AMERICA!



Maiores de 12 anos

O Meu Tio

RECEBE O ACOLHIMENTO QUE MERECE!

NO

TIVOLI

3.^a

SEMANA

DE SORRISO PERMANENTE E DE GARGALHADAS SEM CONTO COM

JACQUES TATI

NO FILME QUE TODOS CONSIDERAM EXTRAORDINÁRIO!

O Meu Tio

A OBRA-PRIMA DO NOSSO TEMPO PARA TODA A GENTE DO NOSSO TEMPO!

NATAL

Não pense mais! Junte o útil ao agradável! Com uma máquina de fazer café



Faldhaus



V. Ex.^a fará um presente ideal, quer se trate dum casamento, aniversário ou retribuição de qualquer gentileza.

A venda nas casas de artigos eléctricos e ménage

Para revenda: Armando Ribeiro d'Almeida Rua do Arco, a S. Mamede, 4, 3.º Telefone 66 14 40 — Lisboa

Comunicado

VIUVA CONTRERAS & FILHOS, SUC. APOLINÁRIO CONTRERAS

tem a honra de comunicar que abriu uma nova unidade comercial denominada TABACARIA ALTO, instalada na Estrada Marginal anexo ao Hotel Cibra — no Estoril, onde espera a visita de V. S.^{as} e aguarda a continuação das prezadas ordens dos seus clientes e amigos.

A GERÊNCIA

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

O jogo Benfica-Sporting atração máxima das multidões domina o interesse geral da 12.ª jornada

Durante a semana, não se falou noutra coisa senão no tradicional «derby» do futebol nacional, o Benfica-Sporting, o jogo que atrai as multidões, provocando uma sensação especial, num misto de angústia e de curiosidade. Pela primeira vez esta época, «encarnados» e «leões» vão enfrentar-se, aliás, em circunstâncias especiais, dado que o Benfica comanda a classificação sem ter sido ainda derrotado, ao passo que o Sporting, com menos três pontos, acusa, em 11 jogos, 7

vitórias, 2 derrotas e 2 empates, reflexo de rendimento irregular.

Não será exagero afirmar-se que o encontro da Luz domina o interesse geral da 11.ª jornada, dado que um contratempo do Benfica pode abrir largas perspectivas aos seus mais directos perseguidores. Todavia, refira-se o jogo de Braga, tradicionalmente entusiástico e que levará porventura à cidade dos arcebispos uma numerosa falange de apoio portista.

A 12.ª jornada engloba os seguintes

TORNEIOS DE FUTEBOL

Os encontros da 15.ª jornada do «Nacional» da 2.ª Divisão não devem alterar a posição dos «guias»

O Campeonato Nacional da 2.ª Divisão tem amanhã a sua 15.ª jornada nas duas Zonas da fase inicial.

Na Zona Norte o programa apresenta-se assim:

Leixões (22)-Vian. (10) (3-0)
Espinho (14)-G. Vicente (12) (0-0)
Vila Real (14)-Boavista (22) (1-2)
Sanj. (13)-Oliveirense (16) (0-2)
Salgueiros (16)-Chaves (16) (0-1)
Portaleg. (4)-Tirsense (12) (1-2)
Marin. (12)-Peniche (13) (4-1)

Os dois guias da classificação têm sortes diferentes. Enquanto o Leixões recebe sem grandes apreensões o Vianense, o Boavista vai a Vila Real com a preocupação de uma tarefa que se sabe será difícil.

O jogo da capital de Trás-os-Montes tem as honras da jornada, seguindo-se-lhe o Salgueiros-Chaves.

Os jogos de S. João da Madeira

VOLEIBOL

O Sporting venceu o Benfica

Embora a maior parte da assistência, que ontem acorreu ao ginásio do Técnico, o fizesse pelo aliante que sempre proporcionam os jogos Benfica-Sporting, a verdade é que o L. Ginásio-Técnico, jogado antes, e também a contar para a mento, constituiu sem dúvida multifase final do Torneio de Encerramento melhor afirmação de voleibol.

Com efeito, quer os ginastas, quer os engenheiros proporcionaram um excelente espectáculo, com fases brilhantíssimas.

A vitória sorriu ao Técnico apenas porque foi mais feliz no derradeiro «set». Se no voleibol houvesse empate, ele teria sido o resultado ideal.

Os vencedores tiveram em Alvaro Vilela o seu melhor elemento, quicá o melhor jogador dos dois encontros. Nos vencidos, salientaram-se Coelho Ferreira e Jaime Duarte.

No «derby» lisboeta os «leões», batendo-se com muita garra e revelando melhor ligação entre os seus sectores, conseguiram alcançar uma excelente vitória sobre os «encarnados» que apesar de actuarem melhor que na sua última apresentação continuaram a mostrar pronunciada quebra de forma.

Elementos em evidência nos dois grupos: Costa e Silva e Xara Brasil, no Sporting, e F. Freire e Magalhães, no Benfica.

Como derradeiro apontamento, diga-se que as arbitragens ainda que imparciais pecaram pelo exagero. Uma, de Craveiro Lopes, demasiado vigorosa, a outra, de Fernando Dias, tolerante ao máximo.

Resultados técnicos:

Técnico-L. Ginásio, 3-2 (15-12; 11-15; 9-15; 15-6 e 15-12).
Sporting-Benfica, 3-1 (15-13; 15-10; 11-15 e 15-11).

Na Zona Sul, os encontros são os seguintes:

Atlético (23)-Serpa (12) (1-2)
Juvent. (11)-Coruchense (7) (2-3)
Portimon. (14)-Oriental (15) (0-0)
Olhanense (21)-Farense (14) (2-0)
Estoril (15)-Arroios (9) (3-2)
Montijo (15)-Sacavenen. (11) (1-2)
Beja (10)-Almada (17) (0-5)

Os dois primeiros da classificação — Atlético e Olhanense — recebem os adversários e são tidos como favoritos, não sem que se lhes exija aplicação constante e nada de excessos de confiança. O Almada tem uma deslocação para ser encarada com todas as cautelas.

Do trio que os segue — Oriental, Montijo e Estoril — todos estão destinados a tarefas difíceis, mormente os orientistas. Admite-se que os jogos sejam nivelados, tal como sucederá em Évora.

e da Marinha Grande têm grande interesse, sobretudo, regional.

Na Zona Sul, os encontros são os seguintes:

Atlético (23)-Serpa (12) (1-2)
Juvent. (11)-Coruchense (7) (2-3)
Portimon. (14)-Oriental (15) (0-0)
Olhanense (21)-Farense (14) (2-0)
Estoril (15)-Arroios (9) (3-2)
Montijo (15)-Sacavenen. (11) (1-2)
Beja (10)-Almada (17) (0-5)

Na cauda da classificação devem verificar-se algumas mudanças, dado que os serranos actuam «em casa» e os Caldenses são visitantes. A Académica terá de acautelar-se por quanto os Vimaraneses, pletóricos de força moral, tudo tentarão para não ser desalojados do 2.º lugar. Quer dizer, ao interesse do jogo da Luz alia-se o que diz respeito às tarefas das equipas pior classificadas. Enfim, uma jornada que é susceptível de constituir uma nova etapa neste campeonato.

A incógnita da Luz

Fortes ou fracos, Benfica e Sporting são sempre adversários dignos um do outro. Aliás, os despiques entre ambos costumam oferecer uma pronunciada sugestão de dúvida — uma aliciante incógnita.

Amanhã, a perspectiva manter-se-á, se bem, conforme, já frisámos, que os «encarnados» atravessam um melhor momento, principalmente no sector dianteiro que dispõe de unidades aptas a tirar proveito do terreno encharcado. Temos a impressão de que a equipa que tiver melhores rematadores ganhará o pleito. Como parmenor curioso, salienta-se a circunstância de o Benfica nas últimas quatro temporadas não ter sido derrotado pelo Sporting, no estádio da Luz. O que os «leões» conseguiram de melhor foram dois empates.

Belenenses e Guimaraes em situações diferentes

Os segundos classificados têm tarefas distintas. Enquanto os Vimaraneses vão a Coimbra, os «azuis» actuam no Restelo. Tudo se conjuga para que a Académica desfaça o «acasalamento» dado que os Eboreses não reúnem condições técnicas e físicas para surpreender o Belenenses, cujo conjunto está em excelente forma.

O F. C. do Porto e o Sporting de Braga travam um despique que se afigura renhido. A curiosidade da inovação táctica de Guttman é um atractivo, bem como a tradicional réplica que os Bracarenses costumam dar aos portistas. A previsão do empate entra no domínio da lógica.

Nos restantes encontros, qualquer dos visitados — Caldas, C. U. F. e Vitória de Setúbal — são capazes de pelo menos conseguir um ponto. De anotar, o interesse que está a despertar o jogo do Barreiro.

tes jogos, todos marcados para amanhã:

Benfica-Sporting
Belenenses-Lusitano
Spt. Braga-F. C. Porto
Académica-V. Guimarães
Torriense-Caldas
Spt. Covilhã-C. U. F.
Barreirense-V. Setúbal



Na cauda da classificação devem verificar-se algumas mudanças, dado que os serranos actuam «em casa» e os Caldenses são visitantes. A Académica terá de acautelar-se por quanto os Vimaraneses, pletóricos de força moral, tudo tentarão para não ser desalojados do 2.º lugar. Quer dizer, ao interesse do jogo da Luz alia-se o que diz respeito às tarefas das equipas pior classificadas. Enfim, uma jornada que é susceptível de constituir uma nova etapa neste campeonato.

A incógnita da Luz

Fortes ou fracos, Benfica e Sporting são sempre adversários dignos um do outro. Aliás, os despiques entre ambos costumam oferecer uma pronunciada sugestão de dúvida — uma aliciante incógnita.

Belenenses e Guimaraes em situações diferentes

Os segundos classificados têm tarefas distintas. Enquanto os Vimaraneses vão a Coimbra, os «azuis» actuam no Restelo. Tudo se conjuga para que a Académica desfaça o «acasalamento» dado que os Eboreses não reúnem condições técnicas e físicas para surpreender o Belenenses, cujo conjunto está em excelente forma.

O F. C. do Porto e o Sporting de Braga travam um despique que se afigura renhido. A curiosidade da inovação táctica de Guttman é um atractivo, bem como a tradicional réplica que os Bracarenses costumam dar aos portistas. A previsão do empate entra no domínio da lógica.

Nos restantes encontros, qualquer dos visitados — Caldas, C. U. F. e Vitória de Setúbal — são capazes de pelo menos conseguir um ponto. De anotar, o interesse que está a despertar o jogo do Barreiro.

BASQUETEBOL

Vitórias dos mais cotados numa jornada sem grandes rasgos

Benfica, 77-Tabacos, 31
Nacional, 56-Queluz, 37
Sporting, 75-Atlético, 51
Belenens., 51-C.A.C.O., 40

No Pavilhão dos Desportos, desenrolou-se, sem grande interesse, mais uma ronda do Campeonato Regional da Divisão de Honra, registando-se os triunfos das equipas mais cotadas que na verdade, não tiveram por parte dos adversários grande oposição.

O programa abriu com o encontro Benfica-Tabacos, no qual os «encarnados» (em bom estilo e já com Bernardo Leite a actuar dentro de um plano aceitável) não sofreram oposição e chegaram rapidamente a uma marcação volumosa. O Tabacos desajeitado não teve garra nem teve poder para contrariar a melhor concepção de jogo dos «encarnados». Os melhores marcadores foram: Aires (18) e José Alberto (13) por parte do Benfica; e Vaughan (12) e Amaral (8) do lado do Tabacos. Arbitragem sem grandes rasgos.

No segundo encontro, o Nacional, mais uma vez, no seu estilo característico, à base de Moraes, Domingos e Hugo, impôs-se ao Queluz, que não conseguiu furar a fortíssima defesa dos antagonistas. O Queluz tornou a pecar no capítulo de encestamentos, obtendo uma média muito baixa. Os novos divisionários revelam ainda certa inexperiência, principalmente, no contra-ataque, que não concretizam convenientemente. Moraes, do Nacional voltou a ser a «vedeta» da equipa e do encontro. Devido à sua acção o Nacional contou com 29 pontos. No Queluz, os melhores marcadores foram: Dean (6), Alexandre (6), Orlando (6), Pipio (9) e Inocência (7). Arbitragem suficiente.

A terceira partida, entre o Sporting e o Atlético, veio a findar com um excelente triunfo dos «leões», que parece terem reencontrado a coesão do jogo e velocidade nos es-

quemas utilizados. O Sporting, diga-se em abono da verdade, «passou» no Pavilhão, acertando em cheio. Há muito tempo que não viamos os «leões» empregarem-se com tanto ardor. O Atlético, apesar de bem batido, também deu mais um passo em frente, pois, revelou um espírito aguerrido fora do vulgar. Aos «alcantarenses» falta-lhes quanto a nós, mais precisão, nos encestamentos. Se acertarem neste aspecto, podem estar certos que fugirão de «cabeça erguida» à zona fatal que ainda ocupam. Garranha foi o melhor marcador dos «leões» (20), seguido de Abílio (15) e Feu (13). No Atlético, Edgar (14), Morga (13) e Costa (13) foram os melhores encestadores. A arbitragem esteve incerta não acompanhando o ritmo do jogo.

Finalmente, na última partida da noite o Belenenses perante um Campo de Ourique, enérgico e vigoroso, esteve em dificuldades, até quase ao final. Ao intervalo, os vencidos deram uma réplica entusiástica, equilibrando o marcador (26-22). Na segunda parte e enquanto durou o poder físico, o C. A. C. O. perturbou os contra-ataques dos «azuis» que fizeram, na verdade, uma partida sem brilho, não acertando o passo tanto nos encestamentos como também na esquematização das jogadas. Os melhores marcadores foram: Franco (15) por parte do Belenenses; e Osório (11) e Portela (11) do lado do Campo de Ourique. A luta de tabelas foi rija, mas sempre leal. A nota de grande elevação foi-nos dada pela actuação dos árbitros, principalmente, de Artur Tavares, impressionante de autoridade.

A classificação actual é a seguinte:

	J.	V.	D.	«Scores»	P.
SPORTING...	9	8	1	699-435	25
Belenenses ...	9	8	1	579-422	25
Benfica	9	7	2	535-425	23
Nacional	9	4	5	430-426	17
Tabacos	9	3	6	447-572	15
Atlético	9	2	7	438-551	13
C. A. C. O. ...	9	2	7	381-550	13
Queluz	9	2	7	373-508	13

HÓQUEI EM PATINS

Benfica e Campo de Ourique voltam a defrontar-se hoje

Benfica e Campo de Ourique defrontaram-se, ontem, na pista do primeiro, para a segunda «mão» da última eliminatória da fase de abertura do Campeonato Nacional de hóquei em patins.

Venceu o Benfica por 4-2, o que obriga a novo desafio, o qual, por sorteio, foi marcado para esta noite no ringue do Benfica. Com efeito, o Campo de Ourique não conseguiu manter a vantagem de duas bolas com que entrara na pista, se bem que a terceira partida apenas fosse ditada a escassos quatro minutos do fim.

Os campeões nacionais triunfaram com inteiro merecimento, pois formaram o melhor conjunto, a partir do momento em que Urgeiro entrou e substituiu José Lisboa. Com efeito, desde essa altura, a movimentação dos «encarnados» passou a ter vivacidade mais contagiante e maior poder na zona de remate. Não será Urgeiro um jogador de alto conteúdo técnico, mas a verdade é que o «cinco» da casa beneficiou extraordinariamente com a sua inclusão.

Mais tarde, o técnico do Benfica fez entrar Camarate para a posição de Perdigão. Claro que, pouco depois, Perdigão reentrou com Lisboa, saindo Camarate e Vitor Rocha. A saída da defesa benfiquista, a despeito de ser a última substituição impunha-se já há algum tempo.

Não fora ele quem facilitara a obtenção do primeiro tento, com dois erros consecutivos? Não foi ainda o numero dois dos «encarnados» que facilitou a tarefa de Rebelo, a quando do segundo tento do Campo de Ourique, apesar de, em última instância, se poder responsabilizar José Ferreira? E' que o defesa benfiquista, a despeito da sua enorme vontade não tem possibilidade de amular a sua notória falta de mobilidade. Apenas, porém, nos parecia mais útil a colocação de Lisboa no lugar de Vitor Rocha, mantendo Urgeiro no lugar de médio. Assim

não se fez e o Benfica deixou de ter o ritmo atacante que demonstrara enquanto Urgeiro esteve a dar a colaboração ao binário, o qual foi bem melhor quando constituído por Perdigão-Mário Lopes.

Relativamente ao Campo de Ourique teve actuação de certo modo idêntica à da primeira «mão». Simplesmente, não compreendemos a saída de Rebelo quando a mais indicada era a de Nazário, evidentemente esfafo. Como era tão notória a incapacidade física de Nazário, admitimos que a saída de Rebelo terá sido imposta por motivos alheios à marcha do jogo.

Matos, que actuou em bom plano, foi, entretanto culpado do terceiro tento. Que grande «frango»!... Todavia, a derrota nada teve que ver com esse infortunio. Carlos Bernardino voltou a ser a figura numero um da equipa, embora não de forma tão fulgurante como no seu ringue. Os seus amoucos com os companheiros são sempre extemporaneos, sejam quais forem as circunstâncias...

JOSE GRAIS

HOJE, À NOITE

BADMINTON — Principia o campeonato de seniores, às 21 horas, defrontando-se Sporting-Lisboa Ginásio e Direito-Técnico, na Escola Nuno Gonçalves; e Triangulo-Benfica, em São Bento.

HOMENAGEM — A direcção do Benfica promove, às 20 horas, na Casa do Alentejo, um banquete em honra do orfeão do Benfica.

TENIS DE MESA — No Restelo e em Alvalade, às 21 e 30 horas, em equipas femininas, defrontam-se Belenenses-Sporting (B) e Sporting (A)-Benfica, respectivamente.

VOLEIBOL — No Gil Vicente, às 19 e 30 horas, prossegue o torneio feminino, jogando o Benfica contra o Sporting (B).

XADREZ — No Grupo Alekhine, às 21 e 15 horas, realiza-se a terceira sessão da prova de 1.ª categoria.

(Continua na 13.ª página)

Vadinho outra vez...

RIO DE JANEIRO, 13 — Segundo notícia «O Jornal», desta capital, que insere noticiário da malograda chegada a Lisboa do jogador Vadinho, este elemento do futebol brasileiro, que se encontra em Minas Gerais, está a preparar as malas, a despeito de se falar imenso no seu ingresso no Vasco da Gama ou no Fluminense. Diz aquele jornal carioca que Vadinho seguirá para Lisboa na próxima semana. — (Efe).

De ontem para hoje

O POVO E A AGRICULTURA

Já ontem havíamos enunciado o tema levado à Assembleia Nacional, pelo deputado Melo Machado. Mas, falar de agricultura e dos problemas que lhe andam estritamente ligados merece algo mais do que simples enunciado. Ao levar tão vasto tema à Assembleia, o orador tinha presente que mais de 40 por cento da população portuguesa sofre de uma carência económica afiliva que nenhum paliativo remove. «A agricultura é a grande doente da nossa economia», disse o deputado Melo Machado. E isto só quer dizer que amparos e solicitudes terão de se escorar em medidas de reforma técnica e cooperativa, de modo a libertá-la desse inimigo tradicional que é o intermediário entre o produtor e o consumidor. Produzir mais, melhor e com menos aplicação do capital humano, desviado para outros centros de produção, eis o que a agricultura portuguesa reclama, enfadada, como está no empirismo, na vida vil e mesquinha, sem horizontes de cultura nem visão do verdadeiro mundo do seu tempo. Enquanto isto não for compreendido e realizado, a indústria continuará a depender axiomáticamente de uma economia débil e muito fraca adjuvante.

FEIXE DE IMAGENS

O ministro das Corporações visitou a zona da doca de Pedrouços onde vai ser instalado o porto de pesca de Lisboa. Assim se vai confirmando o pesadelo dos estetas e técnicos do turismo. Um porto de pesca, sem ter sequer a graça folclórica de outros antigos, parece o mais deslocado naquela zona turística da cidade.

* No Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, integrada no ciclo de conferências da Escola de Pais, falou o dr. Silva Antunes (pediatra dos H. C. L.) de alguns problemas médicos na adolescência. A sessão teve concorrência desusada e o conferente prestou-se a responder a múltiplas perguntas postas pela assistência.

* Apareceu morto em Murteira (Arada) o jornalista Manuel Marques dos Santos (42 anos) supondo-se que o atropelante se tenha posto em fuga; perto de S. Luís (Odemira) foi mortalmente atropelado por motocicleta João Soromenho. O causador do desastre (Humberto da Encarnação, empreiteiro) e o seu acompanhante (Manuel Ribeiro, comerciante) ficaram em estado grave. Moram ambos em Odemira.

* Reuniu-se a assembleia geral anual da Associação Industrial Portuguesa. Concorrência larga e largo debate de ideias deram-lhe foros de acontecimento. Destaque-se as palavras do dr. Francisco Cortez Finto, depois de analisar circunstâncias da nossa industrialização e dos caminhos da sua actualização. Para acompanhar esta, a Associação actualizou os seus serviços, futura base de um centro de estudos de feição privada, com condições para desempenhar papel de maior alcance na análise e interpretação de problemas nacionais. Para o novo centro dirige a Associação as suas esperanças porque será instrumento de orientação e luta para a indústria portuguesa.

JORNAL PEQUENO

O Presidente da República recebeu o contra-almirante Marques Esparteiro; dr. António Júlio de Castro Fernandes, eng. Rogério de Vargas Moniz, Costa Brochado e comandante Henrique Tenreiro; comodoro Daniel Duarte Silva e dr. António Duarte Silva; e drs. Vilhena Soares, Orlando de Abreu e Gastão de Bettencourt; esteve naquele palácio, a inscrever-se no livro de cumprimentos o dr. Bento Parreira Amaral. * O Presidente do Conselho trabalhou com os ministros da Presidência e da Defesa Nacional e recebeu o prof. dr. Caeiro da Mata, presidente da comissão executiva das comemorações do IV Centenário da Morte do Infante D. Henrique. * Os Municípios de Barcelos e Vila Verde vão gastar 531 contos em trabalhos de electrificação dos seus concelhos. * Foram aprovados o relatório e o orçamento da Ordem dos Advogados. * A Câmara Municipal de Coimbra vai erigir um busto ao poeta Sá de Miranda. * Foi homenageada a memória do dr. António Pedroso Pimenta, que foi presidente da Sociedade Portuguesa de Contabilidade. A iniciativa da instituição pertence a esta entidade. * O general Antunes Cabrita e o brigadeiro Holbeche Fino que deixaram o comando da 3.ª Divisão, foram homenageados no Campo de Instrução Militar de Santa Margarida.

Homenagem a Boavida Portugal

Por motivo da sua elevação a sub-chefe da redacção do nosso prezado colega «O Século», o brilhante jornalista e escritor Boavida Portugal foi homenageado pelos seus colegas com um almoço, ao qual se associaram os srs. João Pereira da Rosa, director daquele jornal, que se encontra ausente do País, dr. Guilherme Pereira da Rosa, director-adjunto, Carlos Alberto Pereira da Rosa, director do «Século Ilustrado»; Acurcio Pereira, chefe da redacção; Adelino Mendes, António Maria Lopes, Matos Sequeira, Henrique Pavão, José Barão, Viana de Almeida, e todos os outros redactores daquele diário. Nos discursos, salientaram-se as qualidades de carácter e de profissionalismo de Boavida Portugal que, em todos os meios, só tem conquistado simpatias tanto pela generosidade do seu coração, como pela sua admirável actividade.

Por fim, Boavida Portugal agradeceu num brinde, de eloquente recorte literário, fazendo votos para que a «família do Século» sob a direcção competente do sr. João Pereira da Rosa, continue a fazer daquele jornal o grande órgão da opinião pública.

Cooperativa Agrícola dos Produtores de Leite do Concelho de Mafra

Conforme publicação já feita nalguns jornais de Lisboa, em 8 e 9 do corrente, o Conselho Fiscal desta Cooperativa, por lapso, indicou na sua moção apresentada à assembleia geral extraordinária que a Direcção tinha efectuado um pagamento de 4.974\$40 à Intendência Geral dos Abastecimentos que nos desculpe o quando, de facto, a importância foi paga a Inspeccção Geral dos Produtos Agrícolas e Industriais (I. G. P. A. I.), relativo a serviços de fiscalização requisitados pela citada Direcção.

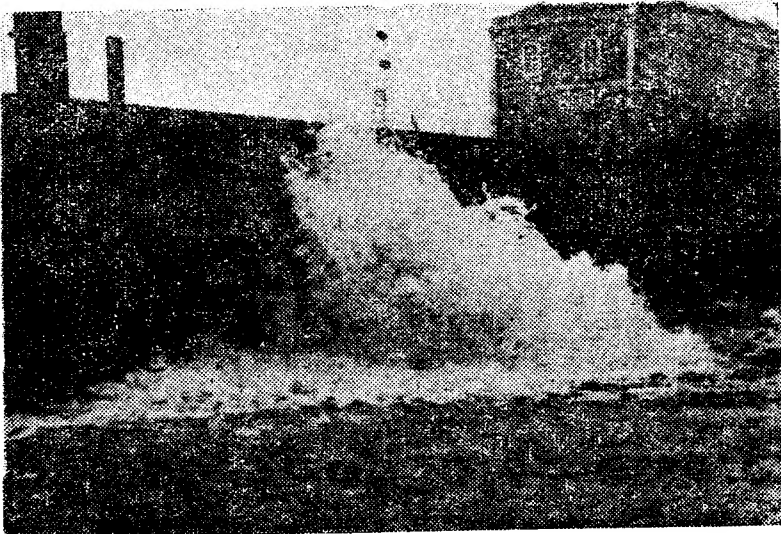
A Intendência Geral dos Abastecimentos que nos desculpe o lapso havido.

Mafra, 13 de Dezembro de 1958.

O CONSELHO FISCAL
Gregório Afonso Junior
Jaime Leonardo Esteves
Júlio António Carloto

*É mais fácil
evitar do que curar.
Usando pasta
medicinal VARETA evita-
se futuras e graves doenças
na boca.*

Grande Lotaria do Natal
Habilite-se para os
12.000 CONTOS
na
VARETA
Rua do Carmo, 84 — LISBOA



O efeito da rotura do colector

Rebentou um colector da Companhia das Aguas provocando inundações e interrompendo o trânsito na Rua dos Caminhos de Ferro

Esta manhã, pouco antes das 10 horas, quando chovia a bom chover, rebentou um colector da Companhia das Aguas, na Rua dos Caminhos de Ferro, em frente à Calçada dos Cesteiros e ao começo da Rua da Bica do Sapato.

As águas irromperam com força, inundaram diversos estabelecimentos e algumas casas particulares atingindo, depois as linhas 1 e 2 da C. P.

Ficou interrompido o trânsito entre a estação de Santa Apolónia e a Rua do Vale de Santo António.

Pedidos os socorros do Batalhão de Sapadores Bombeiros, compareceram no local material e pessoal da 4.ª companhia, sob a direcção do chefe Eleutério, que mandou seguir para lá da Rua do Vale de Santo António alguns carros eléctricos que estavam na zona inundada e prestou assistência às pessoas que se encontravam nas lojas e nas casas particulares invadidas pelas águas.

Junto ao gradeamento fronteiro ao local do sinistro, numerosos populares, indiferentes à chuva, contemplaram o belo espectáculo oferecido pelo grande e inesperado recesso.

Pessoal da Companhia das Aguas

de Lisboa procedeu, depois de cortar o abastecimento naquele sector, à substituição da parte do colector que rebentou.

Foram também solicitados os socorros dos Bombeiros Municipais noutros locais, onde se registaram inundações: Rua Artilharia Um, n.º 100; Rua Serpa Pinto, no edifício do Teatro de São Carlos; Rua da Arrábida, 8; Rua de São Francisco Borja, 12; Rua dos Franqueiros, 180; e na Travessa da Saude a Pedrouços, no Lar dos Pescadores.

Rajadas de vento e fortes aguaceiros no Porto e nos arredores

PORTO, 13 — (Pelo telefone) — Durante a madrugada de hoje, rajadas de vento que atingiram a velocidade de 110 quilómetros-horários, e fortes aguaceiros, fustigaram a cidade e arredores, causando estragos em telhados e clara-

O ministro das criticou a acção das Casas do Povo ao dar posse

Tomou posse esta manhã, no Ministério das Corporações e Previdência Social, o novo vice-presidente da Junta Central das Casas do Povo, sr. dr. Fernando Baptista da Silva, que desempenhava as funções de chefe de secção da Direcção-Geral do Trabalho e Corporações.

Presidiu ao acto da posse o ministro, sr. dr. Veiga de Macedo, que fez, ao saudar o empossado e o seu antecessor, importantes considerações sobre a missão e a actividade das Casas do Povo e salientou as providências tomadas com o objectivo de proporcionar à Junta as condições indispensáveis ao efectivo cumprimento das tarefas cada vez mais importantes que lhe compete levar a cabo.

— As Casas do Povo — afirmou o ministro — são uma das mais belas florações da doutrina corporativa portuguesa.

E o sr. dr. Veiga de Macedo acentuou:

— Talvez me disponha um dia a revelar donde têm soprado os ventos contrários às Casas do Povo e as razões da atitude daqueles que, parecendo integrados nos princípios da nossa Constituição Política, vêm, todavia, prejudicando a evolução do regime corporativo, sobretudo no domínio do amparo devido ao trabalhador agrícola.

Prosseguindo, o ministro afirmou:

Prosseguindo, o ministro afirmou depois:

— Não é através de repartições públicas, mas de instituições autónomas que podem resolver-se as questões sociais. Não é por meio

boias, derrubando árvores e perturbando a circulação dos eléctricos, já de si habitualmente de-factos.

No mar também se fizeram sentir os efeitos do temporal. O navio bacalhoeiro «Vila do Conde», que se encontra ancorado em Massarelos, garrou e foi atirado para a margem direita do Douro, onde os pilotos da barra o socorreram e reconduziram ao seu ancoradouro. Os pilotos foram, ainda, pelas 4 horas, chamados a socorrer duas barcas que servem de pontão a reconstrução do novo cais junto às obras da futura Ponte da Arrábida. A barra do Douro está fechada à navegação e em Leixões também não tem havido movimento devido à forte agitação do mar.

Em Viana do Castelo

VIANA DO CASTELO, 13—(Pelo telefone) — Desde ontem que esta região se encontra sob forte temporal. De madrugada, o mau tempo provocou uma avaria nas linhas condutoras de alta tensão, pelo que Viana e seus arredores estiveram às escuras. A barra do Lima está encerrada à navegação desde ontem ao meio-dia.

A travessia do Atlântico em balão

SANTA CRUZ DE TENERIFE, 13.—«Tudo corre bem a bordo do «Pequeno Mundo» — anunciou um dos membros da equipa (três homens e uma mulher) que está a tentar a travessia do Atlântico, em balão.

Comunicaram, por código secreto, com os membros da equipa que aqui se encontram. A breve mensagem acrescenta apenas que o «Pequeno Mundo» se encontra «algures sobre o Atlântico», mas tanto bastou para serenar os animos preocupados com a sorte dos audaciosos passageiros. — (A. N. I.).

Pretendem vender ouro, pratas, ou joias recebendo o máximo?
GRANDE OURIVERSARIA DA MODA
R. da Prata, 257

JOÃO CAMILLO ALVES, LDA.

... tem a honra de participar que a partir de 15 do corrente recomeça a distribuição da sua consagrada marca de

VINHOS DE MESA

Monte Serwes

LEVEMENTE ESPUMANTE NATURAL
BRANCO OU ROSÉ

apresentado na sua embalagem tradicional
e agora em

GARRAFA INDIVIDUAL

Monte Serwes
"minor"

Pedidos pelos telefones:

LISBOA-1 — Rua Fernão Lopes, 9-1.º Esq. 4 09 33
4 50 66
4 02 61
BUCELAS — Rua João Camillo Alves 054 001

Corporações is que dificultam as do Povo ao dr. Baptista da Silva

de serviços do Estado, mas de serviços integrados nos organismos corporativos ou com eles identificados que se poderá fazer alguma coisa de útil e de perdurável em prol da gente do campo.

O sr. dr. Veiga de Macedo disse, também, que seria grave «pensar na criação de quaisquer serviços sociais do Estado em concorrência com as Casas do Povo ou para suprir a sua falta», e asseverou que estas e as suas federações «estão aptas a resolver todos os problemas que lhes dizem respeito — tudo está em que lhes não sejam negadas as disponibilidades financeiras a que têm incontestável direito e em que se evitem escusadas sobreposições».

A concluir, o dr. Veiga de Macedo afirmou ainda:

— De tais premissas doutrinárias e legais decorre a conclusão de que temos de prosseguir no mesmo rumo, com coragem e tenacidade.

A seguir ao ministro, usou da palavra o sr. dr. Cid Proença, vice-presidente cessante que manifestou o seu reconhecimento ao sr. dr. Veiga de Macedo, pela colaboração que sempre lhe prestara, e felicitou o seu sucessor, ao qual desejou muito êxito na sua missão.

O empossado, por último, agradeceu a confiança que o ministro nele depositara, ao entregar-lhe tão altas funções, e afirmou o seu desejo de continuar a bem servir os princípios em que se inspira a política do Ministério das Corporações.

No final, o sr. dr. Fernando Baptista da Silva foi muito cumprimentado.

TERMINARAM HOJE os exercícios navais

Concluídos os últimos exercícios navais deste ano, ao largo da costa portuguesa, regressaram ao Tejo as unidades que neles participaram. Esta manhã, no Centro de Operações, no Alfeite, houve uma reunião, para apreciação dos resultados dos exercícios, em que tomaram parte todos os comandantes e oficiais das referidas unidades.

A SOCIEDADE PORTUGUESA DE MÁQUINAS BULL, LDA., e a COMPAGNIE DES MACHINES BULL, de PARIS, têm a honra de apresentar pela primeira vez em Portugal «UM CONJUNTO DE CÁLCULO ELECTRÓNICO COM TAMBOR MAGNÉTICO» que se encontra em exposição no «hall» do Instituto Superior Técnico até 19 de Dezembro. Serão aí efectuadas conferências e demonstrações práticas com o seguinte programa :

Sábado 13 Dezembro	às 21,30 Demonstrações sobre «Aplicações Bancárias»
Segunda-feira 15 Dezembro	às 18,30 às 21,30 Demonstrações sobre «Controle de Existências e Facturação»
Terça-feira 16 Dezembro	às 18,30 Demonstrações sobre «Controle de Existências e Facturação» às 21,30 Conferência: «Aplicação das Máquinas por Cartões Perfurados aos Problemas de Stock de Artigos Acabados e Facturação», pelo Ex. ^{mo} Senhor Eng. ^o Dupuy da «Fondation Bedaux»
Quarta-feira 17 Dezembro	às 18,30 Demonstrações sobre «Lançamento de Fabricação» às 21,30 Conferências: «Aplicação das Máquinas por Cartões Perfurados nas Companhias de Seguros», pelo Ex. ^{mo} Senhor Eng. ^o L. Caille da firma «Dumas Michel & C. ^a Ld. ^a ». «Cálculo das Reservas Matemáticas», pelo Ex. ^{mo} Senhor Eng. ^o L. de Bournonville.
Quinta-feira 18 Dezembro	às 18,30 Demonstrações sobre «Aplicações Bancárias» às 21,30 Conferência: «Aplicações das Máquinas por Cartões Perfurados aos Bancos»
Sexta-feira 19 Dezembro	às 18,30 Demonstrações sobre «Pesquisa Operacional» às 21,30 Conferência: «Pesquisa Operacional e Cálculo Científico», pelo Ex. ^{mo} Senhor Eng. ^o L. de Bournonville

A conversa dos gorilas

JOANESBURGO, 13 — Com uma máquina de filmar e um gravador de fita, um cientista tenciona aproximar-se dos gorilas, na África Equatorial, até poder gravar as suas «conversas».

O dr. Bolwig, professor de Zoologia da Universidade Witwatersrand, afirmou que se deslocaria a pé na maior parte da sua viagem de oito meses, para estudar os hábitos, comportamento social e meios de comunicação dos grandes gorilas, tentando descobrir a maneira como esses factores se desenvolveram nos seres humanos. Procurará esclarecer se os gorilas aperfeiçoaram uma linguagem verbal e se já chegaram mesmo a pronunciar as suas primeiras palavras. — (R.)

Tomaram posse cinco directores clínicos dos Hospitais Civis

No gabinete da administração dos Hospitais Civis, em cerimónia presidida pelo sr. dr. Braga dos Reis, secretário do ministro da Saúde, que representava, tomaram posse os novos directores clínicos dos hospitais de Arroios, Desterro, Capuchos, Curry Cabral e Santa Marta. Depois de lidos e assinados os autos, o sr. dr. Rafael Ribeiro, que foi quem deu posse aos srs. drs. Horácio Pereira, Jorge Silva Araújo, Carlos Gomes de Oliveira, Iriarte Peixoto e Carlos George, usou da palavra para saudar o representante do ministro e os empossados, de tão largo e documentado exercício profissional.

O orador fez o elogio da acção assistencial dos H. C. — onde se verifica menor demora média nos internamentos, menor taxa de mortalidade — trataram-se, o ano passado, 25.029 doentes, o que representa o movimento de 1.500 camas — tudo fazendo prever que será ainda possível melhorar estes números.

Em nome dos empossados, falou o sr. dr. Horácio Pereira.

O acto, extraordinariamente concorrido, terminou com os cumprimentos aos empossados.

O ministro da Defesa vai participar nas reuniões da N.A.T.O.

Em avião militar, seguiu para Paris o sr. general Julio Botelho Moniz, ministro da Defesa Nacional, que vai participar na reunião, ao nível ministerial, do Conselho da Organização do Tratado do Atlântico Norte, que se realiza na capital francesa. Aquele membro do Governo era acompanhado pelo seu ajudante, capitão Sá Nogueira, e pelos generais Luís da Camara Pina e Costa Macedo, respectivamente, chefes dos Estados-Maiores do Exército e das Forças Aéreas.

No aeroporto, estiveram a despedir-se, entre outras individualidades, os srs. almirante Quintanilha Mendonça, ministro da Marinha; almirante Sousa Uva, secretário-adjunto da Defesa Nacional; general Valente de Carvalho, governador militar de Lisboa; comandantes Gabriel Teixeira e Correia de Barros; tenente-coronel Araújo e Silva e major Pinto Bessa, do gabinete do ministro do Exército; coronel Silva Correia, chefe do gabinete do subsecretário de Aeronáutica, em sua representação; generais Meira e Cruz, director da Arma de Cavalaria; Nunes da Silva; Adelino Veríssimo, subchefe do Estado-Maior do Exército; almirante Filipe Castela; almirante Guerreiro de Brito, chefe do Estado-Maior da Armada; brigadeiro Baptista; tenente coronel Silva Viana, chefe de gabinete do ministro da Defesa; general Anibal Vaz, comandante da G. N. R.; general Venancio Deslandes, subchefe do Estado-Maior das Forças Aéreas; coronel Mário Cunha, comandante-geral da P. S. P.; oficiais do Secretariado da Defesa Nacional, etc.

Regressou hoje a Moçambique o cardeal-arcebispo de Lourenço Marques

Acompanhado do seu secretário, monsenhor Abílio de Carvalho, regressou hoje a Moçambique o sr. cardeal-arcebispo de Lourenço Marques, D. Teodósio Clemente de Gouveia, que se encontrava há algumas semanas em Lisboa, depois de ter participado, em Roma, nas cerimónias do conclave para a eleição do Papa João XXIII.

No aeroporto, estiveram a despedir-se, entre outras individualidades, o sr. comandante Guilherme dos Reis Tomás, representando o Chefe do Estado; o sr. dr. Silva Tavares, subsecretário de Estado da Administração Ultramarina, por si e pelo ministro do Ultramar; e o arcebispo de Milene, em representação do cardeal-patriarca.

Estiveram, também, presentes, à despedida, os srs. comandante Correia de Barros, governador-geral de Moçambique e esposa; Gabriel Teixeira, antigo governador daquela província; monsenhor Luigi Gentile, em representação do sr. cardeal D. Fernando Cento.

Um jogador inglês morreu num treino

EALING (Inglaterra), 13 — O futebolista inglês George Coomber, de 27 anos, morreu ontem, durante um treino, ao cabecear violentamente uma bola em direcção às redes. O movimento provocou-lhe uma hemorragia cerebral, tendo sido inúteis os esforços dos médicos. — (A. N. I.).

TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até às 15 horas: máxima, 15,9; mínima, 15,1. No mesmo dia do ano passado: máxima, 14; mínima, 7,7.

— Temperaturas registadas hoje na Costa do Sol: no ar, 14,4; na água do mar, 14,6.

SERVIÇOS DE CHA
GRANDE VARIEDADE — FABRICO PRÓPRIO
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telef. 24564



O ministro da Defesa Nacional á sua partida para Paris

A acção do Instituto de Assistência à Família tem sido minimizada por falta de cooperação doutros organismos assistenciais

No anfiteatro do Instituto Maternal, na Maternidade Alfredo da Costa, efectuou-se, hoje de manhã, a sessão de encerramento da 4.ª Semana de Estudos Sociais do Instituto de Assistência à Família.

Presidiu o director do Instituto de Assistência à Família, tenente Assis Gonçalves, que, de depois de ler uma síntese dos objectivos da ultima semana de Estudos, apresentou as conclusões da Semana, que foram as seguintes:

«A instituição da família, nos povos que se regem pelos princípios da moral cristã, é a célula básica da sociedade.

Nestas condições, em Portugal, como o preceitua a Constituição, todas as instituições, todas devem servir essa instituição, de total base social: a família. Assim, exprimiui-se o desejo de ser preparada e pedida uma acção frontal e global de todos os valores positivos, no sentido de serem coordenados e dirigidos para o campo da imediata protecção à família.

Não se nos tendo facilitado a cooperação de outros órgãos de coordenação e prestação de assistência, formulámos o voto de que esta se torne mais pronta e eficiente.

Neste sentido, e uma vez que se trata do principal perscrutador das mais prementes necessidades das famílias e que, portanto, precisa, para as satisfazer do auxílio pronto das diferentes organizações assisten-

ciais, conclui-se que ele deve ser o órgão coordenador local, através das suas delegações distritais.

Para tanto, necessário se torna que sejam aumentados substancialmente os seus meios de acção. Só assim se poderá evitar a proliferação de obras de assistência dispensáveis, a sobreposição ou desvio da acção de outras e incrementar as mais necessárias.

Nomeadamente, sugere (como nas Semanas anteriores já se concluiu) que as actividades assistenciais dos concelhos sejam gradualmente integradas nas Santas Casas das Misericórdias, sempre que possível e onde as houver, em substituição das comissões locais de Assistência.

Considera-se, como medida fundamental e inadiável, a transferência para outra ou outras organizações, do chamado inquérito económico (hospitalar) pelo carácter forçosamente precário e coercivo que o mesmo reveste.

Entendeu-se que as organizações que solicitam ao I. A. F. inquéritos sociais, ou informações, devem aceitar o «plano de acção assistencial» proposto pelos seus serviços.

Finalmente, apraz ao Instituto transmitir o voto geral de que o Serviço Social seja quanto possível liberto de formalidades que possam entravar a sua actuação — uma vez que é uma doutrina servida por uma técnica própria.

Terminada a sessão, todos se dirigiram ao Ginjal, onde houve um almoço de confraternização.

O Natal visto pelas crianças

Temos já em nosso poder cerca de setecentos trabalhos para o concurso «O Natal visto pelas crianças», que está a despertar o mais vivo interesse. Pinturas e desenhos, manchas de cor admiráveis, de uma pureza e originalidade extraordinárias, revelam-nos numerosos artistas autênticos. Faltam somente três dias para terminar o prazo de entrega de trabalhos que devem ser enviados ao «Diário de Lisboa» (Rua Luz Soriano, 44) ou à nossa delegação do Porto (Rua do Almada 30, 2.ª), acompanhados do nome, idade e morada do seu autor, bem como o nome da escola que frequenta. Para facilitar a sua inscrição podem os concorrentes preencher e enviar, juntamente com os seus trabalhos, o cupão que publicamos na 11.ª página.

Amanhã publicaremos a lista dos prémios, que são constituídos por saborosos chocolates da Regina, variado e útil material de desenho e pintura da Casa Ferreira, e interessantes obras da Livraria Portugal.

PARA COMPRA E VENDA de HIPOTECAS e PROPRIEDADES

A CONFIDENCIAL

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS

DIRETÓRIO de AUTOMÓVEIS

Emphasamos qualquer aquisição Transacção estimada em menos de 1 hora

14

R. Passos Manuel

Telef. 27011-28721

PORTO

Rossio 3 LISBOA

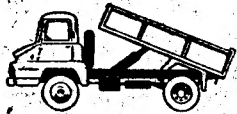
Telefones: 21391-30257

FORD-TRADER

DIESEL E GASOLINA

UM CAMIÃO PARA CADA GÊNERO DE TRABALHO

DE 1,5 A 10 TONELADAS



BASCULAS COM OU SEM REBOQUE



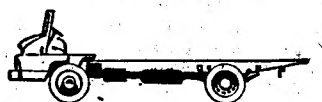
CHASSIS PARA SEMI REBOQUES



CAMIÕES COM OU SEM REBOQUE



CHASSIS COM CABINE



CHASSIS PARA PASSAGEIROS ATÉ 37 Lug.

INFORME-SE DAS SUAS CARACTERÍSTICAS
J. MENDES COELHO, LIMITADA
 RUA ALEXANDRE HERCULANO, 6-A • TEL. 46147-43523

NO SEU CONCESSIONÁRIO FORD E ACEITE UMA DEMONSTRAÇÃO
AUTO BOAVISTA, LIMITADA
 RUA DA BOA VISTA, 81-B • TEL. 666124

OS FORD TRADER SÃO APOIADOS PELO SERVIÇO FORD

- Motores Ford Diesel de 4 e 6 cil. com respectivamente 69 e 108 H. P.
- Motores Ford e Gasolina de 70 e 110 H. P.
- Caixa de velocidades sincronizada e embraiagem hidráulica.
- Diferencial hipoide completamente flutuante. Equipado com ou sem redutor.
- Molas dianteiras e trazeiras com «molejamento sincronizado».
- Amortecedores dianteiros e trazeiros.
- Chassis inteiramente plano e de grande robustez.

- Distribuição de peso perfeita. 1/3 no eixo da frente e 2/3 no eixo de trás.
- Pequeno raio de viragem.
- Coluna de direcção independente da cabine.
- Cabine flutuante.
- Para-brisa de uma só peça de visibilidade panorâmica.
- Assentos em espuma de borracha.
- Reboques e semibreques.
- Peso bruto até 25.340 Kgs.

ANTES DE ESCOLHER BRINDE!
 VEJA OS MODELOS 1959
 DAS MÁQUINAS DE COSTURA E TRICOTAR
HUSQVARNA-ORION



DOIS PRODUTOS
 QUE TÊM A
 GARANTIA E
 ASSISTÊNCIA DA

ORGANIZAÇÃO **HUSQVARNA** EM PORTUGAL
 PERTENCENTE A
SOC. LUSO-SUECA, L^{DA}
 COM SEDE EM LISBOA, NA R. ALEX. HERCULANO, 9-A
 E FILIAIS EM TODO O PAÍS

Sociedade «Estoril»

Caminho de Ferro do Cais
 do Sodré a Cascais
LEILÃO

Em 22 do corrente, às 10 horas, na estação do Cais do Sodré, Lisboa, nos termos do artigo 114.º da tarifa geral e do artigo 11.º da tarifa de operações acessórias, proceder-se-á à venda em hasta pública de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes encontrados abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se, portanto, os consignatários das remessas de que podem ainda retirá-las, pagando o seu débito à Sociedade «ESTORIL», para o que deverão dirigir-se ao serviço da secretaria, na sua sede, estação do Cais do Sodré, todos os dias úteis até ao dia 19.

Lisboa, 3 de Dezembro de 1958.
 O ENGENHEIRO DIRECTOR
 A. Bual

Caixa de Previdência do Pessoal da Marinha Mercante Nacional

Casas de renda económica do Bairro de Alvalade

Avisam-se os beneficiários desta Caixa, que se encontra aberto concurso, pelo prazo de 30 dias, para a ocupação de um fogo vago e de todos os que vierem a vagar nos próximos dois anos, nos tipos 2 e 9 do Bairro de Alvalade.

Tipo 2 — Renda: 340\$00
 Agregado familiar: casais com o máximo de 1 ou 2 filhos, neste caso do mesmo sexo.

Tipo 9 — Renda: 640\$00
 Agregado familiar: casais com o máximo de 5 ou 6 filhos, neste caso número par de cada sexo.

As restantes condições estão patentes na sede da Caixa, durante as horas normais do expediente.

A COMISSÃO ORGANIZADORA



José dos Santos Beco

FALECEU

CONFORTADO COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

Rosa da Conceição dos Santos, José dos Santos Beco Júnior, sua mulher Agnes Figueiredo Beco e filha, Maria Rosa dos Santos de Montalvão, seu marido José Maria Ferreira Alves Montalvão e filho, João dos Santos Beco, sua mulher e filhos, Beatriz dos Santos Silva seu marido e filha, Augusto dos Santos Beco, mulher e filhos Isidro de Brito sua mulher e filhas, Maria de Brito Antunes, marido e filhos, Francisco de Brito, Ricardina de Brito, Joaquim de Brito, mulher e filhos, Deolinda Brito da Silva e marido, Rosalina Brito Ferreira, marido e filhos e mais família participam que foi Deus servido chamar à Sua Divina presença o seu querido marido, pai, sogro, avô, irmão, cunhado, tio e parente, e que o funeral se realizou hoje, da Igreja de Nossa Senhora de Fátima para jazigo do cemitério do Alto de S. João.

P. N. A. M.

AGÊNCIA BARATA



José dos Santos Beco

FALECEU

A GERÊNCIA DA SOCIEDADE JOSÉ BECO LIMITADA, com o mais profundo pesar participam o falecimento do seu muito prezado sócio fundador e bom amigo, e que o funeral se realizou hoje, da Igreja de N. S. de Fátima, para jazigo no cemitério do Alto de S. João.

DEFENDA-SE DA GRIPE

INSTALANDO EM SUA CASA UM

OZONIZADOR WALTER

APARELHO ELECTRICO MUITO SIMPLES E ECONÓMICO QUE PURIFICA O AR, ELIMINA CHEIROS E DESTROÍ OS AERÓBIOS POR MEIO DO OZONE

NÃO REQUER PRODUTOS QUÍMICOS NEM INSTALAÇÃO ESPECIAL. CONSOME APENAS 7 W POR HORA

PREÇO DESDE ESC.: 560\$00

IMPORTADORES **ICAL**

Travessa da Glória, 19, 3.º-Esq. — Tel. 29131

EXPOSIÇÃO E VENDA

C. SANTOS, LDA. — Av. da Liberdade, 29 a 41 — LISBOA

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MUTUOS FUNERÁRIA 1.º DE MARÇO DE 1887

CONVOCAÇÃO

De harmonia com o § 1.º do artigo 26.º dos Estatutos, é convocada a Assembleia Geral Ordinária desta Associação a reunir na sua sede, Rua Gilberto Rolá, 67, 2.º, desta cidade, pelas vinte e uma horas do dia 19 do corrente, com a seguinte

ra o mesmo ano. Regularização de créditos em litígio.

Se meia hora depois da marcada, não estiver presente numero legal de sócios para a mesma funcionar, fica desde já feita nova convocação, para o dia 26, à mesma hora e com a mesma Ordem de Trabalhos.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

Américo Correia da Conceição

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

devidas ao estafilococo. Alinham noutro grupo as intoxicações químicas de origem alimentar e as diarreias motivadas pelo mesmo agente microbiano, e que tantas vezes se observam no decurso dos tratamentos pelos antibióticos, e outras causadas pelo enterococo, proteus e colibacilo, tornados violentos por traumatismos e choques, incluindo os psíquicos. Os órgãos prescindem de ser espiados para funcionarem com regularidade.

Crises do tipo nitritóide foram observadas depois da ingestão de peixes gordos: atum, albacora, anchovas e outros. Estes acidentes supõem-se estarem ligados às percentagens de histamina e melhoram com o uso de anti-histamínicos. Pertencem ao vasto capítulo das alergias.

O botulismo é devido a uma toxina segregada pelo bacilo «botulinus», cujos esporos se encontram misturados com a terra. O bacilo A é mais vulgar na América, nas chamadas terras virgens, e o B na Europa e na Ásia, cujos solos são trabalhados pelo homem há muitos séculos. Tem especial importância esta distinção, visto o tratamento ser diferente para cada uma das formas clínicas.

Acentuadamente neurotrópica, esta toxina torna-se inactiva quando submetida, durante cinco minutos, a uma temperatura de 60°.

Em virtude da anaerobiose do referido bacilo os alimentos que se contaminam com maior facilidade são os enlatados, conservas e pastas. Todos, porém, podem desencadear crises mais ou menos graves de botulismo, desde as azeitonas à carne, mesmo a frigorificada, quando consumida fora dos prazos estabelecidos pelas boas regras de higiene e sanidade. Esporos têm sido encontrados em presuntos, imprópriamente preparados e curtidos, esporos que são transportados pelas larvas das moscas.

A afeção é independente da quantidade de alimentos ingeridos. Quantas vezes é suficiente provar um alimento contaminado para adquirir a doença! A calda de tomate, por exemplo, quando preparada e conservada sem as devidas precauções, pode desencadear uma crise grave.

O período de invasão passa muitas vezes despercebido, e o de incubação, regra geral, dura vinte horas a quatro ou cinco dias.

Nesse espaço de tempo sucedem-se náuseas, vômitos, cólicas, diarreias, tudo isto sem febre, apesar do enfermo sentir fadiga, penosa lassidão. Têm muita importância, nestas toxinfecções, as alterações oculares, oftalmoplegia total, com a consequente imobilidade do globo, e quase desaparecimento da secreção lacrimal.

Regista-se ainda diminuição da saliva e secura da língua e da cavidade bucal.

Todos os músculos podem ser afectados, observando-se com frequência parésias ou falsas paralisias.

Não se verificam alterações da sensibilidade ou do psiquismo, apesar do estado de profundo abatimento do indivíduo atacado. Sucede o mesmo com a temperatura e o hemograma, e, contudo, a marcha pode ser rápida e fatal.

Quando a evolução é favorável, a sintomatologia desaparece progressivamente em três ou quatro semanas. As alterações oculares são as últimas a abandonar o enfermo.

O diagnóstico desta afeção nem sempre é fácil, confirmando-se, porém, quando aparecem vários casos numa mesma família ou num grupo de convidados a um casamento ou a um banquete de homenagem. O laboratório pode auxiliar o diagnóstico, verificando a existência dos bacilos nas sobras alimentares. A prova é feita por exame directo (esporos e toxina), por cultura ou injeção na cobaia.

O prognóstico é sombrio, grave. A taxa de mortalidade chega a ser de trinta por cento nos Estados Unidos, país essencialmente consumidor de alimentos enlatados e de conservas.

O tratamento consiste na aplicação, a tempo e horas, de anatoxina, soros A e B e mistura de ambos quando a etiologia não se encontrar estabelecida com clareza.

Uma polícia alimentar, bem organizada, deve vigiar de perto a indústria dos enlatados e das conservas, com tendência a aumentarem em todos os países. A lata com alimentos deve ser posta de lado quando o indivíduo suspeitar do estado da conserva. Esta pequena precaução pode evitar graves danos.

As salmoneloses representam setenta por cento dos casos de toxinfecções. São causadas por microrganismos do tipo salmonela, gram negativas, ciliados e móveis. Conhecem-se mais de cento e quarenta (a lista aumenta todos os dias: «Fla-

vour Research and Food», New York, 1958), sendo os mais vulgares o bacilo de Gartner e o de Aertysche. Os paratíficos B e C podem, em determinados casos, ser os responsáveis.

São as carnes, sobretudo as de porco e a de cavalo, que originam os casos de salmoneloses. Seguem-se as conservas, e os legumes e peixe. Os ovos são excelente meio de cultura. A fonte principal é, porém, a carne, originária de animais doentes. Quando esta se encontra tocada, as geladeiras não evitam o mal. O processo continua e a segurança é precária.

A incubação faz-se em doze a vinte e quatro horas. Quando este período diminui, aumenta a gravidade da afeção. Febre alta, 39° a 40°, vômitos, cólicas violentas, diarreia (quinze a vinte vezes por dia), língua seca, celaleias, náuseas e astenia constituem os principais sintomas. Em alguns doentes observam-se também erupções do tipo exantemático e púrpura. O exame clínico é pouco esclarecedor e as provas laboratoriais (serodiagnóstico) positivas passado o décimo quinto dia, isto é, quando a infecção desapareceu.

A coprocultura, após enriquecimento, pode revelar colónias características, passadas as primeiras vinte e quatro horas.

As formas pseudotífoides são mais resistentes e, por esse motivo, sombrias.

A gravidade da afeção baixou depois do aparecimento dos antibióticos de largo espectro: terramicina, cloromicetina, tetraciclina com metalosfato de sódio, catomicina sódica e ainda outros, associados às vitaminas, em particular ao complexo B.

As toxinfecções devidas ao estafilococo foram observadas, em primeira mão, nos Estados Unidos, depois em França e posteriormente na Espanha e noutros países da Europa.

São os portadores de germes que infectam os alimentos. O calor destrói o bacilo, mas não tem acção sobre a toxina.

Servem também de veículo toda a pastelaria, os cremes, leite, produtos leiteiros, enchidos e conservas.

Muitos dos manipuladores destes artigos de consumo, portadores responsáveis, sofreram de furúnculos, panarícios, piodermites, acné infectado, afeções rinofaríngeas, etc.

O diagnóstico clínico e laboratorial é fácil de estabelecer. O estafilococo dourado pode ser identificado nos alimentos suspeitos e também nos vômitos e dejectos dos doentes.

A observação do enfermo servirá ao mesmo tempo para localizar a origem microbiana, isto é, o ponto de partida.

No ataque à saúde não contam unicamente as toxinfecções de origem alimentar: os produtos químicos, corantes e outros, utilizados para conservar os alimentos, são, por sua vez, assaz perigosos para a normal existência do indivíduo colectivo.

Os corantes, os anti-sépticos, tudo, enfim, quanto hoje se agrega a artigos de primeira necessidade, devem ser policiados e vigiados. Não me refiro aqui às práticas de falsificação. Esta matéria constitui outro capítulo...

Tudo isto tem muita importância. Representam pequenas e grandes coisas que diariamente atentam contra a vida.

«Si le ridicule ne tue pas» — refere um conhecido sanitarista francês — determinadas práticas correntes podem ocasionar graves transtornos à grei.

O uso e abuso de adubos e pesticidas, na agricultura, além de empobrecerem os géneros, constituem uma permanente ameaça.

Tudo quanto se faça para proteger a higiene alimentar colectiva representa o adicionar de mais uma parcela, na coluna positiva, a contar para o futuro.

Defender a qualidade dos alimentos é tão importante como vacinar populações indefesas.

Evitar, evitar — eis o lema da medicina moderna!

VIDA ARTÍSTICA

Exposição de fotografias de Fernando Soares

Inaugurou-se ontem nas salas do Foto-Clube 6x6, à Rua das Chagas, uma notável exposição de trabalhos de Fernando Soares, artista da fotografia, para quem a objectiva não encerra segredos. Não se sabe que mais admirar no certame, se a escolha dos motivos se a arte de fotografar. São mais de cinquenta trabalhos onde a luz, a expressão humana e a perspectiva atinjem uma alta beleza. O mar, as aves, os animais, o campo, os monumentos e os navios, tudo constitui para Fernando Soares o motivo de imagens preciosas fixadas em tonalidades admiráveis, com um sentido artístico que justifica, afinal, plenamente, os prémios que o autor tem conquistado em certames nacionais e estrangeiros e cuja atribuição tem representado, também, de certo modo, um meio de propaganda do nome português além fronteiras.

TERMINA AMANHÃ

a Semana da Tuberculose

Prosseguiram hoje os trabalhos da 28.ª Semana da Tuberculose. Durante o dia efectuou-se o tradicional peditório nos teatros, cinemas e outros centros de diversões, e os estabelecimentos do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos estiveram patentes ao publico. As verbas apuradas até agora, no peditório, sobem a 70 contos. Mil escudos foram oferecidos por um anónimo e 500 escudos pela Sonap. Amanhã, com o peditório às portas das igrejas e capelas abertas ao culto, encerra-se mais esta Semana da Tuberculose.

TRIBUNAIS

Roubos em Cascais

No 1.º Juízo Criminal responderam Renato da Conceição Leal, serralleiro; Fernando Rodrigues, fotógrafo, e Joaquim Augusto Plácido de Castro, carpinteiro, que, em Agosto do corrente ano, praticaram uma série de roubos no Monte Estoril, Cascais e praias do Guincho e da Torre. Foram condenados, o primeiro, a 20 meses de prisão, 242 dias de multa a 30 escudos e mil de imposto; o segundo a 22 meses, 274 dias de multa a 30 escudos e mil de imposto, e o terceiro a 12 meses, 90 dias de multa a 30 escudos e mil de imposto de Justiça.

O desastre da Avenida do Aeroporto

No 7.º Juízo Correccional foi julgado o motorista Mário Caracol Valente, de Lisboa, que na noite de 17 de Agosto de 1957, na Avenida do Aeroporto, conduzindo o seu automóvel no sentido Norte-Sul, foi chocado no mesmo sentido, pelo lado esquerdo, com um carro ligeiro conduzido por Américo Nunes dos Santos. Do embate, que foi violento, resultaram a morte do condutor do segundo dos veículos e graves ferimentos em António Nunes dos Santos, António Martins Barata, Joaquim Gomes das Neves e José Nunes, que viajavam no carro sinistrado. No julgamento provou-se que a culpa do acidente coube unicamente ao infeliz Américo Nunes dos Santos, pelo que o réu foi absolvido.

Reunião das juventudes

Partiram para Roma, onde vão assistir a uma reunião dos dirigentes das organizações da juventude dos países da N. A. T. O., os srs. drs. Moreira da Silva e Francisco Alambre dos Santos, da M. P.

O Natal visto pelas crianças portuguesas

Concurso organizado pelo Diário de Lisboa

CUPÃO DE CONCORRENTE

Nome ... Idade

Morada ...

Escola ...

(Preencher em letra bem legível)



Não é preciso o veneno dos Bórgias...



Todos os dias o próprio desgaste celular dá origem a produtos tóxicos que podem acumular-se no seu organismo. Além disso os resíduos alimentares também originam perigosas fermentações produtoras de «toxinas». A pouco e pouco a sua resistência enfraquece e abre-se a porta à doença. Previna-se!

Um dia por semana... dê férias ao seu organismo

MAS SEM O FORÇAR A SACRIFÍCIOS INSUPORTÁVEIS.

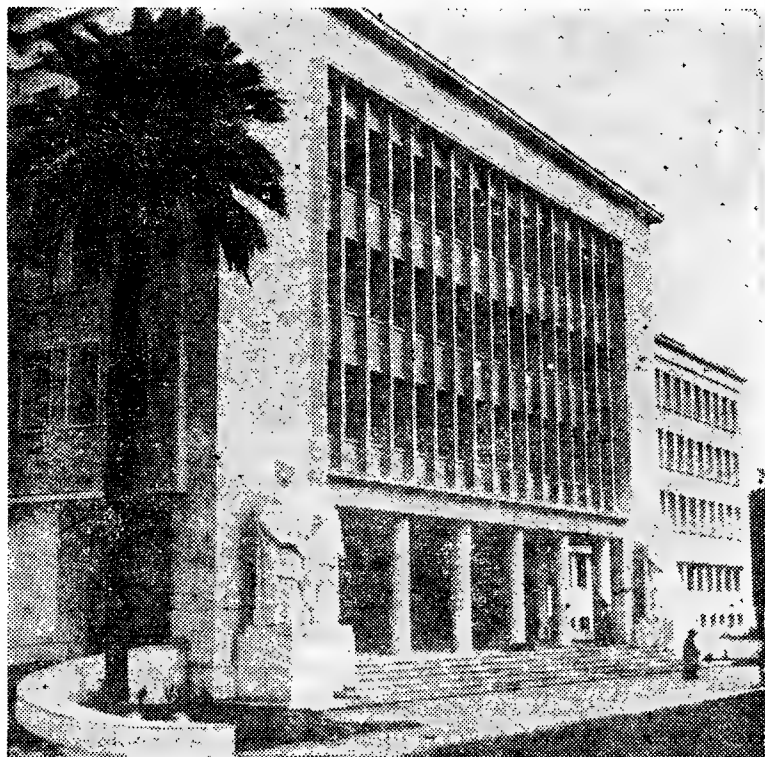
A DIETA DE TRIGO DR. RITTER

Provoca por um processo natural a eliminação dos resíduos prejudiciais ao organismo, constituindo, ao mesmo tempo, um alimento equilibrado, de fácil preparação e digestão, que reúne os valores nutritivos do Trigo e do logurte.

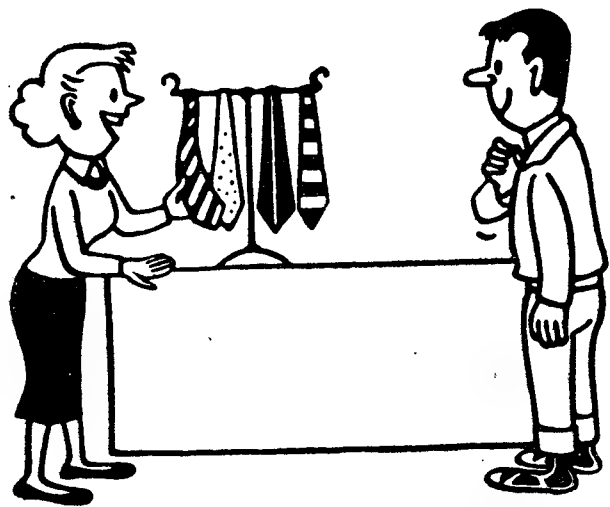


UM PRODUTO DE SELECÇÃO DIESE

As novas instalações do Instituto de Medicina Tropical



Todas as fundações assim como toda a estrutura de betão armado desta grandiosa construção ontem inaugurada e que representam obra de grande vulto e de muita responsabilidade técnica, foram executadas pelo construtor Carlos Eduardo Rodrigues



...ELA DEVIA TER PURIFICADO O SEU HÁLITO

USANDO O DENTÍFRICO

GIBBS com CLOROFILA ACTIVA

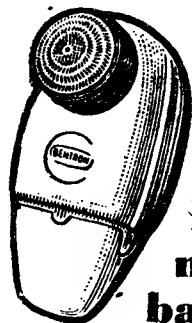
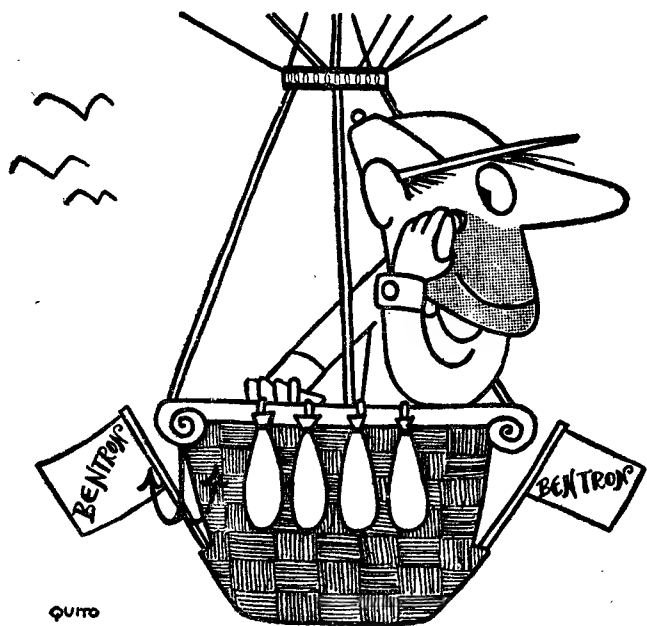
Prefira o gosto agradável e refrescante da pasta dentífrica Gibbs com clorofila activa.



58-CL-17 INDÚSTRIAS LEVER PORTUGUESA, LDA-SACAVÉM

Que rapaz tão simpático! Eu própria lhe vou dar o nó da gravata. Quem sabe? - Talvez acabemos por «dar o nó»! Oh! Vai-se embora! Não comprou a gravata nem me dirigiu o mais leve agradecimento! Porque será? Ela devia ter purificado o seu hálito. É tão simple fazê-lo! O uso diário do dentífrico Gibbs com clorofila activa deixa na boca um sabor refrescante. Gibbs purifica o hálito. A sua acção desodorizante prolonga-se por todo o dia. Gibbs é ainda o melhor protector da saúde e da brancura dos seus dentes.

Onde a corrente não chega pode chegar uma BENTRON



BENTRON
máquina eléctrica de
barbear com acumulador

CARPETES AXMINSTER

Os mais belos desenhos nas melhores qualidades inglesas
Representantes e depositários de «Carpet Trades, Ltd.»

RUA DA PRATA, 214, 1.º

GUILHERME SILVA, FERREIRA, LDA.



A CANETA
MAIS IMI-
TADA E
NUNCA
IGUALADA

Garantida
pela fábrica
contra
todos os
defeitos
de
fabrico

UMA
CANETA
INVULGAR
A PREÇO
POPULAR
ESC. 39\$00

SOC. POLLUX, LDA.
R. dos Fañqueiros, 276

Descontos para revenda

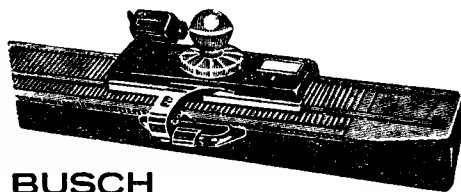
CONTRA A TOSSE

Rebuçados Pectorais de S. aulo
A PRIMOROSA LDA.
Rua de S. Paulo n.º 130
Telefone 26511

Máquinas de tricotar

BUSCH

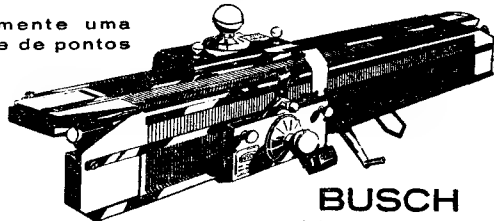
Um produto Suíço da mais alta qualidade



BUSCH
modelo simples

Faz automaticamente uma enorme variedade de pontos

A máquina que responde às mais altas exigências



BUSCH
modelo super-automática

A máquina de sonho que executa todos os pontos duma forma impressionantemente simples

PREÇOS

MODELO SIMPLES a pronto pagamento Esc. 2.500\$00
a prestações até 24 mensalidades de Esc. 115\$00

MODELO SUPER-AUTOMÁTICA

a pronto pagamento Esc. 4.800\$00
a prestações até 30 mensalidades de Esc. 180\$00

Agora todas as senhoras, podem comprar sem sentir estas maravilhosas máquinas de tricotar
Gratuitamente damos uma instrução completa no manejo da máquina a todas as compradoras

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

Agencia Comercial Sueca, L. da

**SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO**

Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELÉCTRICOS

DINHEIRO

COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS
OU PRÉDIOS EM 1.ª, 2.ª, 3.ª HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3
NO. PORTO - P. DA LIBERDADE, 12

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

LEITURA DE SABADO

O detective Dennis McGowan entrou no Clube de Golf, mal humorado e a resmungar. O motivo era ter sido chamado pelo seu amigo Bill Bates para um assunto que, evidentemente, devia ser da competência de um médico-legista; e ainda por ter terminado o serviço uma hora antes, sem poder gozar o resto daquele magnífico dia de Sol, raro nessa época do ano. Assim, o sargento-detective cumprimentou Bates com ar rancunoso e perguntou-lhe:

—Então, que há de novo?
—Desculpe por tê-lo obrigado a vir aqui, mas há umas coisas estranhas neste caso do acidente que vitimou Lonny Dahlgreen e não me agradam nada.

—Por exemplo?
—Fui dos primeiros que chegam junto de Dahlgreen, depois de Jed Tilton, o hábil profissional, ter batido a bola que o atingiu mortalmente — contou Bates —. Lonny estava de bruços e apresentava um horrível ferimento na nuca, por detrás da orelha esquerda. Logo verifiquei que o ferimento era grave, e ia procurar socorros quando reparei em Tilton, que se abaixava para apanhar a bola que contundira Lonny, segurando-a, por momentos e atirando-a depois para a relva. Pareceu-me aquilo estranho, pelo que recolhi a bola; e logo me chamou a atenção o facto de ser de fabrico diferente das outras usadas por Tilton.

E Bill acrescentou, perturbado:
—Eu era muito amigo do Dahlgreen, para mim mais do que genro! Está a ver como tudo isto me impressionou e a razão de o ter chamado. Se quiser falar com Tilton, ele está lá dentro.

—Vou-lhe falar. Mas onde está a bola?

—Aí está outra coisa que não deixa de ser curiosa: com a excitação, pulei em cima do meu armário e, precisamente antes de você chegar, comecei a procurá-la, verificando que desaparecera. Recorde-me, contudo, da marca, se é que isso pode ter alguma utilidade para si.

—Sim: o pormenor não deixa de ser curioso — concordou o detective, dirigindo-se ao encontro de Tilton, o qual estava estendido num banco e quase desmaiado.

—Olá, Jed! — disse-lhe —. São coisas desagradáveis, mas que acontecem a qualquer pessoa. Gostaria de conversar com você sobre o caso, quando se sentir melhor. E' da minha obrigação, como sabe.

Depois de falar, durante alguns momentos, com os dois homens que tinham jogado com Tilton e Dahlgreen, o sargento McGowan foi ao pequeno estabelecimento onde se vendiam artigos de golf. Observou na mostra, entre outras coisas, luvas e bolas e, vendo uma com a marca apontada por Bates, levou-a consigo.

No dia seguinte, domingo, era a folga do detective; contudo, por volta do meio-dia, dirigiu-se no seu carro para o Clube de Golf de Greenvale. Emocionara-o a morte de Dahlgreen e, além disso, havia, no meio da tragédia, uns elementos confusos que precisava de esclarecer, especialmente o facto de Tilton ter pretendido esconder a bola. Havia, no clube, a costumada actividade dominical, mas o sargento-detective dirigiu-se imediatamente para a secção de vendas e dali à oficina, situada nas traseiras.

A sua atenção incidiu logo sobre a bancada. Havia ali uma barra de solda, gasta de um lado, que meteu no bolso, bem como um comprido prego aguçado. Continuou a examinar, interessado, a bancada e, momentos depois, encheu um envelope com aparas que ali recolheu. Foi, depois, ao recinto dos rapazes encarregados de transportarem os sticks, com um dos quais falou, durante algum tempo, após o que se encaminhou para o relvado. Chegou lá precisamente na altura em que Tilton e um dos seus discípulos se retiravam. Cumprimentou aquele e, quando os dois desapareceram, McGowan, depois de olhar em volta, foi direito a uma árvore copada, a uns cinco metros do buraco, para a direita. Esteve a examiná-la, fez algumas medições com a sua fita de bolso e subiu para o automóvel.

O detective continuou a aparecer no Clube, durante cinco dias consecutivos, conversando sempre, casualmente, com Tilton. Percorria, todas as vezes, os campos de golf, detendo-se a conversar com os rapazes dos sticks e outros empregados ou sócios do Clube. Para aquele,

UM CRIME DIABÓLICO

Tex'o integral do conto de GENE BROCKHAVEN

porém, o cumprimento era inalterável: —Como vai você, Tilton? — e nada mais, o que o deixava intrigado. Na sexta-feira à tarde, McGowan bateu à porta do pavilhão reservado aos profissionais do jogo. Foi Tilton quem lhe abriu.

—Posso entrar, Jed?
—Pois claro! — respondeu Tilton, que o acompanhou a uma pequena sala de estar.

—Quer tomar alguma coisa?

—Não, obrigado!

Tilton foi a outro compartimento, buscar uma garrafa e dois copos:

—Isto é para o caso de você mudar de ideia...

Fixando-o, o detective pensou que ele precisava de uma bebida para se animar.

—Sente-se nervoso? — perguntou-lhe.

—Nervoso eu? Mas por quê? — replicou Tilton. — Contudo, ando impressionado com o que aconteceu ao Dahlgreen...

—Podia dizer-me alguma coisa a esse respeito!...

—A respeito de quê?

—Óra, a respeito de muita coisa. Tilton...

Depois de breve paragem, McGowan, inclinando-se para ele, disparou-lhe:

—Você assassinou Dahlgreen... e com premeditação!...

Tilton moveu a cabeça de um lado para outro e, encarando o detective com olhos de espanto, retorquiu:

—Mas isso é fantástico!... Não tem pes nem cabeça!...

—Você matou-o, Tilton... e planeou a coisa... Posso prová-lo!

—Qual pode provar!... Não pode provar coisa alguma, e muito menos a premeditação! — exclamou Tilton, mudando de cor.

—Então, vejamos isto...

E o investigador, tirando da algibeira um pequeno embrulho, dele foi extraindo um prego comprido e aguçado, um pedaço de solda e um sobrescrito branco, que colocou em cima da mesa ali a seu lado.

—Você, Tilton, já antes de pertencer a este Clube, fazia o que queria com a bola...

Como aquele esboçasse um gesto para dizer qualquer coisa, McGowan atalhou:

—Não me interrompa! São factos absolutamente verdadeiros. E sei ainda mais!... Você gostava muito, e continua a gostar, de Evelyn, a filha de Bill Bates. E devia ter casado com ela no mês passado... Contudo, umas semanas antes, ela resolveu fazer uma viagem de barco com algumas pessoas amigas. Antes do seu regresso, você recebeu um telegrama em que ela lhe anunciava desfazer-se do compromisso. Evelyn encontrara-se com Dahlgreen, por quem se apaixonou, e, depois de voltar a Greenvale, casaram-se. Aqui ficaram, naturalmente, e Dahlgreen entrou para o Clube. Bom jogador de golf, os dois disputaram alguns jogos, fingindo você gostar dele, embora, no fundo, o odiasses! Não tardou que você lhe descobrisse um hábito peculiar, o qual iria ser a causa da sua morte: após ter dado o golpe, mesmo que outros fossem jogar a seguir, desviava-se um tanto para a direita, seguindo depois em frente e em linha recta...

O detective continuou:

—Óra, aqui há umas semanas, você resolveu matá-lo. Como não havia muitas oportunidades, você poderia aproveitar o ensejo, sem receio de qualquer perigo, pois seria um simples acidente. E, se falhasse, nada estaria perdido. Descobri que você passou algumas tardes na pequena oficina do Clube, a preparar a bola para matar Dahlgreen, abrindo assim o caminho para novo namoro com Evelyn. Sei, também, como você transformou a bola e qual o objectivo: a bola regulamentar não tinha o peso suficiente para o fim em vista, e assim, com este prego, fez-lhe quatro furos, nos quais deitou outros tantos pingos de solda, de tal maneira que a bola não perdesse o equilíbrio...

E McGowan foi descrevendo a manobra:

—E' um troque dos jogadores de golf que fazem exhibições de fanta-

sia: geralmente colocam a solda só de um lado, o que provoca aqueles caprichosos movimentos das bolas em pleno voo. E essa solda que você usou é desta barra recolhida da sua bancada. Os próprios fabricantes confirmam o que afirmo, pois contém ingredientes usados apenas por eles! Os bocadinhos guardados neste sobrescrito foram extraídos da bola de que se serviu — como, também, posso provar!...

E o detective prosseguiu, calmamente, na minuciosa e certíssima descrição:

—Depois de meter a solda na bola, tapou os orifícios e disfarçou-os pintando-os. Infelizmente para você, a bola, depois de atingir Dahlgreen, caiu ali perto. Você apanhou-a e atirou-a para longe, o que foi observado por Bates. Para reforçar as minhas provas contra você, recolhi as declarações dos rapazes que o viram exercitar-se jogando-a contra a árvore, dia por dia. Viram-no atingi-la constantemente, a uma altura aproximada de 1 m. e 65. Dahlgreen tinha 1 m. e 70. Na manhã do dia em que o matou, você esperou a vez de ele o anteceder na jogada. Então, aguardou que ele estivesse a uma distancia igual à da árvore e bateu a bola, com a ideia de assassiná-lo metida na cabeça.

—Nunca o poderá provar! — gritou Tilton, erguendo-se com os lábios ressequidos e agarrando-se às costas da cadeira, para se aguentar nas pernas que vacilavam.

—Posso, sim! — retorquiu McGowan ao mesmo tempo que pegava do embrulho. A bola preparada...

—Onde é que? — ia Tilton perguntar, mas parou subitamente, voltando os olhos para o mármore do fogão de sala.

—Temos assim um assassinio com premeditação. Vou levá-lo comigo, Tilton! Vista o seu casaco, que eu espero aqui.

E enquanto Tilton se dirigia para o cabide, o detective levantou-se, foi direito ao fogão, pegou de uma taça de prata — um troféu desportivo — de onde tirou uma bola de golf. Examinou-a e exclamou, triunfante:

—Não me enganei no meu palpite!

ACTIVIDADES DA M. P. — 2.ª jornada do Campeonato de futebol, da Ala de Lisboa, em iniciados: Casa Pia (Secção de Pina Manique)-Escola Agrícola de D. Dinis e E. Afonso Domingues-I. Pupilos do Exército, no campo relvado do Estádio Nacional, às 10 e 11,15 horas.

ATLETISMO — O C. I. F. promove, às 10 horas, um torneio de atletismo, para sócios e simpatizantes, com as seguintes provas: 80 e 1.000 metros, peso e comprimento.

BASQUETEBOL — 7.ª jornada do Campeonato de Lisboa, da 3.ª Divisão — Série A — Combatentes-Paço de Arcos, na R. Pos. da Silva, às 10 e 11 (2.ª e 1.ª) e Lisgás-Pedrouços, nos Barbadinhos, às 10 e 11 (2.ª e 1.ª). Série B — Campolide-Ed. Física, no Bairro da Liberdade, às 11 (1.ª); Arroios-Alvalade, nos Barbadinhos, às 9 (1.ª).

Campeonato de juniores e infantis — Série A — E. Física-Sacavenense (T. Vedras), às 11 (j.) e 12 (inf.); Belenenses-Oriental (Restelo), às 10 (j.) e 11 (inf.); Benfica-Sporting A (C. Grande), às 10 (j.) e 11 (inf.).

Série B — L. Ginásio-Sporting B (S. Gens), às 10 (j.) e 11 (inf.); P. Arcos-Padrouços (P. Arcos), às 11 (j.) e 11 (inf.); C. Ourique-Boa Hora (C. Ourique), às 10 (j.) e 11 (inf.); Algés A-Liberdade (Algés), às 10 (j.).

Série C — Ateneu-S. Catarina (S. Antão), às 10 h. (j.); Ateneu-Alvalade (S. Antão), às 11 h. (inf.); Campolide-

-Queluz (B. Liberdade), às 10 h. (j.); Sporting C-Queluz (Passadiço), às 11 (inf.); Atlético-Carnide (Tapadinha), às 10 h. (j.) e 11 h. (inf.); Nacional-Moscavide (S. Bento), às 11 (j.). Série D (só juniores) — Combatentes-Casa Pia (R. Pos. Silva), às 11; Arroios-C. D. U. L. (Telheiras), às 10; Tabacos-Benfica B (Barbadinhos), às 10 h.; Maria Pia-Algés B (S. Gens), às 9 h.

DESPORTO CORPORATIVO — Campeonato de Futebol da F. N. A. T., 1.ª Divisão — 6.ª jornada: Ref. Ultramar-Comp. Carris e Ofic. S. José-F. C. Regina, em Belém, às 9 e 15 h.; Comp. Telefones-S. L. Cervejas, na Picheleira (Telef.), às 11 h.; C. P. Pesca-S. C. Guerin, no E. Nacional, às 15 h.; Cimentos Tejo-F. L. Sacavem, em Alhandra, às 10 h.

2.ª Divisão, 6.ª jornada: Comp. Carris-C. Monsanto e F. C. Regina-Teodoro Santos, em Belém, às 11 e 13 h.; B. Carenque-S. C. Cervejas, Simca Portuguesa-Standard Elétrica e C. N. Electricidade-Prof. de Comércio, na Picheleira (Telef.), às 9, 13 e 15 h.; Cinema Condes-Agência C. Sueca e Ar Líquido-Fab. Simões, no E. Nacional, às 9 e 11 h.

HANDEBOL DE 11 — Campeonato de Lisboa, da Divisão de Honra — 6.ª jornada: Almada-Glória, no Pragal, às 9,45 e 11,15 (2.ª e 1.ª); Sporting-Belenenses, em Alvalade, às 9 e 11 (1.ª e 2.ª); Alverca-Liberdade, em Alverca, às 10,30 (1.ª).

1.ª Divisão — 1.ª jornada da 2.ª volta: Alhandra-Ginásio do Sul, em Alhandra, às 10,30 h.; Académica da Amadora-Hóquei C. P., na Amadora, às 13 h.; R. Janeiro-C. Piedade, em Palma, às 11,30 h.

HÓQUEI EM CAMPO — Campeonato de Lisboa (jogo atrasado): Belenenses-Futebol Benfica, no Restelo, às 13,30 (res.) e 15 h. (honra).

RAGUEBI — Torneio da Taça «António Valente» — 3.ª jornada: Agronomia-Internacional, às 10 h., no Estádio Universitário; Sporting A-Benfica A às 9 h., em Alvalade; Benfica B-C. D. U. L., às 9 h., no Camoo Grande. Realiza-se mais o jogo Direito-Sporting B, em campo a designar.

VELA — «Torneio de Dezembro», em «moths», 3.ª e 4.ª jornadas, em Belém. «Taça Natal», em «snipes» e «sharpies» — organização da Brigada Naval.

DESPORTOS

(Continuação da 7.ª página)

den. Os quatro primeiros, às 15 h. e o ultimo às 15,30 h.

Camp. distrital da 3.ª Divisão — Série A (2.ª jornada) — Queluz-Casca-lheira, na Amadora; Carcavelos-Lourel, em Carcavelos; Belas-1.ª de Dezembro, em Belas; Cacém-Alto da Eira, no Cacém; U. de Algés-Linda a Velha, em Algés — todos às 15,30 horas.

Série B — (3.ª jornada) — Bucelenses-Camarate, em Bucelas; Vialonga-Castanheira, em Vialonga; Pinheiro de Loures-Caneças, em Pinheiro de Loures; Ponte de Frielas-Povoense A. C., em Ponte de Frielas; Loure-Malveira, em Loures; Zambujalense-Tojal, no Zambujal — todos às 15,30 horas.

Campeonato de juniores da 1.ª Divisão — Série A — 14.ª jornada — Belenenses-Palmense, no Restelo (treinos), às 10 h.; U. Algés-Arroios, em Algés; Sporting-Estoril, no Estádio «José Alvalade»; Atlético-Cascalheira, na Tapadinha — todos às 10,30 h.

Série B — 14.ª jornada — Torriense-Alhandra, em Torres Vedras, às 10 h.; Oriental-Benfica, no campo «Eng. Carlos Salema»; Charneca-U. Povoense, no campo de Chão do Loureiro; Vialonga-S. L. Olivais, em Vialonga — todos às 10,30 h.

Camp. de Juniores da 2.ª Divisão — 4.ª jornada — Série A — Carcavelos-Santa Catarina, em Carcavelos; Vitória-U. Algés, na Picheleira; Operário-Mirantense, em Chelas — todos às 10,30 horas. Série B — Rio de Janeiro-Sin-trense, em «Pina Manique»; Fut. Ben-fica-E. Amadora, em «F. Lázaro» — ambos às 10,30 h.; Amoreiras-Sporting, em «José Ramos»; Queluz-Casa Pia, em Belas — ambos às 11 horas. Série C — Santa Iria-Oriental, em Santa Iria; Camarate-Sacavenense, em Camarate; Desp. Olivais-Vilafranquense, em Moscavide — todos às 10,30 horas.

Taça «Dr. Oliveira Duarte» (Reservados) — Série B — Conclusão da 8.ª jornada — Estoril-Sacavenense, no campo da Amoreira, às 13 horas.

ACTIVIDADES DA M. P. — 2.ª jornada do Campeonato de futebol, da Ala de Lisboa, em iniciados: Casa Pia (Secção de Pina Manique)-Escola Agrícola de D. Dinis e E. Afonso Domingues-I. Pupilos do Exército, no campo relvado do Estádio Nacional, às 10 e 11,15 horas.

ATLETISMO — O C. I. F. promove, às 10 horas, um torneio de atletismo, para sócios e simpatizantes, com as seguintes provas: 80 e 1.000 metros, peso e comprimento.

BASQUETEBOL — 7.ª jornada do Campeonato de Lisboa, da 3.ª Divisão — Série A — Combatentes-Paço de Arcos, na R. Pos. da Silva, às 10 e 11 (2.ª e 1.ª) e Lisgás-Pedrouços, nos Barbadinhos, às 10 e 11 (2.ª e 1.ª). Série B — Campolide-Ed. Física, no Bairro da Liberdade, às 11 (1.ª); Arroios-Alvalade, nos Barbadinhos, às 9 (1.ª).

Campeonato de juniores e infantis — Série A — E. Física-Sacavenense (T. Vedras), às 11 (j.) e 12 (inf.); Belenenses-Oriental (Restelo), às 10 (j.) e 11 (inf.); Benfica-Sporting A (C. Grande), às 10 (j.) e 11 (inf.).

Série B — L. Ginásio-Sporting B (S. Gens), às 10 (j.) e 11 (inf.); P. Arcos-Padrouços (P. Arcos), às 11 (j.) e 11 (inf.); C. Ourique-Boa Hora (C. Ourique), às 10 (j.) e 11 (inf.); Algés A-Liberdade (Algés), às 10 (j.).

Série C — Ateneu-S. Catarina (S. Antão), às 10 h. (j.); Ateneu-Alvalade (S. Antão), às 11 h. (inf.); Campolide-

-Queluz (B. Liberdade), às 10 h. (j.); Sporting C-Queluz (Passadiço), às 11 (inf.); Atlético-Carnide (Tapadinha), às 10 h. (j.) e 11 h. (inf.); Nacional-Moscavide (S. Bento), às 11 (j.). Série D (só juniores) — Combatentes-Casa Pia (R. Pos. Silva), às 11; Arroios-C. D. U. L. (Telheiras), às 10; Tabacos-Benfica B (Barbadinhos), às 10 h.; Maria Pia-Algés B (S. Gens), às 9 h.

DESPORTO CORPORATIVO — Campeonato de Futebol da F. N. A. T., 1.ª Divisão — 6.ª jornada: Ref. Ultramar-Comp. Carris e Ofic. S. José-F. C. Regina, em Belém, às 9 e 15 h.; Comp. Telefones-S. L. Cervejas, na Picheleira (Telef.), às 11 h.; C. P. Pesca-S. C. Guerin, no E. Nacional, às 15 h.; Cimentos Tejo-F. L. Sacavem, em Alhandra, às 10 h.

2.ª Divisão, 6.ª jornada: Comp. Carris-C. Monsanto e F. C. Regina-Teodoro Santos, em Belém, às 11 e 13 h.; B. Carenque-S. C. Cervejas, Simca Portuguesa-Standard Elétrica e C. N. Electricidade-Prof. de Comércio, na Picheleira (Telef.), às 9, 13 e 15 h.; Cinema Condes-Agência C. Sueca e Ar Líquido-Fab. Simões, no E. Nacional, às 9 e 11 h.

HANDEBOL DE 11 — Campeonato de Lisboa, da Divisão de Honra — 6.ª jornada: Almada-Glória, no Pragal, às 9,45 e 11,15 (2.ª e 1.ª); Sporting-Belenenses, em Alvalade, às 9 e 11 (1.ª e 2.ª); Alverca-Liberdade, em Alverca, às 10,30 (1.ª).

1.ª Divisão — 1.ª jornada da 2.ª volta: Alhandra-Ginásio do Sul, em Alhandra, às 10,30 h.; Académica da Amadora-Hóquei C. P., na Amadora, às 13 h.; R. Janeiro-C. Piedade, em Palma, às 11,30 h.

HÓQUEI EM CAMPO — Campeonato de Lisboa (jogo atrasado): Belenenses-Futebol Benfica, no Restelo, às 13,30 (res.) e 15 h. (honra).

RAGUEBI — Torneio da Taça «António Valente» — 3.ª jornada: Agronomia-Internacional, às 10 h., no Estádio Universitário; Sporting A-Benfica A às 9 h., em Alvalade; Benfica B-C. D. U. L., às 9 h., no Camoo Grande. Realiza-se mais o jogo Direito-Sporting B, em campo a designar.

VELA — «Torneio de Dezembro», em «moths», 3.ª e 4.ª jornadas, em Belém. «Taça Natal», em «snipes» e «sharpies» — organização da Brigada Naval.

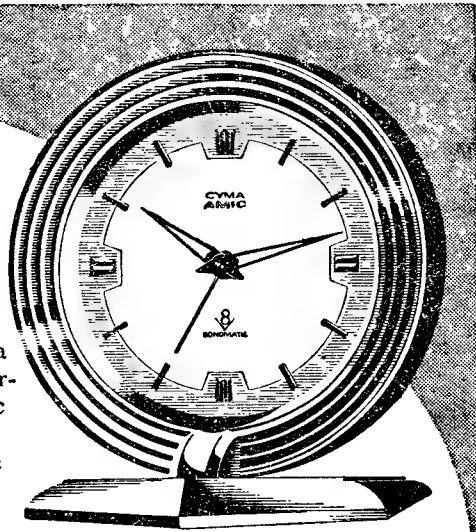
Ele o despertará automaticamente durante 8 dias!

Novidade! Não precisa de dar corda ao despertador Amic-Sonomatic e ele o despertará pontualmente durante 8 dias, dispensando-o desse cuidado. Uma única chave dá corda ao movimento e ao despertador. Movimento de alta precisão-15 rubis-corda para 8 dias-é um produto da mundialmente afamada Cyma.

Ponha de parte o seu velho despertador Compre um Amic-Sonomatic!

CYMA AMIC SONOMATIC

Cyma Watch Co S.A., La Chaux-de-Fonds (Suíça)



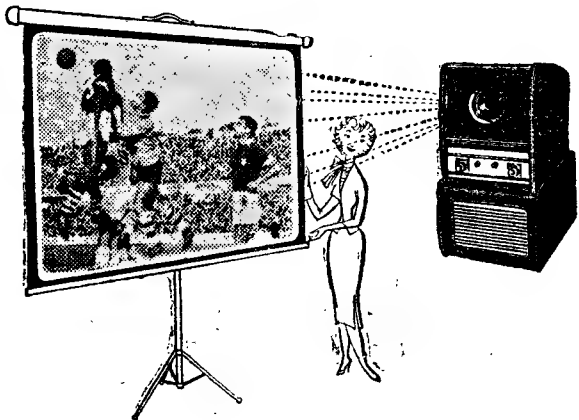
«PARIS» Ref. 15101 - 770\$00
CYMA-AMIC desde - 375\$00

Sem cuidados durante 8 dias!

Um desportista «de seis ofícios...»

ESTOCOLMO, 13 — Na Suécia, o mais popular jogador de futebol, o mais popular jogador de hóquei sobre o gelo, o mais popular esquiador sobre a água e o mais popular actor da Televisão são uma e a mesma pessoa: Sven «Tumba» Johansson, o mais popular desportista sueco, além do pugilista Ingemar Johansson, candidato ao título mundial de box. Além destas atribuições, que já não lhe acarretam pouca responsabilidade, «Tumba» é ainda professor de ginástica na escola de Broms e ensina o príncipe da Suécia, Carl Gustaf, a jogar hóquei. — (A. N. I.).

UMA NOVIDADE REVOLUCIONÁRIA EM T. V. TELEVISORES DE PROECÇÃO SOBRE «ÉCRAN»



ACABA DE CHEGAR MAIS UMA REMESSA DAS MARCAS:
— GALATIC, PRESTEL e VALRADIO

Os grandes inconvenientes da T. V. clássica: — reduzido tamanho da imagem, deformação geométrica, tremura, visibilidade das linhas de trama, ângulos obscuros, fadiga de vista, etc. — são radicalmente suprimidos pelos TELEPROJECTORES. Nestes, a imagem não é observada directamente no tubo de raios catódicos, mas sobre um «écran», onde é projectada e largamente ampliada, como no cinema.

O «écran», dada a natureza da sua superfície, reproduz as imagens sem deformações e ângulos obscuros, com regularidade e clareza notáveis.

E, conforme a distancia a que esteja colocado, assim varia o tamanho da imagem: — mínimo de 1,7 a um máximo de 3,4 metros.

Os teleprojectores são próprios para habitações particulares, escolas, hotéis, restaurantes, bars, cafés, clubes, cinemas, teatros, clínicas hospitalares, quartéis, salas de conferências, etc., etc.

MAIS UM EXCLUSIVO DA

S. P. I. C.

Sociedade Portuguesa de Importações e Comércio, Lda.
Praça Duque de Saldanha, 31-B — Telef. 4 6626 e 5 1722

EXPOSIÇÃO E DEMONSTRAÇÕES

Blaupunkt *Volvo*

EXCELENTE CONJUGAÇÃO DE IMAGEM E SOM
ECRAN DE 53 CMS.
DISTRIBUIÇÃO AUTOMÁTICA DA COR NEGRA
DISPOSITIVOS AUTOMÁTICOS DE LUMINOSIDADE E CONTRASTE
GERADOR DE IMAGENS NÍTIDAS
SUPRESSOR AUTOMÁTICO DE INTERFERÊNCIAS
FORMADOR DE SOM BLAUPUNKT COM REGULADOR ACUSTICO
LIGAÇÃO PARA TELECOMANDO CIRCUITOS IMPRESSOS

Preço Esc. 8.990\$00
A VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

PONTO AZUL

+
Joaquim Rodrigues Teles
FALECEU

Filhos e demais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu extremo pai e parente e cujo funeral se realiza amanhã pelas 10 horas da Igreja da Madalena para o cemitério do Alto S. João.

AGENCIA MEGA

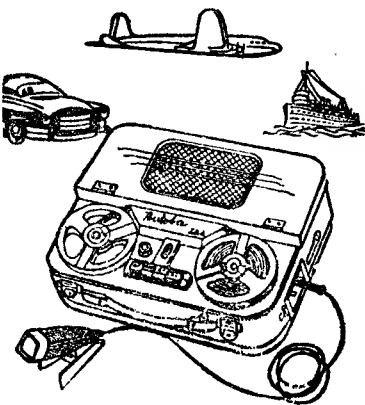
Monumentos nacionais

Foi classificada como imóvel de interesse publico a igreja do antigo Convento de Nossa Senhora da Oliveira, situada na povoação de Tojal, freguesia e conselho de Satão.

— Foi fixado o perímetro de protecção da fortificação da praça de Valença do Minho.

O GRAVADOR DE SOM

Putoba



A MAIS RECENTE NOVIDADE DA TÉCNICA ALEMÃ

Tipo portátil, de pilhas ou corrente, podendo ser igualmente ligado a bateria de auto.

O gravador ideal para África, por ser completamente autónomo — com 2 velocidades — tempo de gravação até 2x60 minutos — bobines de fita 260 mts. A venda nos bons estabelecimentos da especialidade

Representante: A. ROCHA VIANA

Distribuidores:

LARANJEIRAS, IRMÃOS, Lda

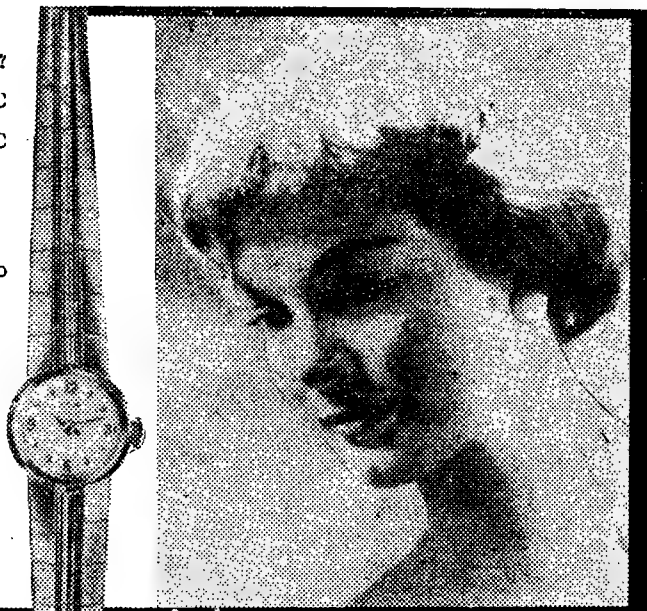
Praça da Figueira, 18, 4.
LISBOA

Telefones: 32712-24548

V. Ex.ª deseja comprar um relógio?
Peça um ENICAR ULTRASONIC
O ENICAR ULTRASONIC
oferece-lhe:

absoluta garantia
modelos elegantes
acabamento ultramoderno
Preços modestos

ENICAR
ULTRASONIC



O relógio Enicar Ultrasonic é o único relógio que não precisa de lubrificação durante três anos.

Cada relógio Enicar Ultrasonic tem um boletim de garantia. Há centenas de fabricantes de relógios na Suíça. Mas a Fábrica

Enicar fabrica 8 % da produção total da Suíça, ou seja perto de um milhão de relógios por ano.

Também fabrica toda a relojoaria moderna em:

Automáticos com os últimos aperfeiçoamentos. Calendários, com a lente de aumento. Impermeáveis: 100 % — caixa SEA-PEARL Extra-planos: sensacionalmente planos.

O relógio Enicar está á venda nos cinco continentes



UM BRINDE INTERESSANTE

**MONT
BLANC**

BALLOGRAF
«MAGIC»

A maravilha das canetas
esferográficas

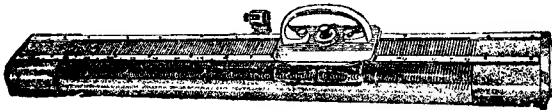
UNICA NO GÉNERO

Ao voltar a caneta para cima a ponteira
recolhe automaticamente

A «Magic» acabou definitivamente com
os fatos sujos

PREÇO: 48\$00

MAQUINAS DE TRICOTAR AUTOMATICAS



Matador

MOD. 1959

ÚTEIS PARA TODA A FAMÍLIA

VENDAS A PRONTO OU COM FACILIDADES

Em Lisboa: «VAPEDRONE» — Rua da Vitória, 54-56 — T. 25632

«MEIA DE VIDRO» — Rua Augusta, 158

No Porto: Moreira & Leite, Lda. — R. Firmeza, 403 — T. 30335

Já leu o «SEMPRE FIXE»? Então leia!

Comissariado do Desemprego

Foi prorrogado até 31 de Dezembro de 1959 o disposto no decreto-lei 40.049 que permite que seja mantida a situação dos subsidiados pelo Comissariado do Desemprego, que está ao serviço.

+
Candido de Sousa
FALECEU

Amélia Gonçalves de Sousa, José Luis Gonçalves de Sousa, sua mulher e filha, Maria Tereza e mais família, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações e amizade que foi Deus servido chamar à Sua Divina Presença o seu muito querido e chorado Marido, Pai, Sogro, Avô, Filho e parente e que o seu funeral se realiza amanhã às 11 horas, saindo da Igreja de St.º Condestável, para o cemitério da Ajuda.

AGENCIA MAGNO

+
Candido de Sousa
FALECEU

CHARGUTARIA CANDAL, Lda., participa aos seus Clientes, Fornecedores e Amigos o falecimento do seu sócio gerente Sr. Candido de Sousa e que o seu funeral se realiza amanhã, às 11 horas, saindo da Igreja de St.º Condestável, para o cemitério da Ajuda.

DIÁRIO DE LISBOA

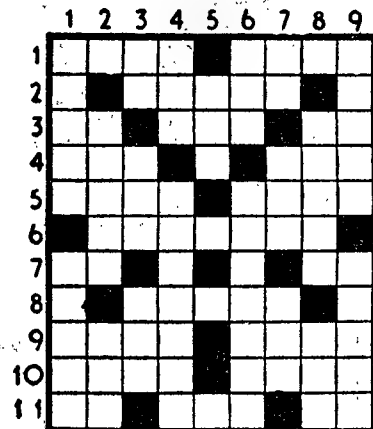
TELEVISÃO

Hoje, às 21, abertura; 21 e 2, noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10, «Jornal de actualidades internacionais»; 21 e 20, «Juventude no Mundo»; 21 e 35, «Tele-Desporto»; 22, «A pensão da D. Esperança» (programa de Mário Monteverde, realização de Herlander Peyroteo); 22 e 45, «Na rua e na estrada»; 23, «Miradouro» (os elementos do «Trio Assis» falam do folclore angolano); 23 e 15, actualidades nacionais e ultimas notícias; 23 e 30, fecho.

PALAVRAS CRUZADAS

(OIBHREHONH WOO)

Problema n.º 1448



HORIZONTAIS: 1—A pessoa que lavram. 2—Em demasia. 3—Deusa da Lua entre os Egípcios. Santo. Post Scriptum. 4—Levanto. Cate-drais. 5—Necessidade de beber. Soli-cita. 6—Puzar a si. 7—Símbolo químico do gálio. Antes de Cristo. 8—Mui. 9—Camareiras. Gritos. 10—1.590 em romano. Lança mau chei-ro. 11—Preposição e artigo. Grande povoação da Nigéria. Fazes parte de.

VERTICAIS: 1 — Semelhantes. Designação de várias plantas gramíneas. 2—Afia. Passado. 3—Prepo-sição. Poesia. Burgomestre de Bruxelas em 1914, quando os Alem-ães invadiram a Bélgica. 4—Mul-til burrinhos. Indivíduo da Etrúria. 5—Compareciam. 6—Amarro. Chi-nelo. 7—Letra grega. Tenho conhe-cimento. Olá. 8—Quadro preto. An-tiga composição poética para ser cantada. 9—Seara. Costuras.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 1447

HORIZONTAIS: 1—Assaltada. 2—Riam. Elos. 3—ALEGRIA. 4—Avó. Cró. 5—Fabricias. 6—Ré. Ao. 7—Cai. Num. 8—Pé. MCD. Os. 9—Armo. Ebro. 10—Utas. late. 11—Sara. Aram.

VERTICAIS: 1—Ar. Paus. 2—Siava. CERTA. 3—Salobra. Mar. 4—Ame. Reimosa. 5—Gai. 6—Ter. CANDEIA. 7—Aliciou. Bar. 8—Doara. MORTA. 9—As. Osa. Soem. Provérbio: «ALEGRIA CERTA, CANDEIA MORTA».

CONFECCOES
PRONTO A VESTIR

SÉCIA

BOUTIQUE

31—RUA DA CONCEIÇÃO
Telefone 30546—LISBOA

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — As 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa A — As 18: Noticiário e danças; 18 e 45: Trechos de operetas; 19: Emissão infantil; 19 e 30: Trechos em piano; 19 e 45: Aguarda brasileira; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Música ligeira sinfónica; 20 e 30: Que quer ouvir?; 21: Junção dos emissores. Trechos em viola espanhola; 21 e 30: Comentário político; 21 e 45: Serão para trabalhadores. No intervalo: «Vozes do Mundo»; 23 e 30: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa B — As 18: Variações sobre um tema de Mozart, em violoncelo, por Massimo Anfiteatrof e piano por Ornella Puliti Santoliquido; 18 e 15: Transmissão, de S. Carlos, do 9.º concerto da série organizada pela E. N., em que tomam parte a Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida por Somodgy e o pianista Sérgio Varela Cid. No intervalo, noticiário regional e canções, pelo baixo Paul Robeson; 20 e 15: Música de câmara; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Trechos da ópera «Ivan Soussanine», de Glinka; 21 e 45: Quinzena literária; 22 e 15: «Concerto em lá maior», para piano e orquestra de Grieg, por Adrian Aeschbacher e a Orquestra Filarmónica de Berlim, de Leopold Ludwig; 22 e 45: Que quer ouvir?; «Sinfonia n.º 6», de Beethoven, pela Orquestra de Filadélfia, dirigida por Bruno Walter; «Murmúrios da Floresta», da ópera «Siegfried», de Wagner, pela Orquestra do Estado de Wörtenberg, dirigida por Perle; «A Tempestade», de Sibyllus, pela Orquestra Sinfónica da Baviera, dirigida por Jachum; 23 e 45: Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — As 17 e 30: Variedades; 18: Ritmos de baile; 18 e 30: Fados e guitarradas; 19: Quer um conselho?; 19 e 15: Orquestras; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Imagens por musica; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 45: Brasil; 22: Trechos recreativos; 22 e 30: Cultura espanhola; 22 e 45: Canções; 23: Concerto; 23 e 30: Kay Starr; 23 e 45: Agenda; 23 e 50: Conjuntos; 0 e 30: Noticiário; 0 e 40: Ritmos de baile.

Estação de Miramar — As 18: Paisagem infantil; 18 e 30: Canções; 18 e 45: Recital de composições de Cruz e Sousa; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Coros de Norman Ludloff; 21 e 30: Orquestras ligeiras; 22: Programa para a mulher; 22 e 15: Conjuntos instrumentais; 22 e 30: Brasil; 22 e 45: Melodias; 23: Trechos de operetas; 23 e 30: Retiro do Patricio; 23 e 45: Artistas portugueses; 0: Ritmos de baile.

RADIO RENASCENÇA — As 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: França horizonte do Mundo; 19 e 45: Ritmos em contraste; 20: Orquestras e canções em voga; 20 e 30: Noticiário; 20 e 45: Meditando; 21 e 5: As ultimas novidades; 21 e 30: Canções a duas vozes; 21 e 50: Melodias; 22: No reino das musas; 22 e 25: Revista da Imprensa francesa; 22 e 45: Noticiário; 22 e 57: Boletim religioso; 23: Serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 às 19 e 30: Rádio Peninsular; das 19 e 30 às 22: Voz de Lisboa; das 22 às 2: Clube Radiofónico de Portugal.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL A'S 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE: — Em Portugal continental o vento era moderado a forte de Sudoeste, o céu estava encoberto e chovia por acção de uma massa de ar marítimo transportada na circulação de uma depressão centrada a Noroeste da Irlanda.

Temperaturas às 9 horas: Penhas Douradas, 4°; Bragança, 7°; Porto e Portalegre, 12°; Lisboa e Funchal, 15°; e Faro, 17°.

PREVISÃO ATE A'S 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ: — Céu muito nublado, vento moderado a forte de Oeste com tendência a rondar para Noroeste. Aguaceiros e condições favoráveis à formação de trovoadas.

SEMANA DO CONTRIBUINTE

AGENDA
CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS — Estão a pagamento até ao dia 31 do corrente mês, com juros da mora:

Contribuição Industrial. — As terceiras e quartas prestações trimestrais.

Contribuição Predial. — As terceiras e quartas prestações trimestrais.

Imposto Profissional — Profissões Liberais e Assalariados. — As terceiras e quartas prestações trimestrais.

Imposto Complementar. — As primeiras e segundas prestações das colectas iguais ou superiores a 2.800\$00.

Taxa Militar. — A anuidade de 1958, com a taxa elevada ao dobro, posto o que será enviada a relaxe, sendo, então, paga com custas e selos.

LICENÇAS. — Solicitam-se e pagam-se durante este mês e ainda em Janeiro as de **Acendedores e Isqueiros** e **Venda ou Revenda de Tabacos**. No mês de Janeiro pagam-se, além das acima indicadas, as de **Imposto de Transito** de animais de carga ou sela, de veículos não automóveis, de bicicletas sem motor e triciclos; de **Uso e Porte de Arma**; de **Contrataria**; de **Porta Aberta**; de **Jogos Ilícitos**; de **Tóques de Musica** e de **Agua Mineira**.

VEICULOS AUTOMÓVEIS. — Devem ser manifestados até ao dia 15 de Janeiro nas Camaras Municipais, mediante impressos por elas fornecidos.

ESTRANGEIROS. — Durante o mês de Janeiro p. f. os maiores de 14 anos devem apresentar os seus documentos de residência ao **Visto Anual** e todas as entidades que empreguem estrangeiros ao seu serviço devem enviar a P. I. D. E. uma relação nominal em duplicado.

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL E IMPOSTO PROFISSIONAL. — Cessação de actividade tributável no período que decorre de 25 de Novembro até 31 de Dezembro.

Participações. — Verificada a cessação das actividades tributáveis, em referência, tendo-se participado o facto dentro do prazo legal — quinze dias contados da cessação —, durante aquele período e até quinze de Janeiro do ano seguinte, desde que, como se disse, a cessação se dê em 31 de Dezembro do ano corrente, não é necessário reclamar sobre a anulação da colecta, competindo à respectiva secção de finanças retirar os conhecimentos do lançamento e proceder à sua anulação «ex-officio».

LICENÇA DE ESTABELECIMENTO COMERCIAL OU INDUSTRIAL. — A liquidação desta licença terá por base o lançamento da contribuição industrial e as declarações dos contribuintes, quando se trate de sucursais, filiais, agências, delegações, correspondências ou estabelecimentos que sejam colectados por outro concelho.

As declarações que serão apresentadas na secretaria da Camara até ao dia 31 de Dezembro corrente, compreenderão o ramo de comércio ou industria, o rendimento líquido da sociedade ou da empresa e o da sucursal, filial, agência, delegação, correspondência ou estabelecimento.

ELNA

Máquinas de costura, pequenas, simples, bonitas e maravilhosas. Aproveite agora o preço ocasional! VENDAS E REPARACOES. Em Lisboa — Largo da Trindade, 17. no Porto — R. Sã da Bandeira, 69-2.



— Acho que o senhor deve resignar-se. Nesta vida, nem tudo é cor-de-rosa.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO C — União — Estrada de Benfica, 592-594. Tel. 780092; Vitex—Estrada de Benfica, 373-B. Tel. 780548; Curie—Avenida Madame Curie, 15-A. Tel. 773439; Leal de Matos—Rua Neves Costa, 33-35. Carnide. Tel. 780181; Laranjeiras (Das)—Rua Filipe da Mata, 160-162. Tel. 761035; Central do Lumiar, 77. Tel. 779480; Brasil—Avenida Rio de Janeiro, 66-68-A. Tel. 722368; Sanex—Avenida da Igreja, 31-C. Tel. 776905; Belmar—Avenida de Roma, 53-A. Tel. 776314; Algarve — Avenida de Roma, 7-B. Tel. 777478; Garantia — Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-H à Praça do Areeiro. Tel. 727309; Onilda—Avenida João XXI, 13-A. Tel. 726348; Campo Pequeno (Do) Avenida da Republica, 53-D-B. Tel. 771661; Vale—Avenida Marques de Tomar, 45-49. Tel. 773043; Universal—Rua Actor Taborda, 5-7. Tel. 44158-A—Novais—Avenida Luis Blvar, 11-13. Tel. 44324; Ascenso—Rua 27, 41, Bairro da Encarnação Tel. 339216; Olivals (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19. Tel. 339237; Concelção—Calçada D. Gastão, 80-32. Tel. 331279; Pereira, Suc. — R. do Paraiso, 93-100. Tel. 863224; Silva—Calçada de Santo André, 16. Tel. 862074; Branquinho—Rua dos Sapadores, 87. Tel. 842725; Luzmar — Rua 2, 16, Bairro de Santa Engrácia. Tel. 728395; Iberia —Rua Barão de Sabrosa, 235-A, 4 Alameda. Tel. 728277; Bastos — R. Morais Soares, 91-D. Tel. 814359; Castro—Avenida Almirante Reis 78-A-B. Tel. 44373; Peninsular — Campo dos Mártires da Pátria, 117-118. Tel. 53308; Vicente de Jesus —Largo do Rato, 3-C-D. Tel. 631947; Salutar —Rua B, 75-A-H Bairro da Liberdade. Tel. 633694; Júdice de Oliveira—Rua de Campolide, 54-A. Tel. 634424; Pinheiro —Rua de Campo de Ourique 131-133. Tel. 663640; Janeiro—Avenida Alvaros Cabral, 100, ao lado do Liceu Pedro Nunes. Tel. 661453; Tagus—Praceta Possidónio da Silva, lote 3. Tel. 669485; Ocidental—Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3 Tel. 610256; Gomes, Suc. (Gonçalves)—Rua da Junqueira, 326. Tel. 633193; Costa—Rua dos Lusadas 32. Tel. 636704; A. César —Rua Prior do Crato, 74. Tel. 660187; Guerreiro da Costa—Rua das Janelas Verdes, 90. Tel. 662327; Mota Capitão—Rua de S. Félix, 45-A-B Tel. 660720; Félix—Rua da Cruz dos Polais, 52. Tel. 21031; Sanitas —Praça Luis de Camões, 24. Tel. 22798 —A — Liberal—Avenida da Liberdade, 217-219. Telef. 43641; Ferrão—Rua da Mouraria, 12. Tel. 360164; Portugal — Rua Augusta, 216-218. Tel. 22073-A—; Farmácia Remísio—Rua dos Jerónimos, 14-C. Telefone 631699.

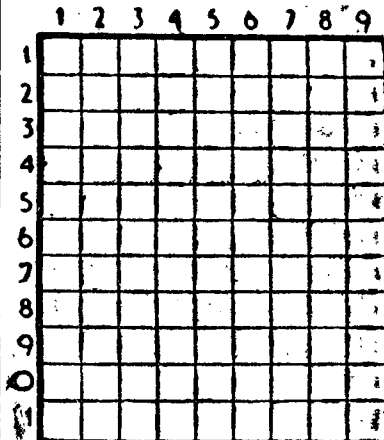
HÁ TRINTA ANOS
Norberto de Araújo recordava Magalhães Lima na sua «Página de Quinta-Feira» do «Diário de Lisboa» de 13 de Dezembro de 1928: «A ultima vez que veio ao «Diário de Lisboa», nesta casa onde ele tanto viveu, quisemos alguns acompanhá-lo até à porta. Não deixou. «Deixem-me ter ainda a ilusão de que este jornal é meu, que saio para voltar amanhã». «Fiz com ele uma entrevista, pa-

ra o jornal «A Manhã», a propósito da guerra, e recordei palavras que julguei que ele próprio pronunciara. «uma violência deve ser combatida com outra violência». Mas ele: «Não! Eu não disse isso. Uma violência não deve arrastar outra violência».

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3525



HORIZONTAIS: 1 — Grande trágica italiana. Antigo parlamento russo. 2 — Genro de Maomé. Textualmente. 3 — Ultimo rei da Líbia célebre pelas suas fabulosas riquezas. 4 — Fazes parte de. Ferro temperado. Campeão. 5—Pedras de moinho. Composição poética. 6 — Cidade de Itália célebre pelos seus mármore. 7 — Progenitor. Nome de uma letra. 8 — Pedra de domínio. Reflexão de som. Ataque de paralisia. 9 — A medula das plantas. 10 — Dirigiam-se. Pátria. 11 — Jerusalém. Vila e concelho do distrito do Porto.

VERTICAIS: 1. — Entregarem. Cidade da Europa. 2 — Freguesia do concelho de Oliveira de Aze-meis. Rizomas. Nesse lugar. 3 — Textualmente. Parti. Gosta muito de. 4 — Batráquio. Preposição. 5 — Ornamentação. 6 — Isolado. Rei de Baza que foi mandado matar por Moisés. 7 — Costume. Agora. Olé! 8 — Nota musical. Espada curta. Suspiro. 9 — Denuncie. Mentiroso.

Solução do problema n.º 3524

HORIZONTAIS: 1 — Durindana. 2 — Ária. Iris. 3 — Asseado. 4 — Ena! Obi. 5 — Roda. Grei. 6 — Ar. Ré. 7 — Osa. Asa. 8 — Or. Cai. Tu. 9 — Reco. Naus. 10 — Aire. Hora. 11 — Isis. Ases.

VERTICAIS: 1 — Dá. Era. Orai. 2 — Urano. Oreis. 3 — Risadas. Cri. 4 — Ias. Orações. 5 — Em. 6 — Dia. Grainha. 7 — Ardores. Aos. 8 — Niobe. Ature. 9 — As. III. Usas.

Gravatas de seda natu al

ULTIMAS NOVIDADES

TORRE EIFFEL

104—Rua do Carmo—106

Para o Natal

PYREX

Uma oferta
distinta

Uma nota do Governo russo foi hoje entregue em Moscovo aos embaixadores das potências da N. A. T. O.

BONN, 13.—A delegação alemã, presidida pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Heinrich von Brentano, que participará em Paris, amanhã, nas negociações de quatro potências sobre a crise de Berlim, recomendará a maior firmeza às três grandes potências ocidentais.

O Governo federal está convencido de que não será possível negociar com Moscovo enquanto o presidente do Conselho da U. R. S. S. não retirar o «ultimatum» que apresentou ao Ocidente. Os dirigentes de Bonn desejariam que o comunicado final da reunião de Paris exprimisse com clareza que as potências interessadas estão decididas a não negociar sob constrangimento. Praticado este primeiro gesto, entendem, em Bonn, que os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a França e a Alemanha Ocidental poderiam chegar a acordo quanto à orientação a imprimir às respostas que serão enviadas a Moscovo. Esperam os dirigentes alemães que essas respostas sejam análogas, desejando, ao mesmo tempo, que nelas se proponha aos dirigentes russos uma discussão dos problemas alemães. Tudo isto, bem entendido, desde que eles retirem o ultimatum sobre Berlim.—(F. P.).

Dulles chegou a Paris

PARIS, 13.—Chegou esta manhã o secretário de Estado americano.

2.ª TIRAGEM

RESERVAS DA A. F. L.

Benfica e Sporting

ganharam os jogos desta tarde

Benfica A, 3-Torriense, 0

Jogo no Campo Grande. Arbitro Francisco Nogueira. As equipas formaram:

BENFICA A — Barroca; Ferreira e Barbosa; Cardoso, Humberto e Mário João; Vieira Dias, Peres, Carda, Santana e Palmeiro Antunes.

TORRIENSE — Idalecio; Mergulho e Luís; M. Carlos, Belchior e Margaça; Jerónimo, C. António, Aníbal, Brás e Narciso.

Durante os primeiros 45 minutos os «encarnados», jogando melhor, impuseram domínio, não sem que os visitantes espreitassem todas as oportunidades para contra-atacar. Aos 38 minutos, Peres, de cabeça, sobre passe de Santana marcou um gol para o Benfica, fazendo com ele o resultado da 1.ª parte.

Na 2.ª parte o Benfica marcou mais dois golos — por intermédio de Peres e Palmeiro Antunes, aos 15 e aos 38 minutos, respectivamente.

E acabou: Benfica A, 3-Torriense, 0.

Oriental, 3-Sporting, 6

Jogo no campo «Eng. Carlos Salazar». Arbitro: António Teixeira. As linhas:

ORIENTAL — Moraes; Servo e Mendes; Garcia, Alfredo e Cordeiro; Pintado, Mário, José Luís, Jerónimo e Postigo.

SPORTING — Octávio de Sá, Lino e Valente; Pêrides, Morato e Mesquita; Oscar, Ferreira Pinto, Tomé, Bispo e Martins.

Com um guarda-redes improvisado, o Oriental chegou aos 10 minutos a perder, por 0-2 — golos de Morato e Ferreira Pinto, aos 6 e 9 minutos. Depois até à meia hora o Sporting dominou, para aos 33 minutos aumentar a vantagem com

Mendes, Serra e Neto jogam amanhã

Ao contrário do que se supunha, o Benfica pode contar com os jogadores Mendes, Serra e Neto para o seu desafio de amanhã contra o Sporting, no estádio da Luz.

John Foster Dulles, acompanhado por Livingstone Merchant, subsecretário de Estado para a Europa; Fred Reinhardt, conselheiro do Departamento de Estado; Loftus Becker, conselheiro jurídico, e Gerard Smith, técnico, além do coronel dr. Sullivan, seu médico pessoal.

A chegada ao aeroporto, Dulles foi cumprimentado por Pierre Pelletier chefe de gabinete do ministro dos Negócios Estrangeiros, e Amory Houghton, embaixador dos E. U.

Sem fazer declarações, o secretário de Estado seguiu imediatamente de automóvel do aeródromo para a residência do embaixador.

Travará amanhã, à tarde, conversações sobre a crise de Berlim com os seus colegas britânico, francês e alemão. Selwyn Lloyd, deve chegar, de avião, vindo de Londres.

De Gaulle

candidato à presidência

PARIS, 13. — René Cassin, vice-presidente do Conselho de Estado e presidente da Comissão Constitucional provisória, informou que o general de Gaulle aceita a candidatura à Presidência da V República. Cassin transmitiu a notícia aos jornalistas, depois de conferenciar, durante trinta minutos, com o presidente do Conselho, no palácio Matignon.

— O general anuiu em candidatar-se — disse aos representantes da imprensa. — (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

— (F. P.-R.-A. N. I.).

depois da meia-noite. Von Brentano chega, de comboio, procedente de Bonn, esta noite, acompanhado por Willi Brandt, presidente da Câmara Municipal do Oeste de Berlim. — (F. P. e R.).

A nota soviética aos países da N.A.T.O.

MOSCOVO, 13.—O Ministério dos Negócios Estrangeiros mandou entregar, hoje, um documento sobre a N. A. T. O. às Embaixadas dos países membros da Organização Atlântica acreditados em Moscovo. Ignora-se o conteúdo do documento, mas prevê-se que contenha críticas severas à N. A. T. O. e trate, nomeadamente, da próxima sessão em Paris.

Aguarda-se que reafirme a posição soviética quanto a Berlim e a atitude, já familiar, contida na comunicação de quinta-feira da agência T. A. S. S. Espera-se, também, que acuse algumas potências da N. A. T. O. de exercerem pressão sobre países mais pequenos para aceitarem bases de foguetões.

Sabe-se que o documento conta 11 páginas, mas não comporta qualquer proposta nova. Constitui uma espécie de recapitulação das propostas soviéticas bem conhecidas nesta ordem de ideias — segundo indicam de boa fonte.

As embaixadas estão a estudar o texto da declaração, que se espera seja divulgado, dentro em breve, pelo Governo russo.—(F. P. e R.).

A informação à O. N. U.

sobre territórios ultramarinos

NOVA YORK, 13. — A Assembleia Geral das Nações Unidas decidiu, às primeiras horas de hoje, adiar até o próximo ano qualquer acção sobre uma recomendação da sua Comissão de Curadorias sobre os meios para determinar as obrigações dos Estados membros em fornecer informações sobre as suas dependências.

A Assembleia resolveu, por 70 contra 2 votos e 8 abstenções (dois membros estiveram ausentes), em não agir quanto à recomendação da Comissão. O delegado de Portugal, dr. Vasco Vieira Garin, declarou que a moção da Comissão de Curadorias contrariava o espírito da «Carta das Nações Unidas», visto constituir interferência nos negócios internos de alguns dos países-membros da O. N. U. — (R. e A. N. I.).

A inauguração da Congresso do Ensino Técnico

(Continuação da 1.ª página)

Encerrou a sessão inaugural o sr. prof. Leite Pinto, que proferiu um discurso em que abordou o «problema da utopia da abundância criada pela técnica e aplicável a todo o Mundo». Nesse estudo de veras interessante, o ministro referiu-se especialmente ao caso português. No que se refere à agricultura, concluiu que é de facto utópico pensar-se que se pode aumentar a produtividade da terra sem se desenvolver a rede de escolas elementares agrícolas.

As exposições de trabalhos dos alunos do Ensino Técnico

No âmbito do I Congresso Nacional do Ensino Técnico Profissional, que se inaugurou esta tarde, abriram ao público sete exposições de trabalhos de alunos, do ciclo preparatório na Escola Técnica Elementar Francisco Arruda, dos Cursos Metal-Mecânicos na Escola Industrial Afonso Domingues, dos Cursos de Electricidade na Escola Industrial Marquês de Pombal, de Construção Civil na Escola Industrial Machado de Castro, de Indole Artística na Escola de Artes Decorativas António Arroio, de Comerciais, na Escola Comercial Patrício Prazeres e de Formação Feminina, na Escola Industrial Josefa de Obidos.

Os certames foram organizados pela Comissão Executiva da Exposição do Ensino Técnico Profissional,

composta pelo director-geral do Ensino Técnico, dr. Carlos Proença, eng.º Rodrigues da Silva, dr. Calvet de Magalhães e arq.º Frederico George, da Escola de Belas-Artes. As exposições, organizadas segundo um critério sistemático e metodológico, têm uma clara e agradável apresentação, revelando a sensibilidade, o engenho e o poder inventivo dos alunos. São milhares as obras reunidas em cada exposição, que esta tarde, às 16 horas, foram simbolicamente inauguradas, no momento exacto em que abria o I Congresso Nacional do Ensino Técnico Profissional. E' de salientar que na Escola Técnica Francisco Arruda, cuja exposição foi organizada pelo professor arq. Antunes da Silva, estão expostos trabalhos das escolas da Índia Portuguesa.

O engenho com o macaco

caiu na zona prevista no Atlântico e forneceu informações sobre a reacção do organismo no espaço

(Continuação da 1.ª página)

velmente ao regresso á atmosfera. O alcance do voo do foguetão não foi revelado. O cone poderá atingir a velocidade de cerca de 15.750 quilómetros por hora.

O projectil, que pesa 50 toneladas, e o seu «passageiro» devem atingir uma altitude, segundo se espera, de cerca de 900 quilómetros acima da Terra.

Uma brigada de especialistas, médicos-biólogos está de prevenção. Se o macaco for encontrado vivo, esperam trazê-lo rapidamente para este centro de ensaios, a fim de procederem a estudos. Aviões e navios estão, também, vigilantes, para tentarem localizar o cone do projectil, quando este se precipitar para a Terra — (F. P.-R.-A. N. I.).

O macaco é de origem sul-americana e inteligente

WASHINGTON, 13.—Um informador militar confirmou que um macaco vai a bordo do foguetão «Jupiter», lançado durante a noite, em Cape Canaveral.

Trata-se de um animal de origem sul-americana, «bastante inteligente» que tem o aspecto de um esquilo. Esta variedade de quadrumano pesa, em geral, cerca de um quilo. O corpo mede uns 25 cms. e a cauda de 35 a 50 cms. Habitua-se ao calor tropical, é muito sensível às variações de temperatura.

Segundo o mesmo informador, o animal escolhido para esta experiência assemelha-se anatomicamente ao homem e sente algumas das emoções humanas.

Acrescentou que o lançamento do foguetão decorreu perfeitamente, pois o engenho elevou-se na vertical, durante 75 segundos, orientando-se, depois a sua trajectória para Leste e tornando-se invisível passados 3 minutos. Deverá atingir uma altitude da ordem de 1.000 kms.—(F. P.).

O engenho com o simio caiu no Atlântico, perto do alvo previsto

CAPE CANAVERAL, 13.—O Exército anunciou ter já caído o cone terminal do projectil teleguiado «Jupiter», lançado esta manhã, com um macaco, ao qual foi dado o nome de «Little Old Reliable».

O comunicado declara que a ogiva caiu no Atlântico, num ponto a cerca de 1.700 milhas desta base.

A ogiva caiu algures, no Atlântico Sul, 15 minutos depois do lançamento do «Jupiter», mas às 11 horas (T. M. G.) ainda não tinha sido encontrada pelas unidades aeronavais destacadas para a área com essa missão. O projectil fora lançado de madrugada, correspondendo às 9 horas (T. M. G.). Devia alcançar 480 quilómetros de altitude, proporcionando aos cientistas um progresso excepcional no estudo das viagens interplanetárias tripuladas.

O lançamento efectuou-se de madrugada, a fim de permitir que as objectivas balísticas da costa atlântica seguissem a rota do projectil durante a maior parte do seu voo na escuridão. Na altura em que a ogiva caiu no Atlântico, no hemisfério Sul, era dia e tornava-se mais fácil a busca. — (A. N. I.).

A experiência demonstra que a ausência da gravidade não afecta perigosamente o organismo humano

WASHINGTON, 13. — O general Jack Barclay, comandante dos Serviços Balísticos do Exército, anun-

ciou, umas duas horas depois do lançamento do «Jupiter», que a ogiva na qual fora instalado um macaco caiu nas imediações do alvo previsto.

Um informador militar disse que unidades navais procuravam recuperá-la.

O capitão Norman Lee Barr, do corpo médico da Marinha, fez, a seguir, a seguinte comunicação sobre as indicações colhidas durante a experiência:

«A aceleração á partida teve um efeito fisiológico escasso (no macaco), mas nenhuma consequência fisiológica séria. O ritmo da respiração afrouxou e tornou-se ligeiramente irregular. O pulso foi um pouco mais rápido durante a aceleração (do «Jupiter»). No período em que a gravidade não se fez sentir, a respiração foi normal. Durante todo o tempo em que o animal foi observado, o ritmo do coração apenas teve uma pequena aceleração e o electrocardiograma manteve-se normal. A informação mais importante verificada até agora nesta experiência é que a libertação da gravidade não tem efeito nefasto sério no organismo humano.

«A análise das informações de ordem fisiológica e material recebidas da ogiva está ainda por fazer. Calcula-se que as observações duraram 800 segundos (pouco mais de 13 minutos) e, durante uns 500 destes 800 segundos, o animal não estava sob a acção da gravidade. E' a primeira vez que se efectuam observações tão longas dos efeitos da ausência da gravidade num organismo vivo». — (F. P.).

A Sociedade Protectora dos Animais, de Londres, preocupa-se com a sorte do macaco

LONDRES, 13. — A Real Sociedade Protectora dos Animais declara-se «preocupada» com a sorte do macaquinho enviado hoje para o espaço num projectil norte-americano «Jupiter». — (A. N. I.).

Não foi recuperado

o engenho com o macaco

WASHINGTON, 13. — A Secretaria do Exército anuncia que foram suspensas as pesquisas para a localização e possível recuperação do cone do foguetão que transportou um macaco ao espaço.

Segundo o brigadeiro J. A. Barclay, não funcionou devidamente o sistema de recuperação do cone do foguetão «Jupiter» o qual auxiliaria os navios e aviões empregados nas pesquisas. — (A. N. I.).

RIBATEJANO

Salvaterra de Magos — Telf. 14

• TODOS OS DIAS •

Aos Almoços — Chás e Jantares

Exibições: Ranchos Folclóricos

Cozinha Portuguesa

(6 anos)

Subsidiado pelo Fundo do Turismo

MADRID

EXCURSAO DE FIM DO ANO

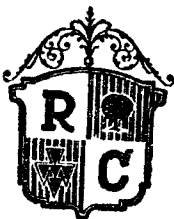
DE 30 DE DEZEMBRO A 4 DE JANEIRO

EM MAGNIFICO PULLMAN MERCEDES-BENZ

Informações e inscrições

mundial turismo

TRAV. DA GLÓRIA, 19-A—Tel. 31915



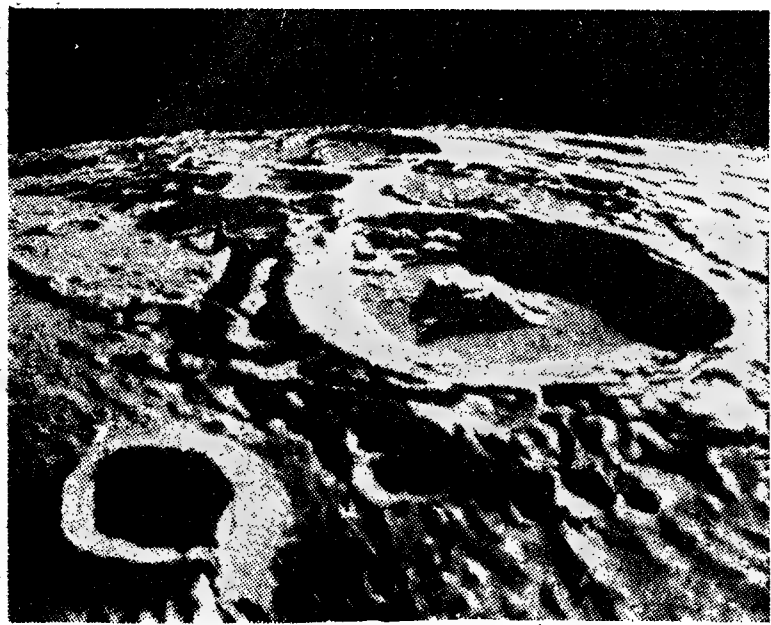
RESTAURANTE CASTANHEIRA

LUMIAR Telef. 77 91 68

Todos os dias menus variados
Aos Sábados os jantares são abrilhantados
com musica e nos Domingos os almoços
e jantares

SALA DE CHÁ — CAFÉ-BAR — TELEVISÃO

(Maiores de 15 anos)



A CONQUISTA DO CÉU

Por MANUEL SALGUEIRO

Haverá no espaço, uma «zona de fogo»?

Referiamo-nos, no numero 21 do «Magazine» a um dos maiores adversários do homem na sua invasão do espaço cósmico: a atmosfera, a qual um pioneiro da astronáutica chamou «A couraça...».

A camada de ar que envolve a Terra possui uma altura enorme. De tal modo que não podemos dizer onde acaba ela — e começa o espaço cósmico: 100, 1.000, 10.000 quilómetros? A verdade é que a atmosfera passa insensivelmente a espaço cósmico e não há, entre si, limite bem determinado.

A medida que a altitude aumenta, a densidade da atmosfera diminui, assim como o numero de moléculas de ar por unidade de volume. Se cortássemos na camada atmosférica uma coluna vertical infinitamente longa com a secção de um centímetro quadrado, o peso de ar nesta coluna seria de um quilograma, aproximadamente. Se a essa coluna retirássemos a parte inferior, numa extensão de um qui-

lómetro, o peso do ar diminuiria em 100 gramas. O ar na parte inferior de uma tal coluna pesaria 0,5 quilograma, isto é, metade do peso total da coluna. Ou ainda: os primeiros 18 quilómetros de coluna contêm 14/15 de ar! Se subissemos a uma altura de 150 quilómetros, o ar não pesaria mais de 1/100.000.000 do peso total!

Eis por que se pode dizer que, a tais altitudes não existe praticamente atmosfera, ainda que possamos encontrar 100 biliões de moléculas de ar em cada centímetro cúbico. Encontram-se vestígios de atmosfera mesmo a milhares de quilómetros de altura. Ainda mais, o que nós chamamos o «vazio cósmico» não está completamente privado de matéria. Encontram-se moléculas e átomos isolados.

Sómente até a uma pequena distância da Terra, encontra o homem ar suficiente para viver. A partir

(Continua na página seguinte)

DIALOGOS IMPERTINENTES

por ALFREDO BRÁS

Diário de Lisboa

22

SUMÁRIO

«O Finezas»
ALEXANDRE CABRAL
A caminho do Céu
MANUEL SALGUEIRO
Diálogos impertinentes
ALFREDO BRÁS
Crónica de Londres
LUÍS DE SOUSA REBELO
Bilhetes Paulistanos
MIGUEL URBANO RODRIGUES
Fim-de-semana, feliz
CICERONE
Apontamentos para os tempos futuros
DIOGENES
Os irmãos Karamazov
FEODOR DOSTOIEVSKY
Postal ilustrado
MANUEL GRA
Impressões de Itália
DULCE REBELO
Ganhe 100\$00 com um sorriso aos lábios
Todo o homem enamorado tem uma espécie de sandice
AUGUSTO DA COSTA DIAS
Ouvir bater o coração do Mundo
WILLIAM SIMPSON
Saiba comer
O peixe, alimento n.º 1
M. CAROLINA FREITAS
Eduquemos o nosso filho
M. LUCIA DA SILVA ROSA
Comentário humorístico ilustrado
VASCO
Página da Mulher

Mário — Mas que te aconteceu, caro Saraiva, para trazeses uma cara dessas?

Saraiva — Estou assim tão desfigurado? Tenho realmente uma ligeira dor de cabeça, mas ainda há poucos dias fui ao médico e ele garantiu-me que a saúde estava ótima.

Mário — Não é nada disso. Não te assustes. Ache-te até um pouco mais gordo e com belas cores, mas trazes o aspecto alucinado de quem foi visitar um amigo ao manicómio ou invocar o espírito de um parente falecido a uma sessão de espiritismo...

Saraiva — Ah! isso é outro assunto. Olha que me sucedeu pouco menos. Fui ver uma exposição de arte moderna e, sinceramente, vejo confuso, apavorado e com a esquisita sensação de ter levado marteladas na cabeça. Ou aquilo é, de facto, um estranho misto de manicómio e de sessão de espiritismo ou eu sou uma realíssima besta. Não vejo outra alternativa.

Mário — Uma exposição de arte moderna... Meu pobre Saraiva! Cubismo, abstraccionismo e nem uma única vaquinha ruminante mente nostálgica a pastar num prado muito verdinho; nem sequer o retrato de uma senhora idosa muito parecida com a tua velha tia ou de um senhor-desconhecido, mas tão «verdadeiro» que só lhe faltasse falar. Como isso deve ter sido horrível!

Saraiva — Bem sei que admiras muito a arte moderna e vais troçar de mim. Mas que hei-de eu fazer se me é completamente impossível compreender aquilo quanto mais admirar...

Mário — E consegues compreender e admirar a arquitectura moderna, a poesia moderna, o romance moderno, a musica moderna ou qualquer outra manifestação da arte do nosso tempo? Vives voltado para o passado e patoces convencido de que os artistas de hoje

(Continuação da página central)

magazine

VIDA QUOTIDIANA EM PORTUGAL NA IDADE MÉDIA

TODO O HOMEM ENAMORADO TEM UMA ESPÉCIE DE SANDICE

Por AUGUSTO DA COSTA DIAS

«... todos os sabedores concordavam em todo o homem enamorado tem uma espécie de sandice; porque ele julga a feia por formosa...» (Fernão Lopes)

AO há duvida que D. Fernando não podia escapar á fatalidade de uma Leonor. Todas as hipóteses matrimoniais que se lhe apresentavam traziam este rótulo, apenas variando no apêndice — de Aragão, de Castela ou Teles. Leonor Teles foi a ultima, e nela acabou por aninhar a soberana obrigação de, mal ou bem, perpetuar a espécie.

Conheçera D. Leonor no paço de sua irmã, a infanta D. Beatriz, filha bastarda de D. Pedro e de Inês de Castro. Como há muito já que não havia em Portugal uma rainha

— a ultima, D. Constança, mãe de D. Fernando, morreu mais de 20 anos antes — a Corte, com suas molhadas de donas e donzelas, emigrava para os paços da infanta e era lá que el-rei (segundo os dizeres do cronista Fernão Lopes, «manchebo valente, ledo e namorado, amador de mulheres e achegador a elas») encontrava matéria-prima bastante para escolher.

Quando travava relações com Leo-

nor Teles estava noivo de Leonor de Castela e devia recebê-la cinco meses depois. Mas, feia ou bonita, a jovem espanhola vivia longe da vista, ao contrário do que sucedia com a portuguesa: a portuguesa estava perto do coração, dos olhos, da boca e D. Fernando tinha, ainda por cima, um forte desvelo fraterno que o impelia a visitar a irmã assiduamente. Fora assim que o en-

(Continua na página central)



BILHETES PAULISTANOS

Saudade do absurdo

SAO PAULO (Novembro) — Sempre me considerei um desengajado na aceção emprestada ao termo por Maurice Barrès. Minha pátria é o Mundo e meus irmãos os homens, onde quer que vivam e seja qual for o seu grau de esclarecimento. O que, devo acentuá-lo, não me impede de sentir de modo especial os problemas do povo português e de pôr todas as minhas energias ao serviço da sua causa. Nasci em Portugal, cresci nas solidões do Alentejo entre homens rudes e inteiros e tenho para mim que a unica forma de conferir na hora que passa um sentido ao absurdo da minha passagem pela Terra é fazer algo — o pouco que está ao meu alcance — em favor dos que vivem de esperanças na distante terra lusitana.

Mentiria, no entanto, se comparasse o meu caso ao de tantos outros emigrados que suportam mal o afastamento da cidade ou da Nação onde se formaram para a vida Paulo Duarte, cujo amor pelo Brasil está acima de qualquer suspeita, disse-me, um dia, que todo o país onde vivia durante certo tempo era sempre para ele uma pátria. Experimentara esse sentimento de identificação em França e, mais tarde, em Portugal. Penso e sinto exactamente como ele.

Surpreendido com a ausência do aguilhão da saudade lusitana de que me falam comovidamente tantos compatriotas, tenho-me esforçado por interpretar e compreender o meu processo intimo, resultante da fixação num continente que desconhecia. Foi assim que descobri, não sem certa surpresa, que se algum sentimento me impele a notar diferenças e resistências entre mim e o Brasil, tal sentimento é por completo estranho à minha condição de português. Não há, contudo, desajustamento, nem me aflora ao espirito a ideia de que a sociedade onde me vi repentinamente mergulhado seja formada por individuos que se dife-

Por
MIGUEL URBANO
RODRIGUES

renciem no essencial dos membros das colectividades que me são familiares. Não. O Brasil forçou-me apenas á consciencialização de uma ideia que para mim sempre permanecera nebulosa. Aquilo que me permite olhar este imenso país de fora para dentro não é a minha qualidade de português mas sim a de europeu, bem mais abstracta e difusa. Talvez porque o europeísmo é muito mais um estado de alma e uma concepção de existência do que um sentimento telurico, concepção que, de resto, não se me impõe como melhor ou pior do que qualquer outra, mas tão só na medida em que evolui dentro dela.

Mas quando me interrogo e procuro averiguar a intensidade da «au-



Síntese espanhola: o humano e o sobrehumano partilham a mesma face neste «Martírio de S. Bartolomeu» — quadro de Ribera

sência» da Europa na minha pessoa, sou obrigado a concluir que o meu sentimentalismo se orienta pelos caminhos do absurdo. Nada tem, por paradoxal que tal pareça, de europeia a realidade física e humana cuja perda de contacto me produz uma saudade ora vaga ora intensa e sempre indefinível. Deambulando há dias, madrugada alta, pelas ruas de São Paulo na companhia de um amigo, Vitor da Cunha Rego, jornalista emigrado como eu, chegámos á mesma conclusão. Não era a França, expressão e símbolo da Europa, não eram as vetustas catedrais góticas, as austeras pinacotecas, as cidades e as ruínas da Itália e da Grécia a destilar história em cada pedra, a efervescente atmosfera de agitação intelectual e de experiências sempre renovadas, a volúpia doentia dos debates estereis nos cafés do Quartier Latin ou do Chiado — não eram essas as «ausências» que desencadeavam a nossa saudade. Tudo isso estava de certa forma presente no Brasil, ainda que não pudéssemos contemplar ou recriar deste lado do Atlântico os musgosos silhares, dos templos romanos, as grandes

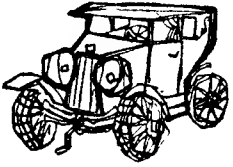
telas dos mestres de ontem e de hoje, a «patine» dourada dos palácios da Renascença, a excitante desordem de Saint Germain e do Boul'Mich. A «ausência» que sentíamos não era tão-pouco a de uma concepção de existência que no seu cartesianismo ultrapassado se nos afigurava em muitos aspectos menos humanística do que a do Novo Mundo. O que nos faltava era, precisamente, aquilo que na Europa é mais incompitível com a Europa: a Espanha! Era do absurdo que tínhamos saudade...

Se há no Mundo um povo onde se encontrem reunidos em grau superior a qualquer outro todas as tendências, hábitos, instintos e sentimentos vulgarmente designados como virtudes e defeitos, esse povo é o espanhol. Não foi por mero acaso que a figura canhestra, ativa e comovente do Quixote continua a ser uma imagem caricatural mas nem por isso menos verdadeira do homem em geral e de cada espanhol em particular.

E, de resto, esse humanismo espa-

(Continua na 7.ª página)

FIM DE SEMANA FELIZ A conquista do céu



para onde vai amanhã?

«Paz de cada um dos teus dias um motivo de saudade para o dia seguinte».

Não necessito de dizer aos meus leitores que este pensamento me veio da China por intermédio do francês. Como devem supor, a tradução de «souvenir» por saudade foi uma pequena violência que os Garrettianos por certo me desculparão.

Esclarecimento feito, convém dizer que o amigo Confúcio sabia o que pensava. Achar prazer na vida, até nas contrariedades dela, ninguém como os Chineses até hoje o conseguiu. As grandes marchas da fome nos caminhos do Sul não impediram nunca o sorriso desbragado, sensual e sem reservas dos budistas de porcelana.

A vida que a máxima parte de nós hoje leva ajuda pouco a manter aceso nos lábios um sorriso calmo e descontraído. Amontoam-se as dificuldades no caminho; as paredes difíceis; as ladeiras escorregadias... E de repente um som brusco de vidros quebrados: foi o sorriso que caiu no chão!

Precisamente por isso, a alegria é tarefa para hoje. Em verdade vos digo que a alegria é a maior conquista do nosso século — e não vá a gente perdê-la sem mais nem menos...

Mantê-la, defendê-la quando ninguém a ameaça, não é reparar que para heroísmo é pouco. Nos momentos difíceis, isso sim, importa levantar bem dois palmos acima de nós, um sorriso que seja, simultaneamente, um desafio — e uma vitória.

De terra de marinheiros sou eu — e perdoem-se trago ao ponto a história do Jordão que foi comandante de lugres e corvetas. As vezes tenho pena que ninguém mais haja continuado a história Trágico-Marítima. Parece que os nossos tormentos se ficaram por ali — quando a verdade é que o fadário de derrotas e naufrágios está bem longe de ter o cronista que merecia.

O comandante Jordão decorara a salineta de estar com uma série de painéis votivos (que ao depois a viúva transferiu para a igreja matriz). Cada um deles representava uma dificuldade, um temporal, um «salve-se quem puder!».

O da esquerda, o do barco quase completamente submerso, lembra o naufrágio de um velho lugre que o comandante Jordão governava. A mínima esperança, sequer! A tripulação já toda na baleeira, tempestade desfeita, e o amigo Jordão na cabina, junto da amurada, a procurar acender o cachimbo:

— Que raia de vento este, não querem ver!

E só depois que aspirou a fuma-

ça consoladora, se resolveu a entrar no salva-vidas.

Esta paciência, este deixar passar a onda febril sem irmos no jo-go, ajudará a fazer de cada dia, um dia de que se tem saudade (apesar de tudo, estava eu tentado a acrescentar...).

Além de que certos momentos, certas épocas do ano não nos pertencem, de modo a fazermos deles o que nos der na real gana. Agora, por exemplo, com o Natal à porta, a hora é das crianças. Os nossos problemas devem passar a plano muito recuado — para que o interesse dos meninos tome a dianteira.

Acredita, meu caro, os dias que vão decorrer de agora até ao fim do ano deixarão marca bem funda,

(Continua na 7.ª página)

Ganhe 100\$00 com um sorriso nos lábios

«Anjo é o que deixa enfiar a auréola até às orelhas»

Eis a lapidar definição que nos envia uma nossa leitora que apenas assina com o pseudónimo «Ganhando com a direita, a esquerda não deve saber». Perguntarão: mas como sei que se trata duma senhora? Não fazemos mistérios: é ela mesmo quem no diz e eu acredito. Além disso porta-se como um verdadeiro anjo, pois diz que se ganhar os cem escudos quer apenas ficar com o sorriso nos lábios; o dinheiro deverá ser entregue á velhinha centenária de que falava outro dia o «Diário de Lisboa» e que fez umas calças para o Chabi e um gabão para D. Carlos.

Pois muito agradecidos e vamos entregar á beneficiária o dinheiro.

Quase tão boa definição como a da vencedora é a do sr. Teodósio Augusto Salgueiro (Alverca). Afirma ele que ANJO é um

«Atributo que se alcança de duas maneiras: ou morrendo em criança, ou deixando-se esfolar em adulto...»

Claro que o adulto sempre tem alguma vantagem: goza o título

O sr. Manuel Portela (Dafundo) é do parecer que ninguém reivindica este título, o que me parece revelar demasiada crença na generosidade humana... Escreveu estas palavras:

«Anjo é aquilo que nunca queremos ser, mas sempre nos convém que os outros sejam».

Mas mais pessimista ainda é o sr. João Dinis Cebola (Santarém) que sustenta que o título é sempre póstumo. Afirma, com efeito:

«Anjo é o que só conseguimos ser depois de mortos».

Então o Anjo da Guarda? Ao menos que abra uma excepção para este!

Parece que a palavra «ANJO» não inspirou suficientemente os nossos leitores. Esta semana foi incontável a lista dos que caíram no cesto do sorriso amarelo. Para palpitemos até que ponto assim foi, não resisto á tentação de citar o sr. Domingos Rodrigues (Torres Vedras):

«Anjo sou eu, porque sou mais que bom; sou bom-bom. E até porque o meu pai é bombeiro e a minha tia é bem boa».

Este nosso celestial leitor acrescenta: «Cá fico esperando a massa. Isto nunca falha».

Como vê, porém, não há regra sem excepção: desta vez falhou. Paciência.

Uma leitorazinha do Suplemento «Juvenil», a Maria da Piedade, escreve-nos a pedir que ponhamos a concurso uma das seguintes palavras: água, mentira, língua. Diz-nos estas palavrinhas: «Façam-me se faz favor esse favor para tornar alegre o meu pai, que está doente».

Pois decerto, querida pequenita, que te fazemos, e com imenso gosto, a vontade. E oxalá o Menino Jesus te dê, entre outros bonitos, a saúde do teu Pai.

Até ao dia 22, portanto devem enviar os nossos leitores para «MAGAZINE», Rua Luz Soriano 14 a 48, a definição da palavra.

LINGUA

(Continuação da página anterior)

daí, a vida só é possível dentro de uma cabina estanque, com um escafandro especial, ou ainda com uma máscara de oxigénio.

A experiência mostra que um indivíduo (especialmente treinado, embora) perde os sentidos no fim de 10/15 segundos a uma altitude de 15 quilómetros.

Estabeleceu-se, assim, que o espaço cósmico começa á altura de 15/20 quilómetros e torna-se «absoluto» a mais de 100 quilómetros. Todavia, certos fenómenos atmosféricos produzem-se a alturas muito mais elevadas — como as auroras boreais que brilham por vezes a 1.000/1.100 quilómetros.

A partir dos 800/1.000 quilómetros, começa a chamada «zona de difusão». Uma parte das moléculas volatiliza-se, difunde-se no espaço cósmico. O ar é tão rarefeito que a molécula percorre centenas de quilómetros antes de encontrar outra molécula — enquanto á superfície da Terra elas se encontram centenas de milhares de vezes percorrendo apenas um centímetro.

A estrutura da atmosfera terrestre não é homogênea e o foguetão cósmico que a atravessará terá de passar pelas sucessivas zonas como um alpinista através de diferentes zonas climáticas durante uma ascensão em alta montanha.

A camada da atmosfera mais próxima da terra denomina-se troposfera cuja espessura varia entre 7 e 8 quilómetros (menos no pólo maior no equador). É na troposfera que nascem os ventos, as chuvas, os nevoeiros. A medida que subimos nela, a temperatura diminui, e atinge 56/60 graus abaixo de zero no seu limite superior.

Acima da troposfera existe a estratosfera.

Antigamente supunha-se que a temperatura do ar na estratosfera

não variava com a altitude, permanecendo igual a 60° negativos, baixando depois gradualmente, de modo a atingir o frio do espaço cósmico.

Na realidade não é isso o que sucede.

A temperatura de 60° negativos mantém-se até á altitude de 30/40 quilómetros, depois começa brusca-mente a subir e ultrapassa os 50/60°.

Então, dá-se nova baixa repentina, até á altura de 80 quilómetros onde reina um frio terrível: 80 graus abaixo de zero e ainda menos.

Não ficamos por aqui. A temperatura recomeça a marcha ascensional: aos 200 quilómetros de altura, atinge 200/300 graus positivos e aos 1.000/1.100 quilómetros, 4.000 graus! Segundo afirmam alguns sábios, a temperatura chega a atingir, a uma certa distancia, dezenas de milhares de graus...

A primeira vista, seríamos levados a crer que representaria isto grande perigo para os futuros viajantes interplanetários. Terá a astronave de atravessar zonas mais quentes do que um forno Martin?

Não. A astronave não atravessará nenhuma «Zona de fogo».

A noção de temperatura a grandes altitudes não é a mesma que temos á superfície da Terra. Lá, o ar é tão rarefeito que um numero insignificante de moléculas virá embater na superfície do foguetão. Ora são esses choques que poderiam aquecer a superfície da astronave. Esta, ao mesmo tempo, arrefecerá, irradiando o seu próprio calor no espaço ambiente.

Podem, pois, ficar descansados os futuros pioneiros da astronáutica: nenhuma fornalha ardente existe no céu para queimar o sonho dos homens...

(Adaptado por

MANUEL SALGUEIRO)

disco da semana

SINATRA — COME FLY WITH ME
Come fly with me — Around the World Isle of Capri — Moonlight in Vermont — Autumn in New York — It happened in

Monterey let's get away — April in Paris — Brasil London by night — It's Nice to go Travelling

CAPITOL LCT 6154

Sinatra com as orquestras de Billy May e Nelson Riddle convida-nos para uma volta ao Mundo através das mais belas canções ligeiras dos últimos anos. Eis um convite de aceitar.

Sinatra melhor que nunca! Parece não ter fim a ascensão deste pluritalentoso artista.

COME FLY WITH ME é mais um marco na sua carreira sem par. Ouçam-no.

LORIS VELLI CANTA IN PORTOGHESE

Vocês sabem lá — Sete colinas Deixa lá falar — Lisboa

Columbia 45 rotações Super SLEM 2017

Chegou cantou e venceu!... Tal adaptação da famosa frase Cesariana aplica-se com perfeita justiça a Loris Velli, o popular cancionista internacional italiano cuja voz assola o nosso País e cuja personalidade encanta o nosso publico. Aproveitando a sua excepcional capacidade para idiomas a Columbia decidiu registar um «extended-play» cantado por Loris Velli em Português! O resultado é bastante agradável, tanto mais que, graças ao «to-

que» internacional das interpretações, nos parece mais que certo o êxito deste disco em Itália, onde o nome de Loris Velli tem enorme popularidade. Novo êxito da musica portuguesa no Mundo? Cremos que sim.

10 LIVRO DA SEMANA

○ livro a que hoje dedicamos esta secção merece, com inteira justiça, o título de «Livro da Semana» «LIRICAS PORTUGUESAS» — com selecção, prefácio e notas de Jorge de Sena — é um livro notável quer pelo excepcional prefácio, quer pelo critério utilizado na escolha dos poetas que dele fazem parte, quer, finalmente, pelo interessantíssimo período que abarca. Na realidade, estas «Líricas Portuguesas» são compostas por produções de poetas que nasceram entre 1909 e 1929, com excepção dos autores publicados na 1.ª parte da Antologia — entre os quais deve destacar-se Almada Negreiros.

Esses poetas começaram a publicar obra a partir de 1938. Eis um motivo de grande interesse para o grande publico. As «Líricas Portuguesas», quinto volume de poesia das «Antologias Universais» da Portugália Editora vêm assim desvendar um rico e belo mundo de criação poética bastante desconhecido dos Portugueses.

Por todas estas razões o aconselhamos aos nossos leitores, como verdadeiro «LIVRO DA SEMANA» que é.

NOTA — Na semana ultima não apareceu, por lapso, o nome da obra-prima de Charlotte Brontë «VILLETTE» (3.ª edição) — ultimo volume da Colecção «ROMANCES UNIVERSAIS», da Portugália Editora, que acaba de editar também: «Agosto Azul» — 5.º volume das Obras Completas de Teixeira Gomes.

«A Terra foi-lhe negada», romance de Maria da Graça Freire, primeiro volume da Colecção «Contemporaneas».

«Poemas de Deus e do Diabo» (5.ª edição), de José Régio.

«Portugal para os Pequenos» (3.ª edição), por Maria Paula de Azevedo.

CRÓNICA

LONDRES

A CRISE DO CHIPRE

A situação política na ilha do Chipre atingiu uma fase de extrema gravidade. Há já quase cinco anos que este espinho cravado na carne do velho leão britânico continua a sangrá-lo, pondo em risco a sólida tradição imperial do «self-government».

O Chipre é uma daquelas ilhas encantadas, porta para o Médio Oriente, onde os deuses tiveram contubernio carnal com os homens, e que, através das vicissitudes da história, exigiu um pesado tributo de vidas aos seus filhos, que conheceram sempre a invasão e a ocupação estrangeira. Terra de uma suave beleza mediterrânica, sob um azul de fogo e uma doce e arcaica paisagem rural, deixou de ser um local anunciado pelas agências de viagens para um cruzeiro de férias para se tornar uma zona de inquietação e luto.

No princípio do século, ao romper as hostilidades com a Turquia, em 5 de Novembro de 1914, o Governo britânico anezou a ilha, que tinha estado até então sob domínio turco, e a nova situação política foi oficialmente reconhecida por aquele país no «Tratado de Lausana» de 1923. Nele a Turquia renunciava de uma vez para sempre a todos os seus direitos e comprometia-se a abster-se de qualquer interferência política, legislativa ou administrativa nos negócios internos do Chipre.

Já sob tutela inglesa registou-se em 1931 forte agitação popular, que reclamava a integração do território na esfera da soberania grega. Como consequência deste movimento, que provocou motins nas ruas,

Por
LUÍS DE SOUSA REBELO
LEITOR DA UNIVERSIDADE
DE LONDRES

O Conselho Legislativo foi destituído dos seus poderes, que foram transferidos para a autoridade do governador.

Sobreveio a segunda Grande Guerra e o primeiro regimento cipriota, constituído em 1910, bateu-se rijamente ao lado dos Ingleses, na França, na Líbia, em Creta, na Grécia e na Síria. Em face do esforço militar e da pronta adesão dos Cipriotas à causa aliada, a Inglaterra prometeu o «self-government» para depois do termo das hostilidades.

Ora é aqui que está a raiz do problema. Por razões diversas, em que pesam objectivos de ordem militar, a Inglaterra tem procurado manter por tempo indeterminado a sua presença na ilha, adiando para um futuro remoto o cumprimento da sua promessa. A agitação popular, apoiada pelos partidos políticos, foi-se intensificando, particularmente depois da chegada de fortes contingentes militares, que passaram a exercer uma acção repressiva.

Desesperados, vendo o fracasso das tentativas de negociações e resentindo-se da ausência de uma frente Unida de Libertação Nacional — como fora sugerido por alguns líderes locais — os Cipriotas lançaram-se em actos de terrorismo.

E' neste contexto trágico que se insere o plano MacMillan de «coo-

perações» entre Gregos e Turcos, com dupla separação parlamentar e municipal, implicando mais tarde uma eventual divisão do território. O novo sistema entrou em acção, na sua forma preliminar, em 1 de Outubro, e será aplicado na sua totalidade sob protecção inglesa e com a presença de representantes da Grécia e da Turquia.

A reacção da maioria dos Cipriotas contra este plano foi pronta e imediata, tendo recrudescido os actos de violência. Os Turcos constituem uma minoria numa população em que quatro quintos são Gregos. Durante séculos têm vivido em paz com os seus vizinhos gregos, casando-se entre eles, misturando-se, reciprocando serviços, respeitando-se mutuamente. Ora é precisamente esta unidade centenária que o plano MacMillan vem ameaçar, pretendendo impedir, na aparência, um conflito entre duas comunidades, que antes da acção dos políticos ignoravam quaisquer reivindicações nacionalistas.

Se o plano é levado por diante há cidades com uma população de esmagadora maioria grega que ficarão divididas em duas municipalidades, criando complexos problemas de administração e semeando, no meio das dificuldades inerentes à execução do projecto, profunda discordância racial. E assim o plano fomentaria aquilo que precisamente pretende evitar.

Aos olhos dos líderes cipriotas o plano não tem outro objectivo senão o de perpetuar a presença das tropas inglesas na ilha, dividindo a população numa luta interna, e justificando assim a necessidade da protecção militar britânica. Por outro lado reputam ilegal a atitude do primeiro-ministro britânico que, em plena contravenção do «Tratado de Lausana», ressuscita as pretensões turcas sobre o Chipre, procedendo com a participação e o assentimento das autoridades daquele país. Este tratado, assinado por seis potências, além dos Turcos, está, assim, em risco de ser violado.

Reconhecendo a gravidade da situação, o arcebispo Makários arrepiou caminho nas suas propostas, renunciando, de momento, à «Enosis», ou seja a união com a Grécia, e manifestou-se disposto a aceitar a independência do Chipre, submetendo a aprovação das Nações Unidas a sua união com a Grécia, ou a Turquia, ou a partilha territorial entre ambas.

O Governo britânico rejeitou quaisquer negociações nesta nova base. Uma tal atitude causou profundo descontentamento na ala liberal e em todos aqueles para quem o problema do Chipre se tornou um terrível pesadelo. O chefe do Partido Liberal, o deputado J. Grimond comenta com um humor sarcástico a recusa governamental: «parece que estamos sempre a chegar a um acordo, mas logo tudo se malogra porque insistimos em pontos que depois se abandonam». Entre os Trabalhistas há quem acuse o sr. Gaitskell de imobilismo político, vendo-o mais preocupado em seguir as oscilações caprichosas do eleitorado do que em atacar de frente a política do Governo.

Por seu turno o Governo admite, com um certo mal-estar, que decidiu levar a cabo o plano de partilha, apesar da desaprovação expressa do sr. Spaull, e reconhece rentemente que a acção militar está a tomar o passo sobre a acção meramente administrativa e civil. Ao mesmo tempo a Eoka desiludida com a inércia do Governo grego, que evita levar o caso do Chipre à O. N. U. para não causar embaraços aos seus aliados da N. A. T. O., faz arrastar a luta armada, tornando a situação intolerável para os Ingleses.

O governador, sir Michael Foot, sempre que sai da sua residência, — uma magnífica vivenda no campo, rodeada de arame farpado e permanentemente policiada por patrulhas militares, tem que tomar severas precauções de segurança pessoal. Há cerca de quinze dias a indignação popular atingiu o auge em virtude dos métodos a que ele foi obrigado a recorrer. Obedecendo às ordens de Londres, após uma série de atentados em estabelecimentos britânicos, que ocupavam operários cipriotas, licenciou 4.000 trabalhadores, a despeito dos protestos sindicais contra esta vaga de desemprego, que assumia as proporções de uma punição colectiva.

Perante a gravidade dos acontecimentos e as medidas adoptadas os Cipriotas detestam cada vez mais a presença britânica e voltam-se, como um condenado que sente apertar-se o laço em torno da garganta, para as organizações clandestinas, engrossando a fila de voluntários que se oferecem diariamente à Eoka, transformando, assim, o que poderia ser apenas uma rixa de bairro numa guerra nacional.

Novembro, 58.

OUVIR BATER O CORAÇÃO DO MUNDO

O drama da família Mondim

Incerteza e esperança... Sorrisos e lágrimas... A dor mais profunda, uma alegria sem limites... Por estes cambiantes, durante três longos meses, passou o coração de família Mondino...

Perante as crueldades que se praticaram na última grande conflagração (e nas muitas pequenas conflagrações «localizadas» que ao depois vieram) afirmou-se, aqui e além, que o homem reatendera à barbarie... Que a «besta» que dorme no homem, apesar de todos os vernizes da sociedade, acordara mais violentamente do que nunca.

Dá vontade de gritar cá da nossa fila ao orador pessimista:

—Não apoiado! Não apoiado!

Porque a consciência humana atingiu, no século onde moramos, uma altura impressionante. Nunca o horror de novas conflagrações foi tão profundo, nunca a condenação delas foi tão veemente e tão geral. Hoje, os homens simples de todo o Mundo, o chamado «homem da rua», sentem-se responsáveis pelos acontecimentos, sentem que «valem» alguma coisa no prato da balança.

E o prato da balança inclina-se, visivelmente, para o seu lado...

Não obstante, permanecem alguns focos «localizados» de desentendimento, com todo o imenso cortejo de crueldades, de sacrifícios e de lágrimas que sempre acompanham essas catástrofes — e que o Padre António Vieira tão bem denunciou.

O conflito entre Argelinos e Gauleses é um dos tais. E os sofrimentos que ele ocasiona podem ver-se no seguinte episódio.

A família Mondino é uma honrada família de comerciantes na praça de

Toulon. Levavam uma vida calma, sem incidentes de maior, até ao dia em que Mondino Junior, o Luís, foi mobilizado e levou o caminho de Argélia.

Não houve mais tranquilidade no lar, em cada dia que passava esperando-se o pior, a notícia pela qual tremia o coração dos pais...

...E a notícia chegou: o comandante da sua unidade informava que Luís Mondino, de 20 anos, fora morto no dia 16 de Agosto...

Luto, lágrimas, o ruir de esperanças e de sonhos...

Mas a vida não se compadece com isso. A vida segue sempre. Chegou o dia um de Setembro e com ele uma carta com a letra... mas espera... esta letra não é do nosso Luís? E', não há dúvida, é mesmo do nosso Luís... Em b o r a lacónicamente, Luís Mondino afirmava estar de boa saúde...

Os sorrisos voltaram, e a esperança... E', do comandante, por certo... Um daqueles erros trágicos em que as guerras são férteis...

Mas a alegria da família foi de curta duração. Uma comunicação oficial avisava de que o calção contendo os restos mortais do jovem Luís se encontrava já no cemitério de Marselha.

Nem o pai nem a mãe, tiveram coragem de empreender a longa viagem. Foi o tio.

—Mas não é o meu sobrinho! — declara ele, diante do cadáver!

Neste jogo de angústias

e de esperanças, de lágrimas e de sorrisos, dava-se depois um novo golpe de teatro. O carteiro entrega à família Mondino correspondência vinda da Argélia e datada de 23 de Outubro. O pai, desmaiou... A mãe, pálida como um cadáver, abriu nervosamente a carta. A primeira carta, dactilografada, dizia: «Estimado senhor, estimado senhor. Como podem ver, o vosso filho é tratado humanamente, conforme as leis da guerra. Quatro dos seus camaradas foram já libertados. Outros o serão, por intermédio da Cruz Vermelha, se contarmos com a reciprocidade. Deveis insistir com o Governo francês para pôr cobro a esta luta sem qualquer interesse. O coronel comandante de Willaia, 3 — «Amirouche».

Quanto à segunda carta, de Luís Mondino, dizia:

«Queridos pais: Escrevo-lhes com o fim de lhes dar notícias minhas, que são muito boas. Estou bem, não se preocupem por minha causa. Espero, brevemente, encontrar-me ao pé de vocês.

Aqui, está mais frio que em Toulon. Beijai-os o filho saudoso, Luís».

A angústia da família Mondino parece ter deixado de existir. Aquela carta tranquiliza-a. Mas não completamente — porque a guerra, «lá-bas» continua...

E quando há guerra, como dizia o grande clássico português, de nada estamos seguros...

MORSE

NOTÍCIAS DE TODO O MUNDO
PARA TODA A GENTE

Dias de tempestade

Mai sabemos nós quanto lhe estamos em dívida para com a Providência que nos fez presente de um céu tão azul e de um clima tão doce...

Certamente, isso traz desvantagens. Já li não sei onde, por exemplo, que os Portugueses cultivam pouco a vida peculiar porque o Sol, o bom tempo, convidam à boémia, à dispersão. E também já me disseram ali em baixo que o romance não abunda em Portugal pela simples culpa do Sol e do clima.

Para escrever um romance há que estar encerrado em casa pelo menos doze meses em cada ano e quem teria coragem, em Portugal, de abandonar o astro-rei, as flores, a suavidade de uma tarde, ou manhã de Primavera?

São desvantagens para a vida, e para a literatura, convém. Por outro lado, as vantagens não são de menor monta. Estamos, pelo menos, ao abrigo das grandes tormentas que semeiam a ruína e a morte e que são, em determinadas regiões, frequentíssimas.

Na roda do ano contam-se para cima de dezasseis milhões de tempestades. Nos trópicos 80 a 160 dos 365 dias são tormentosos, na Europa Central, 15 a 25 dias...

Mas o «recorde» das tempestades pertence a Buitenzorg, na ilha de Java: as fúrias e os raios fulminam-na, sem piedade, durante 337 dias em cada ano!

Era aqui que eu queria chegar. Vejam lá se temos ou não motivo para estar agradecidos...

Viva o progresso!

Por muito que o progresso seja tido por hósede indesejável em certos meios (que não prescindem dele, em todo o caso...) a verdade é que ele não pára a sua marcha humanitária.

Pelo amor de Deus! Poupem-me aqui a discussão de sabermos se o progresso vale ou não vale a pena (eis um campo onde possivelmente nenhum de nós faria progressos) ou de os malefícios resultantes do progresso material estarem em proporção com os do progresso moral e espiritual. Francamente, para certas frases do progresso que atravessamos, achamos essas discussões verdadeiramente bizantinas.

Nos Estados Unidos da América a controvérsia sobre a opinião do progresso material e progresso moral ainda não acabou. Alguns «missionários» continuam a afastar-se dos caminhos da selva, para viverem uma existência de privações, de auto-flagelação. Pululam as seitas cuja missão é contribuir para a salvação daqueles que o progresso perdeu...

Acabo de ler uma notícia que de ve, creio bem, ter trazido para a corte do progresso, muita ovelha desgarrada... Ela, na sua extraordinária simplicidade, a cola que acompanha os selos passa a ser perfumada com essências de morango, mentol, salsaparrilha...

Imaginem só! Um trabalho até aqui penoso e aborrecido transformase, por obra e graça do progresso mentolado numa agradável tarefa...

Viva o progresso.

MAGAZINE

AGRADECE

SUGESTÕES

E CRÍTICAS

Rádio SABA

Televisão

PRECISÃO DA FLORESTA NEGRA EM IMAGEM E SOM

OS IRMÃOS KARAMAZOV

A partida de Dmitri não trouxe a paz à família; por demais tinha ela a intranquilidade no sangue. A intervenção de Alexei para «arrumar» o noivado do irmão, longe de provocar

sassínio e roubo? Tudo isto deixou preocupado, tanto mais que sob a figura sinistra desse irmão anormal, ele reconhecia a sua própria caricatura; ao ouvi-lo, dir-se-ia que era ela quem emitia tais barbaridades.

era duro e cruel; mas havia que conhecê-lo, sem dúvida alguma. Ivan, agora, mal conseguia pensar — parecia-lhe que imediatamente esse pensamento passaria à acção, pelo punho de Smerdiakov...

Dmitri fez uma coisa que intrigou as duas mulheres. Em cima da mesa achava-se um almofariz com sua mão de cobre; Mitia, que já tinha aberto a porta, agarrou o pilão, de repente, e meteu-o na algibeira. — Senhor! Vai matar alguém — gemeu uma delas.

Dmitri voltou. As mãos vinham sujas de sangue; o rosto descomposto, também. Trazia um maço de notas, bem em evidência. Desempenhou as pistolas, lavou-se ali mesmo. Saiu em busca de Gruchineka. Conseguiu encontrá-la, com o seu «oficial». Foi uma noite de grande orgia, com música e champanhe. A rapariga embriagou-se. Sob os vapores do vinho, ela tentou coordenar o que se lhe passava no coração. Pediu auxílio a Mitia. Reviveu o passado, confessou-se enamorada de Dmitri, beijou-o com paixão, fez-lhe mil juras e exigiu outras tantas.

Mas no meio da embriaguez, ela «sentiu» que alguém os olhava. A sala contigua estava cheia de gente, no meio da qual alguns guardas. Vinham prender Mitia, acusado de ter assassinado o pai.

O processo principiou. Dmitri bem afirmava que estava inocente daquele crime tremendo. Mas as testemunhas eram muitas contra ele. Por demais ele afirmara desejar matar o pai; por demais se sabia das suas necessidades de dinheiro e das suas rivalidades amorosas. Tudo e

no segredo das intenções do pai, como podia supor Dmitri capaz de assim Smerdiakov era o instrumento da sua vontade secreta. Reconhecê-lo

a solução desejada, lançou Iekaterina num desespero histórico: perdeu os sentidos e ficou doente. Tanto bastou para lançar Alexei numa crise de remorso por sua inepta imitação, sobretudo quanto à afirmação de que a jovem não amava Dmitri, mas sim Ivan, irmão de ambos.

Ivan, pelo contrário, não se molestou com isso; sentiu-se — pelo menos o afirmou — tranquilizado com respeito a um problema que o fazia sofrer; decidiu que não gostava de Iekaterina, noiva do irmão, e que se sentia extremamente aliviado daquele peso terrível, que é uma paixão não correspondida. Despediu-se de Alexei, na melhor disposição e resolveu afastar-se, por sua vez.

Antes, porém, encontrou-se por acaso com o bastardo, Smerdiakov, e ficou perplexo, revoltado, intranquilo com a conversa estranha que tiveram. Durante ela Smerdiakov afirmou que breve teria um dos ataques epilépticos do costume e insinuou que Dmitri viria para matar e roubar o pai, pois — acrescentou — o velho fechara num envelope três mil rublos, para oferecer a Gruchineka, se esta viesse visitá-lo, durante a noite; ora três mil rublos era, precisamente a soma que o velho devia a Dmitri e este, não deixaria passar tão boa oportunidade para reaver o que era seu.

Ivan pensou quanto o irmão bastardo era patife. Sentiu-se preocupado. Adivinhava que algo de imprevisível e de grave se iria passar na sua ausência. Como podia Smerdiakov prever um ataque como estava



todos pareciam apostados em perdê-lo. Como podia ele conseguir que o acreditassem, ao afirmar que partira na intenção, na verdade, de o matar, mas apenas atacara o velho criado? Como explicar a posse do dinheiro se, precisamente, era a quantia que Smerdiakov dizia existir no sobrescrito que se destinava a pagar a visita de Kuchenska? Esta mesma confessara ao instrutor que o ouvira, muitas vezes, dizer que mataria o velho, e que ele lhe aparecera com dinheiro, aparentemente a quantia que se afirmava haver roubado ao pai.

Dois meses depois, ainda o processo corria; as provas acumulavam-se em volta de Dmitri que, contudo, continuava a afirmar-se inocente da morte do pai. Smerdiakov, a princípio suspeito, depressa foi posto de parte; na noite do crime, tivera ele um ataque, logo seguido de outro. Tornava-se difícil interrogá-lo, até.

Alexei pensava que, em verdade, o irmão devia estar inocente. Julgava conhecê-lo o bastante para o saber incapaz de tal atitude. Com frequência, visitava Gruchineka, bastante doente depois do que se passara com Dmitri. Esta era, também, de opinião que ele estava inocente; estribava-se no facto estranho das duas visitas de Ivan a Mitia, na prisão, e do segredo que haviam feito sobre o caso. Para a rapariga, não havia dúvida alguma de que Smerdiakov era o culpado; mas qual o interesse de Ivan em abafar o caso,

(Continuação da 1.ª página)

canta dos primeiros contactos se transformou em obsessão — uma obsessão que não conseguia conter-se e transbordava em público. Veio então o dia em que o infeliz terceiro homem — marido de Leonor Teles — lá de longas terras beiradas tocou a penates. D. Fernando, alvoroçado, entrevistou-se com a famosa Maria Teles, irmã de Leonor. E se esta simulasse doença, a fim de evitar o regresso para junto do marido, João Lourenço da Cunha, o do filho?

Encorajado pela hipótese, D. Fernando desabafou tudo quanto sentia: «sua vontade era de a ver antes por mulher que quantas filhas de rei avia».

Maria Teles fitou-o bem nos olhos: «el-rei era noivo e sua irmã casada».

— Casada? — ofegou D. Fernando. — Casada? Ah! deixai isso por minha conta que o Papa a há-de desquitar de seu marido.

— Isso fareis, senhor, porque tens des poder para isso. Mas descança-la que seja minha irmã, não cuideis que há-de ser vossa... vossa... vossa...

— Nunca! vo-lo juro. Será minha mulher, sentar-se-á a meu lado no trono.

E assim aconteceu: Leonor Teles desquitou-se do pobre João Lourenço da Cunha que «vendo que não lhe cumpria porfiar muito em tal feito, fez com que a demanda se vencesse cedo, e foi-se para Castella para segurança de sua vida».

O caso foi bisbilhotado nos pequenos círculos dos privados do monarca, fervilhou na boca dos restantes membros da nobreza e do clero: nessas camadas, porém, nenhuma voz se ergueu com energia; chegalhes aos ouvidos a cólera que a gente simples lhe saltando nas praças e todos se encolheram, prontos a beijar as mãos da mulher que já ocupava o trono português.

Na verdade, na verdade a fulminante capacidade criadora das massas populares mais uma vez se ia exemplificar na História portuguesa. Quando os grandes, os letrados, os sábios tergiversavam, de dorso curvado ao peso dos interesses materiais — o povo assumia os interesses da Pátria e, mergulhando rápido no fundo do problema, criava

DIÁLOGOS IN

(Continuação da 1.ª página)

são uns lamentáveis paranóicos apostados em fazer dores de cabeça as pessoas sensatas como tu. Não te parece que uma atitude dessas é, pelo menos, merecedora de troça?

Saraiva — Estás evidentemente exagerando. Há muitas manifestações da arte moderna que compreendo e das quais gosto, mas o «cubismo», o «abstraccionismo», esses «ismos» todos...

Mário — E porque não continues a série dos «ismos»? Podes acrescentar: o «impressionismo», o «expressionismo», o «clauvismo», etc., visto se haver um «ismo» que tu compreendes e aceitas: o «sacra demismo» e esse é, sem dúvida, o pior de todos.

Saraiva — Mas parece-me que não são somente os «notas de estético» como eu a insurgir-se contra certos exageros da arte moderna. Também alguns críticos responsáveis e muitas pessoas «desempençadas» se manifestam em desacordo com cubismos e abstraccionismos, sem que isso mereça da tua parte uma tão formal reprobção...

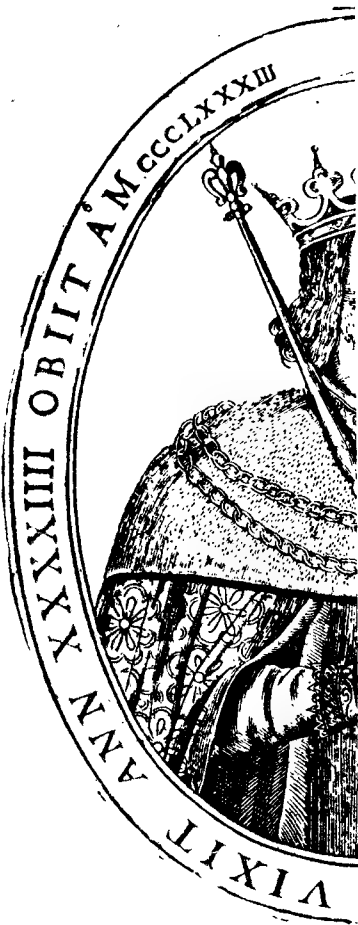
Mário — E certo que assim é, mas isso é um outro assunto. Eu próprio não sou fervoroso adepto das duas correntes artísticas de que falas, embora por motivos muito diferentes dos teus. Vou mesmo até ao ponto de reconhecer a existência de uma crise da arte contemporânea, mas não o faço por nostálgica saudade dos bozinhos a pastar e dos retratos «muitos parecidos»...

deixando culpar um inocente, para mais seu irmão legítimo? Para outras pessoas, porém, não podia deixar de ser o velho criado o culpado. Agredido por Mitia perdera os sentidos; depois, voltando a si e vendo a porta aberta, matou o amo. Não era isto cheio de lógica? Mas Aliocha não sabia o que pensar. Todos os possíveis criminosos lhe pareciam incapazes de tão nefando crime.

Condensação da 1.ª edição portuguesa, em tradução de Maria Franco, do genial romance «Os irmãos Karamazov» de Dostoiévski. É uma das obras mais representativas do grande escritor russo. Por amável deferência dos Editores — Estudos COR.

TODO O TEM UMA

o melhor caminho a seguir. Ai não lhe importava o que diriam os juízes e os documentos antigos e costumes; para as situações novas se criavam leis novas, pela mesma



HOMEM ENAMORADO ESPÉCIE DE SANDICE

vontade e solidariedade com que
dera origem à língua comum: «e
razoando em taes novas, cada hum
em seus logares, juntavam-se em
magotes, como he usança, culpando

muito os privados delRei e os gran-
des da terra, que lho (a D. Fernin-
do) consentiam; e que pois elles
não diziam como cumpria, era bem
que se juntassem os povos, e que
lho fossem dizer».

Os que mais activamente se ma-
nifestaram foram os povos de Lis-
boa. Reunindo-se em conselho ele-
geram como seu chefe (o cronista
Fernão Lopes diz «seu capitão») o
alfaiate Fernão Vasques, «homem
bem razoado e geitoso para falar».
Juntaram-se então uns três mil, en-
tre trabalhadores de todos os mis-
teres, besteiros e homens de pé, e
todos armados dirigiram-se aos pa-
ços onde el-rei pousara.

O formidável ruído chegou aos
ouvidos do monarca. Por certo, as-
somando a uma janela, teria com-
preendido o dramático significado
daquella densa onda humana. Man-
dou perguntar ao que vinham e o
que desejavam. Deu Fernão Vas-
ques, alfaiate, dois passos e disse:

«Viemos aqui porquanto nos
foi dito que Elrei nosso senhor to-
mava por sua molher Lionor Tel-
les, molher de João Lourenço da
Cunha, seu vassalo; e porquanto
isto não é sua honra, mas antes faz
gram nojo a Deos e a seus fidalgos
e a todo o povo — nós, como verda-
deiros portugueses lhe vimos dizer
que tome molher filha de Rei, qual
convem a seu estado; e quando com
filha de Rei casar não quizer, que
tome uma filha dum fidalgo de seu
reino, como sua merecê for, de que
haverá filhos legítimos que reinem
depois dele. E não tome molher
alheia, porque é coisa que lhe nom
avemos de consentir. ElRei nom na
porque nos ter isto a mal, pois nom
queremos perder hum tam bom Rei
como elle por hum má molher que
o tem enfeitado».

Enquanto o tribuna da plebe as-
sim falava, o povo ia dizendo isto
mesmo, o que dava uma força im-
placável ás palavras de Fernão Vas-
ques.

(Continua)

IPERTINENTES

passo para uma nova pintura ideo-
gráfica.

Saraiva — E parece-me que aí
está um grave erro do modernis-
mo, porque a pintura criou-se pa-
ra pintar objectos e não ideias...

Mário — Estás bem certo disso?
Olha que se te deres ao trabalho
de folheares uma qualquer histó-
ria da arte, logo verificarás que
a pintura ideográfica não foi in-
ventada pelos artistas modernos.
Tu, como uma imensa maioria, to-
mas o conceito helénico romano da
arte como o unico válido e possí-
vel, esquecendo-te de que ele so-
imperou cerca de cinco séculos de-
pois desta já tão longa vida da hu-
manidade. Desde os primeiros «ex-
pressionistas», modernos, a arte
procura entre os primitivos e as
crianças as suas fontes de inspi-

captar a vida em movimento e
dar-nos dela uma síntese plástica.
ao passo que o segundo nada mais
pretende do que surpreender a vi-
são instantanea e superficial de
qualquer coisa inerte e inexpressi-
va. No ponto de vista do natura-
lismo o artista e um mero artifice,
isto é um homem dotado de ha-
bilidade para copiar e capaz de
executar manualmente um traba-
lho que poderia ser feito com mu-
lta maior eficiência por uma sim-
ples maquina fotografica...

Saraiva — Queres então dizer
que os retratos pintados por Leo-
nardo da Vinci, Goya ou Rem-
brandt poderiam ter sido feitos
com maior eficiência por uma má-
quina fotografica...

Mário — Mas isso é demais, ami-
go Saraiva. Então eu vejo-me for-

APONTAMENTOS PARA OS TEMPOS FUTUROS

Acabo neste momento de es-
crever a Sua Excelên-
cia, o secretário-geral da O. N. U.

Você pode acreditar que o fiz
por uma das razões mais impor-
tantes da minha vida e agradeço
desde já a sua fraternal compreen-
são. Escrevi-lhe para lhe dar con-
ta de um invento, do maravilhoso
invento de um português. Você
conhece muito bem o seu autor:
é o amigo Alberto, aquele homem
simples para quem nunca e tarde
nem cedo demais.

Convidou-nos outro dia pa-
ra irmos a
sua casa: tinha lá uma água-pé
que em seu entender, merecia o
Prémio Nobel dos Líquidos. Pelo
caminho foi-nos revelando pome-
nores da sua criação e, entre pa-
renteses, como é próprio da boa
gente portuguesa, antecipava-se a
pedir que não reparassem na po-
breza da sua «cabana», pois era o
lar de um homem de trabalho.

Apeámo-nos á sua porta no
carrito do Anto-
nio, desentorpecemos as pernas,
olhamos com má vontade o Cemitério dos Prazeres, a que o nosso
amigo para purgar os animos,
chamou «Jardim dos Pés Juntos». Estávamos então á porta da «ca-
bana» e pedindo desculpa por en-
trar primeiro, o Alberto foi repe-
tindo que não olhassem para a po-
breza dos cômodos e que nos sen-
tissemos como em nossa casa.

Sentimo-nos, com efeito, e
não foi neces-
sario qualquer esforço. Mostrou-nos
a sua «adega», no saguão — as qua-
tro pipazitas de ambrósia, a prensa,
a cuba minúscula: — enfim: o en-
genho e a boa-vontade de mãos da-
das. Depois veio o momento de nos
sentarmos a fazer as honras do
conduto e do Prémio Nobel dos Lí-
quidos. Firmámos generosamente
os nossos elogios, e, assim entreti-
dos ao redor da mesa, fomos con-
versando sobre tristezas e esperan-
ças comuns.

Como você calcula, o tempo
rodou veloz. Já
nos preparavamos para sair quan-
do alguém bateu á porta e ao le-
vantar-me para abrir reparei que
no meio dela, mais ou menos a um
metro do chão, existia um pequeno
armário. Um pequeno armário? —
disse cá para comigo. Para que raio
serviria um armário ali naquele si-
tio?

Abri a porta á vontade para
bisbilhotar se
havia sinais de armário do lado de
fora. E havia: do outro lado nota-
va-se uma portinhola. A minha
curiosidade aumentou. Estava em
bramas. Esperei que todos fizessem
uma festa á visita, uma pequerru-
cha filha duns vizinhos, e apanhan-
do uma aberta disparei com toda a
heroicidade: «Caramba! Para que
que você aqui este armário?»

«Para que quero? Ora para que
há-de ser? Para fa-
lar. E o telefone...». Abrimos o
postigo do lado de dentro, todos
confirmámos o telefone e então um
de nós bradou: «Bravo, seu capita-

TELEFONE UNIVERSAL



Embora as paredes das casas po-
ssem ser finas, a con-
versa do rapaz não chegava aos ou-
vidos dos vizinhos. E assim era co-
mo se pregasse no deserto. Até que
um dia a conversa soou ao cimo da
escada, justamente na altura em que
Alberto ia a sair de casa. Alberto re-

ganharas umas massas bem boas». O Alberto olhou-os para espreitar
até onde ia a piada. Mas não! Fala-
va-se a sério. E então o nosso ami-
go disse «qual registo qual carapu-
ça aquilo não é para registar, aqui-
lo é para usar».

tonson

VEJA NA MÃO (A TRANSPARÊNCIA) QUE ENCONTRA

ponto

ração Gauguin buscou-as nos Ma-
res do Sul e Klee, Picasso, Braque,
Miró e tantos outros continuaram
a procurá-las entre as esculturas
paleolíticas, as pinturas rupestres
e outros produtos da arte primiti-
va. Não quero com isto dizer que
um realismo concreto não teria si-
do um caminho mais fértil para a
arte moderna do que parece estar
sendo o extremo subjectivismo por
onde ela enveredou...

Saraiva — Mas, afinal, esse teu
realismo concreto não será o mes-
mo que a arte compreensível que
eu pretendo?

Mário — Esse é outro dos teus
lamentáveis equívocos. Realismo
pictorial e naturalismo fotográ-
fico são coisas muito diferentes e
até opostas. O primeiro pretende

gado a verificar que segundo o
teu critério artístico uma máquina
fotográfica pode substituir com
vantagem o pintor e tu queres atri-
buir-me esse mesmo critério? Não,
caro amigo, assim não che-
garemos a uma conclusão. A Gio-
conda, a família real de Carlos IV
e o retrato do doutor Fup gran-
des obras de pintores realistas, se-
rão mesmo óptimos exemplos para
demonstrarte que o retrato feito
por um artista é coisa bem dife-
rente da fotografia feita por uma
máquina ou, o que é a mesma co-
isa, dos retratos pintados pelos
teus «naturalistas». Tenta «ver»
essa diferença, porque isso talvez
te ajude a não sentires dores de
cabeça á saída de uma exposição
de pintura moderna...

lista, então você vive numa «caba-
na» não é assim?». Andando por es-
te caminho, palavra puxa palavra,
soubemos que o telefone pertencia
a todos os inquilinos do prédio ou
para falar mais justamente, a todos
os vizinhos. E então procurámos sa-
ber todo o resto da bela história.

O vizinho de cima tinha um fi-
lho, um rapazote de-
licado que sonhava com um telefo-
ne. Se tivesse um telefone também
tinha cartões de visita com o seu
nome completo em letra de forma
com o seu ofício, com a sua morada
e com o seu número do telefone.
Todas as noites, depois do jantar,
contava aos pais a mesma história:
se tivesse um telefone...

gistou as palavras do moço e fleou-
se a pensar no assunto. Pensou um
dia, pensou dois dias e depois de ter
pensado tudo foi-se á casa de cada
um dos vizinhos e pediu para se
reunirem. Contou-lhes então a sua
«ideia»: montar um telefone na es-
cada que servisse a todos os do pré-
dio e fosse pago por todos em par-
tes iguais. Como não foi possível
aplicar o invento na escada, resol-
veram então criar o tal armário
com porta para dentro e para a es-
cada.

Pois foi acerca deste invento que
escrevi a carta em que
falei nas primeiras linhas destes
Apontamentos. Quando os meus
companheiros souberam da minha
decisão, disseram: «Eh pá, Alberto,
deves registar o teu invento! Até

E não o demoveram. Hoje o pré-
dio tem telefone «para to-
dos» e todos se sentem unidos entre
si e ao Mundo pelos misteriosos fios
que levam a voz ao longe, até onde
a vista não alcança, e pelos bem co-
nhecidos fios da solidariedade hu-
mana. Quando se fala no telefone,
fala-se numa jornada que se avan-
ça, numa possibilidade ainda maior
que se abriu para «todos» se enten-
derem.

Por isso escrevi ao Senhor Se-
cretário da O.N.U. Des-
crevi-lhe o invento. E acrescentei
que o Alberto não o tinha registado
nem o queria registar. E que po-
diam fabricar iguais tantos quantos
desajassem.

DIÓGENES

SAÚDE EM TELEGRAMAS

GORDURA E CALVICE

Um médico austriaco acaba de declarar no Congresso de Cosmetologia:

«O abuso de gordura de porco está na relação directa com as perturbações circulatórias e com a calvice...».

PEQUENOS TRUQUES PARA COMER MENOS À MESA

- 1.º — Comer lentamente para que o seu prato fique ainda com comida, quando vierem retirá-lo.
- 2.º — Não deixar as travessas



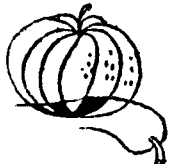
em cima da mesa, para livrar de tentações;

- 3.º — Preparar porções individuais, na justa medida;
- 4.º — Começar pelos alimentos



que exigem lenta mastigação, porque mais depressa se sentirá satisfeito;

- 5.º — Não ponha manteiga na mesa, com permanência; sirva-se dela e guarde imediatamente, por-



que, assim, comerá menos gordura;

- 6.º — Não carregar as compotas de açúcar; para isso, faça-as de frutos pouco ácidos e sempre utilizando açúcares naturais;
- 7.º — Comer alimentos que sa-



SANCHEZ
para quem
bebe por
g o s t o

cem o apetite, para tirar a sensação da fome: legumes, etc.;

- 8.º — Beber o chá sem açúcar;



o café pouco doce; sumos de laranja com soda (1 laranja contém 65 calorias e a soda, 0).

CULTURA FÍSICA PARA AS DONAS DE CASA

Enquanto prepara os trabalhos da casa, você pode bem fazer cultura física:

- 1.º — Escolha os legumes de pé, bem direitos sobre os dois pés, sem



se encostar (salvo se tem varizes, porque, então, deverá sentar-se);

- 2.º — Utilize o aspirador, mantendo os ombros para trás e o peito para a frente;
- 3.º — Para fazer a cama, não se curve; incline-se, simplesmente, mantendo o busto direito;
- 4.º — Para limpar a banheira:



pernas bem direitas, corpo inclinado, o braço bem estendido;

- 5.º — Escolha uma prateleira bem alta para a louça. Pô-la e retirá-la pondo-se em bicos dos pés.

O SAL E AS RUGAS

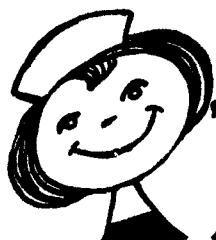
Para as mulheres que ultrapassaram os quarenta, o excesso de sal provoca rugas — diz o dr. Combes de Nova York. E explica



assim o fenómeno:

«O sal acumula água nos tecidos. A parte mais vulnerável destes encontra-se em volta dos olhos, pois a pele é particularmente delicada. A pele, sob o peso da água, descaí. Pouco a pouco, perde a elasticidade e enrugam. (Parece que vale a pena comer insosso...).

RECEITAS DE URGÊNCIA



SOPA VERDE

Num litro de água salgada fervente, deitar 1 a 5 colheres de tapioca e deixar cozer durante 15 minutos. Desfazer a parte uma gema de ovo em água tédida e pisar um punhado de salsa. Retirar a sopa do lume e deitar, mexendo sempre, a gema e depois a salsa. Quando servir, pode deitar-lhe um pouco de leite condensado sem açúcar, o que a tornará mais apetitosa.

TIMBALE DE MARISCOS

Preparação: 15 minutos.
Cozedura: 15 a 25 minutos.
Abrir o marisco, apenas deitando como tempero salsa, cebola e alho às tiras. (Ter o cuidado de verificar se todo o marisco está bem vivo). Retirar os animais das conchas. Com a água que deixaram, fazer um molho dissolvendo nesta água um pouco de farinha maizena

e manteiga; deitar, seguidamente, restos de peixe, os mariscos e perfumar com um pouco de noz moscada e sumo de limão. Ter já cozida e bem escorrida uma porção de esparguete. Juntar, aquecer em fogo lento e servir com uma boa salada verde.

PERAS NO FORNO

Colocar, num prato de ir ao forno, as peras suficientes, descaídas e inteiras. Deitar, por cima delas, uma boa quantidade de açúcar, vinho do Porto, canela, tendo o cuidado de deixar algum açúcar e canela sobre as peras. Meter ao forno bem quente e regar com o molho de vez em quando; verificar que não se desfaçam as peras (escolher a pera parda, que é a da estação). Servir frio, tal qual ou, querendo dar-lhe um aspecto mais festivo, deitar-lhe por cima umas colheradas de ovos moles.

SAIBA COMER

Leia nas unhas

- Sabia que as unhas são um barómetro fiel do estado do seu corpo?
- Unhas de várias cores...
- O seu filho roi as unhas?
- Cuidado com as «unhas do diabo...»

No seu irreprimível desejo de se conhecer, quer física, quer moralmente, o homem não desperdiça nenhum elemento que possa ajudá-lo. Quando o domínio sobre a natureza era ainda limitado, recorria a «artes obscuras» ao alcance de certos eleitos. Estes, ao mesmo tempo que retiravam dessa actividade pingues lucros, alimentavam a esperança num melhor conhecimento do presente — e do futuro, esperança que a pouco e pouco se tem vindo a realizar. As cartas, os astros, a caligrafia, a configuração dos olhos, da boca, do nariz, as unhas na palma da mão, etc., etc., tudo tem servido para encontrar a chave do comportamento humano. Isso, naturalmente, já os nossos leitores sabiam. Mas sabem, por acaso, que as unhas reflectem o carácter e a saúde das pessoas? Muita gente ignora essa particularidade das unhas, autênticos barómetros ao alcance de todos.

Por exemplo, as unhas moles indicam falta de vigor, de fraqueza óssea. Podem ser consequência do raquitismo. Frágeis e quebradiças, traduzem uma outra forma de fraqueza, de desmineralização, fenómeno corrente na época da puberdade. Para o sexo feminino, este fenómeno vem geralmente acompanhado de anemia.

Por vezes, apresentam-se com uma sobreposição de placas corneas que fazem lembrar a mica. Isso resulta de um excesso de trabalho, insónias, nervosismo, desarranjos psíquicos momentâneos.

A cor das unhas fornece-nos igualmente indicações preciosas. A normal é a cor-de-rosa. Se estiverem carminadas ou levemente encarnadas isso significa mau funcionamento do sistema respiratório. Uma cor pálida denuncia fraqueza sanguínea; azulada, má circulação; um azul mais escuro, na base da unha, perturbações cardíacas. As pessoas deprimidas, hipocôndrias, apresentam nas unhas uma coloração amarela.

A harmonia das unhas pode ser perturbada por certas manchas que podem ir do simples ponto até largas estrias transversais. Esse facto indica-nos a existência de um processo de desmineralização, mais ou menos pronunciado, que se ex-

prime, por outro lado, sob a forma de fadiga cerebral e nervosismo. Os pequenos pontos castanhos ou escuros, quando não resultam de acidentes, reflectem intoxicações passageiras ou profundas do organismo.

A unha sofre igualmente várias modificações de forma e de textura. Num estado de depressão e de fadiga, tende a achatarse. As linhas verticais e os sulcos longitudinais um tanto em relevo denunciam perturbações gástricas. Mais pronunciadas, quer dizer que se deve tratar dos rins.

Certas pessoas roem as unhas ou

mordiscam as peles que aparecem na base exterior da unha. Este fenómeno denominado *onicofagia* é geralmente o indicativo de expressão sensível de nervosismo anormal. É um tique frequente nos degenerados, mas não, de forma nenhuma, um sintoma de degenerescência. Devemos antes considerá-lo como um vício habitual nas crianças, mas curável, como todos os maus hábitos. Está indicada uma psicoterapia, mais do que o aloés, a cujo mau gosto as crianças acabam por se habituar...

Dado que uma autêntica legião de micróbios se esconde nos refúgios bem defendidos que são as unhas, há que mantê-las sempre num estado higiénico impecável. Se assim fizermos sempre e se estivermos atentos às indicações preciosas que elas nos fornecem, teremos muitas possibilidades de nos defender dos inimigos que, a toda a hora, ameaçam a débil fortaleza humana. Se olharmos bem para as nossas unhas correremos menos perigo de cair «nas unhas do diabo...».

O PEIXE ALIMENTO

NÚMERO UM DO CEREBRO E DOS NERVOS

- O peixe é mais fácil de digerir do que a carne, porque:
- é muito rico em boas proteínas, facilmente assimiláveis;
- contém poucos ou nenhuns hidratos de carbono;
- é, quase sempre, fraca reserva de gordura;
- quando fresco é rico em potássio, sódio e fósforo;
- os peixes de mar, são as melhores fontes de iodo;
- o fígado é, excepcionalmente rico em Vitamina D.

Da sua riqueza em compostos orgânicos de Fósforo é, justamente, considerado o alimento n.º 1 do cérebro e dos nervos. Todavia, é exacto que uma degenerescência nervosa ou cerebral possa ter origem numa alimentação pobre em Fósforo. Pelo contrário é, muitas vezes, a má alimentação que não permite aos tecidos nervosos, enfraquecidos, assimilar os compostos fosforados.

Os peixes gordos, como a cavala, o salmão, a sarda, o roncador, são difíceis de digerir, mas extremamente ricos em Vitamina D (por exemplo, 250 gramas de cavala contém 1400 U. I. de Vitamina D).

Os peixes magros, como o barbo e o sargo, etc., são recomendáveis para os estômagos frágeis, para as pessoas com tendência para manifestações alérgicas ao peixe e para as que querem emagrecer.

Pretende-se ser preferível cozer em água, vapor ou saltar, os peixes magros, enquanto que os gordos devem ser grelhados ou assados.

NOVA EMBALAGEM!



**POR 20\$00
VAI ENCHER
4 VEZES
(QUATRO)
O SEU FRASCO
DE**



AJI-NO-MOTO

TÃO NECESSÁRIO COMO O SAL NA COMIDA

(Continuação da 1.ª página)

nhol, tão peculiar, que explica as atitudes extremas assumidas pela maioria das pessoas em face da pátria do absurdo e do heroísmo inútil — adesão comovida ou recusa intransigente. Para uns e outros, a velha nação surge como um espelho — um desses espelhos que deformam monstruosamente as imagens sem no entanto as tornarem irreconhecíveis. Há quem tema descobrir-se, mas também há quem corra desesperadamente em busca de si próprio. Pelo

gosto dramático pela acção, a mesma ansia de uma ilimitada fraternidade, a mesma capacidade de entrega, total, irrestrita.

E' na acção que o espanhol se mostra, através dela, que se realiza e encontra. Enquanto pensa as ideias e os sentimentos é artificial, inautêntico, regionalista, medíocre ou utopista. Mas se principia a vê-los situa-se logo na dimensão do universal e a dádiva de uma existência que só então se lhe afigura maravilhosa parece-lhe uma insignificância em face daquilo que dese-

POSTAL ILUSTRADO

manuelagra

Ao ligar hoje para a Emissora Nacional, aconteceu-me uma surpresa: escutar o Carlos Gardel.

Os que ora me lêem ficarão talvez insensíveis como se escutassem uma língua estrangeira. Mas que tumultuar de recordações alumia repentinamente as cisternas! As figuras que, nisto, me trepam aos olhos e aí permanecem com a presença que os anos são impotentes para anular...

Nós sabíamos o tango de cor:

**Silêncio na noite
há trevas e calma...**

A P. cantava-o tão bem! E em espanhol, ela mesma andaluza de pele branca e olhos de flor de água, desmedidamente, só de cinco meninos, cinco anjos di-

vinos. Embalou-os, defendeu-os, lutou por eles... E depois veio a catástrofe de 1914-18... Os meninos já não são meninos, os anjos perderam a graça divina... Agora mandam-nos para a frente de batalha, com objectivos bem determinados...

**Silêncio na noite...
Os nervos sossegam,
a ambição descansa...**

A mãe não descansa porque os cinco anjos não regressam. Regressam cinco medalhas — mas ao contacto delas o coração permanece frio, longe e doente...

Serão dias, serão horas inesquecíveis, essas! Acredita que a visão da árvore coberta de flocos de neve, de luzes, de bonecos, de alegria, ficará para sempre dentro dos olhos dos meninos — a embelezá-los a pacificá-los.

Tu próprio, leitor, ficarás diferente. Mais sentimental, mais... humanizado...

Eis, aí, pois, a tarefa para hoje e para amanhã: deitar a terra, em teu redor, a semente da saudade.

CICERONE

ao contemplarmos os olhos grandes e pestanudos, vestidos no inconsútil das lágrimas...

A mãe era feliz, era mãe. Mãe eu sofria com a história. Afinal, a «No man's land» não era aquele ninho de aventuras heróicas que os livros para rapazes e as histórias aos quadradinhos me mostravam. A realidade profunda vinha até mim num coração destruído, pela mão desta voz quente que soluça de pena de saudade — e de protesto...

Evidentemente, o tempo veio por aí fora, desastinado, de cabeça maluca. Semeador de crueldades, inventor de Buckenwalds. Todos sabemos isso, alguns de nós, mesmo, ainda não o esqueceram. O horror tingiu-nos a alma muitas vezes de lares picassianos. O sofrimento atingiu os limites humanos... a história da mulher que ficou sem os cinco filhos «nos campos de França» é uma brincadeira infantil ao pé de muitas outras que ao depois vieram...

No entanto, a varinha mágica desta voz, o sentimento de protesto, de desgosto, levanta-se novamente em mim com a força com que em mim, há muitos anos já, nasceu...

**Os nervos sossegam,
a ambição descansa...**

Pois aqui é que está. Nada disto aconteceu. A ambição não descansa, o espírito de loucura não levantou ainda arrais do mundo dos homens. As mães continuam medrosamente presas a um berço onde reside toda a sua esperança...

Mas exactamente, sossego eu. A sua esperança...

Fim de semana feliz

(Continuação da 2.ª página)

inapagável, na alma de todas as crianças.

Tem a palavra Guerra Junqueiro:

*«As almas infantis são puras como
[a neve,
são pétalas de rosa em urnas vir-
[ginis,
Tudo quanto se grava e quanto id
[se escreve
cristaliza em seguida e não esquece
[mais!]*

Especialmente, nesta época do ano, caro leitor, convém que não olvides estas palavras de Junqueiro!

Sim. Aproveita estes dias a enchê-los de saudades futuras para os teus filhos, os teus netos, os me-
nos todos que conheças. O brinquedo que se compra, a paciência que se ensina, o presépio que se arma, o jogo em que se participa, a canção que se entoa, as histórias, um passeio...

nos todos que conheças. O brinquedo que se compra, a paciência que se ensina, o presépio que se arma, o jogo em que se participa, a canção que se entoa, as histórias, um passeio...

E vê lá! Não te esqueças do pinheirinho do Natal e Ano Novo! Serão dias, serão horas inesquecíveis, essas! Acredita que a visão da árvore coberta de flocos de neve, de luzes, de bonecos, de alegria, ficará para sempre dentro dos olhos dos meninos — a embelezá-los a pacificá-los.

Tu próprio, leitor, ficarás diferente. Mais sentimental, mais... humanizado...

Eis, aí, pois, a tarefa para hoje e para amanhã: deitar a terra, em teu redor, a semente da saudade.

CICERONE

Bilhetes paulistanos

que me toca, aquilo que sempre procurei em Espanha foi o meu encontro comigo através do choque resultante da percepção do absurdo. Ao invés de muitos intelectuais, nunca me esforcei por interpretar esse anacrónico país — sabia que a conclusão me escaparia sempre — mas nem por isso deixei de o «sentir» desde a minha primeira tomada de contacto com a terra e os habitantes. Aceitei a coexistência entre a comédia e o drama, entre o formalismo barroco e a autenticidade, entre o ascetismo castelhano e as fantasias churriguerescas. Não esqueço que foi em Espanha, algures junto às ruínas de um castelo perdido na desértica e soalhenta planura estreminha que percebi, certo dia, que Malraux tinha razão ao afirmar que o importante não era a igualdade, mas sim a fraternidade entre os homens.

Se atendermos às aparências, é difícil encontrar-se alguém mais desactualizado, cego, hipócrita, orgulhoso e insolente do que um castelhano; mas, para além dessa máscara, não existe homem que, no humano, esteja mais próximo do essencial. Só em Espanhóis, dos intelectuais do Café Gijón à fauna heterogênea de completistas e toureiros que abunda nos «colmados» de Echegaray, passando pelos camponeses das marismas andaluzas e do planalto aragonês e pelos operários da Viscaya e da Catalunha, encontrei essa impressionante e comovente ausência do sentido do ridículo, o mesmo

jaria poder oferecer. Tudo vale a pena para se conseguir dar um sentido à nossa breve passagem pela Terra. Toda a luta precisa de uma justificação e tem um preço. E não é, afinal, a oferta da vida a única forma de libertação, a única dádiva se mesperança de recompensa? Cortez e Fray Luiz de Leon, Unamuno e Manolete, Loyola e Garcia Lorca são expressões diferentes de uma mesma realidade, ramificações de um tronco comum.

Só valemos alguma coisa a partir do momento de lucido desespero em que descobrimos que para atingir um valor mínimo perante nós próprios teremos de estar sempre prontos a deixar de ser qualquer coisa. Como tudo é absurdo e nada vale a pena, tudo vale a pena para criarmos a ilusão de que superamos o absurdo. Algum povo terá conseguido com tão dramática intensidade como o espanhol criar essa ilusão? Não creio.

Daí a minha saudade da Espanha, dessa Espanha sofredora mas plena de vitalidade e fé, onde coisa alguma é ridícula ou absurda porque tudo é ridículo e absurdo. Saudade das corridas sangrentas, dos banhos luarentos nos rios preguiçosos ao som de guitarras e bandurras, do amor superficial e profundo das mulheres espanholas, saudade do exagero, da grandeza, da miséria, da generosidade, da autenticidade, da pureza, saudade da entrega e do entusiasmo, das raízes do homem e do absurdo...

NOTA SOBRE O AUTOR

Alexandre Cabral ocupa, desde a publicação do vigoroso romance «Terra Quente» um lugar de destaque nas modernas letras do nosso País. O romance que seguidamente publicou, «Malta Brava» passado no curioso ambiente de um internato de rapazes, revela um sentido novo na sua obra: a preocupação de simplificar os processos narrativos para atribuir à acção um mais forte papel no romance. Tal tendência é tanto mais de registar quanto, entre nós, a tentação do «estilo» tem coagido escritores de talento a sacrificar a profundidade romanesca em proveito apenas da «boa prosa».

Actualmente Alexandre Cabral, após ter concluído uma peça de teatro, está a dar as últimas revisões a um romance de largo fôlego.

Sendo intenção de «Magazine» trazer até junto do grande público os nossos escritores modernos, a presença de Alexandre Cabral era obrigatória.

Eis a lista das obras que até hoje publicou:

- Cinzas da Nossa Alma — 1937
- Parque Mayer em chamas — 1937
- Cantos Sombrios — 1938
- Ferreira de Castro, o seu drama e a sua obra — 1940
- O Sol Nascerá um Dia — 1942 (2.ª edição 1951)
- Cantos da Europa e da África — 1947
- Fonte da Telha — 1949
- Aspecto literário da obra do Professor Egas Moniz — 1950
- Terra Quente — 1953
- Malta Brava — 1955

à janela e lobriguei na manhã alvacentas as ramadas floridas do pessegueiro do meu vizinho músico. Um gato sonolento, junto ao pilar da cancela, passava a pata humedecida de saliva pelos bigodes arrogantes.

Não me era estranho de todo o espectáculo dos apagados aspectos do quotidiano. Vezes sem conto, nos meus solitários passeios pelas ruas tumultuosas da cidade, me surpreendera na admiração de uma «pequena-qualquer-coisa», que acordava no meu foro íntimo, invariavelmente, uma infundada de sugestões. Devo acrescentar, contudo, que a sensação não transcendia o limite do inexplicável. Sentia-me embevecido, sem dúvida, mas não era capaz de interpretar o estado de alma, tão pouco de estabelecer as necessárias conexões com o objecto.

Ora a revelação dessa manhã reduzia-se a isto: além de «reparar» neles, de «vê-los», atribuí-lhes desta feita um significado. O aspecto exterior e falso das coisas e dos seres sublimava-se e, pela primeira vez, eu penetrava-lhes a essência, maravilhando-me perante a límpida claridade surpreendida subitamente nos profundos e ignorados esconços.

Que sobressalto maravilhoso! Fiquei com a impressão de que o passado morria e renascia em cada instante de vida. Qual a parcela que se desvanecia? Que troço do passado se reavivava? Eis o enigma! Sei apenas que, por escassos minutos, admiti que o meu eu e a minha sombra se confundiram ao cabo de trágico e prolongado desencontro. O sol estava no zenite. Nem tudo estava perdido; a minha existência não se escoara em vão.

A caminho do escritório, cruzei-me, como acontecia todas as manhãs, com o maltrapilho que buscava a sua riqueza nos despojos deitados ao caixote pela burguesia abastada; esbarrei com o rapazote, imberbe e escanzelado, de mala da ferramenta na mão, que sabia ser ajudante do canalizador da Travessa; vi passar o homem da bicicleta, com a inseparável sacola do almoço e a menina esquálida e de olhos negros que apanhava malhas, com uns dedos de tecedeira de ilusões, á porta da tabacaria; topei também com os dois cachorros vadios que a essa hora se amavam livremente sobre um dos alegretes da Avenida.

Continuavam a ser os mesmos personagens de todos os dias, executando os gestos diários da mesma maneira, num ambiente inalterável. Todavia, algo de subtil e imprevisível se intrometia na cópia monótona. As dimensões eram outras. Deixaram de ser bonecos articulados para adquirirem uma vivência inesperada.

Deparei com o «Pisa-Flores» de má catadura. Desaparecera-lhe o ar melífluo que a meus olhos o humanizava. Pressentia que o escravo estava a fugir à sujeição? Começou, sem mais preâmbulos, a mastigar uma parolenga, em seu entender clara, de certo, mas ininteligível para os meus sentidos, virados como estavam para a outra face da verdade.

Atalhei a verborreia com esta desfaçatez (li-lhe nos olhos o insultuoso pensamento):

«Meu caro senhor! Sinto ter de lhe lembrar a dedicação que há muitos anos tributo a esta casa. Não me pesa na consciência nem a sombra de remorso por qualquer falta cometida. Chegou a hora de exigir, a partir desta data, outro tratamento. (Suspendi o discurso; a «audácia» sufocava-me). Faltei ontem e, desde lá lhe digo, faltarei hoje também. Como sabe, meu cunhado veio de África; é minha obrigação acompanhá-lo. Estas horas, era desnecessário falar nisso, paguei-as antecipadamente como um perdulário».

IMPRESSÕES DE ITÁLIA

ROMA

"ALLEGRO NON TROPPO"

Por DULCE REBELO

6 da manhã. O Sol brilha, alto e esplendoroso, fazendo faiscar os mármore da famosa «stazione termini», moderna, espaçosa, arejada. Dos comboios há pouco chegados desce uma massa humana compacta que se dispersa em várias direcções, apressada e activa. Há os que vêm de longe, outras terras, e estacam no pavimento polido agarrados a malas e sacos de viagem, atordoados pela movimentação à sua volta. Vindos de diferentes cidades, caixeiros-viajantes caminham com pressa para a saída, levando na mão a bagagem necessária para o negócio. Alto-falantes anunciam partidas e chegadas de comboios, agências de viagem abrem os portigos vidrados para

atenderem os viajantes estrangeiros, e os jornais de várias correntes políticas alinham-se nos escaparates do «Tabaccaio» (tabacarias lustruosas que vendem também selos do correio). Do enorme «café» com mesas de metais reluzentes sai um cheiro apetitoso de café-com-leite, torradas e brioques.

Roma, cidade eterna (epíteto por que é conhecida desde algumas gerações), é na verdade uma alucinação de beleza antiga e moderna. Torres, colunas, arquitraves do antigo Lácio encontram-se a cada canto, misturando-se com as ruas amplas, as praças vistosas, ornadas de fontes sempre artísticas, os prédios novos de alta fachada lisa onde sobressaem varandas rectangulares. O



movimento nas ruas e trepidante e dos autocarros, automóveis, «filobus», correndo velozes, desprende-se um barulho ensurdecedor, característico das grandes cidades. No entanto, se algum distraído atravessa a faixa branca reservada aos peões, numa altura em que a luz verde ou amarela ainda não se acendeu a permitir o trânsito, a velocidade das viaturas diminui consideravelmente com notável respeito pela vida humana. Todo este movimento é contrapontado pelos gestos suaves e mesurados dos sinaleiros, de farda azul ou impecavelmente branca (aliás a cor da farda varia de cidade para cidade o que quebra a monotonia). À noite, estes policiais de branco sobre o estrado, iluminados por holofotes colocados nos altos edifícios, parecem encontrar-se no proscénio declamando em atitudes elegantes e estudadas.

Os romanos são expansivos, risonhos e galantes. Batem com a mão no peito para declarar fidelidade a um amigo, abrem os braços a cada momento para expressarem

os sentimentos, o pensamento, a mais simples opinião. Atenciosos, prestáveis, têm delicadeza de maneiras e palavras corteses para o seu semelhante. Às horas de aperto: saída de escritórios, lojas, etc., formam-se «bichas» mais ou menos desalinhasadas junto das paragens dos diversos meios de transporte. Os autocarros chegam com guinchos de travões e ruído de portas automáticas, que se abrem e fecham instantaneamente, mas todos sobem sem atropelos, nem insultos, na perfeita cordialidade de quem se entende. O condutor, postado a uma das entradas no seu banquinho, vai cobrando os bilhetes com ar afável. Tem um dito espirituoso para um, um gracejo galanteador para a rapariga que chegou a correr, um cumprimento amistoso para outro. Sem descuidar o trabalho, vai atendendo a todos como um dono de casa que recebe os seus convidados. Vêm depois as atenções especiais: a senhora idosa que ajuda a subir ou descer, o tilintar imperioso da campainha que detém o

carro já em marcha para receber o atrasado, o largo sorriso com que mimoseia as raparigas bonitas. Viajar em Roma nos transportes públicos é um prazer — apesar de os bancos serem de pau — pela cortesia mútua que existe entre clientes e condutores. Alguns destes exprimem-se correctamente em francês, quando um estrangeiro lhes pede um informe, e no desejo de mostrarem as suas possibilidades vão falando sempre para indicarem uma praça, um monumento, um jardim. Tudo isto é realmente agradável, mas há um inconveniente — a oscilação que existe no preço dos bilhetes. De dia, um percurso pode custar 35 liras para a noite mudar para 50. O que durante o dia custa 30 liras sobe imediatamente para 45 mais tarde. É impossível fazer cálculos com esta variabilidade. Cada mala paga por uma pessoa, e é, assim, que um homem só se vê a pagar por três por causa dos seus volumes. O nível de vida sem dúvida que é caro, e estas surpresas abalam ainda mais o orçamento.

Cidade quase lendária, cheia das marcas de um passado e de um presente artístico, a sua beleza faz esquecer as muitas ruas estreitas e escuras, os edifícios pesados, devastados pelo tempo e a guerra, a lentidão morna que a certas horas cai sobre os seus habitantes. Mas onde se esconde a beleza tão decantada das jovens romanas? A sua aparição faz-se mais tarde, quando, passados os momentos de modorra que paralisam Roma, o tumultuar da vaga humana é mais denso e ruidoso. Cruzam-se raparigas esbeltas, de profundos olhos, e outras banais, despercebidas.

No vai-vem de rumores, de expressões lançadas ao vento «Mama mia!», de atitudes gesticulatórias, nota-se um certo desinteresse, uma estagnação de alma que o meio não justifica.

Acendem-se as primeiras luzes. Um novo fascínio envolve a cidade. A algumas esquinas, os ardinas anunciam os jornais da tarde.

Set./1958.

VEJA NA PAGINA 2

«GANHE 100\$00 COM UM SORRISO NOS LÁBIOS»

A CONDIÇÃO HUMANA

andré malraux

A CONDIÇÃO HUMANA

leia

(não pode deixar de ler)

uma das maiores obras da
novelística do nosso tempo

Livros do Brasil, Lda

Deixei o «Pisa-Flores» boquiaberto, tal como acontecera com a minha mulher. «Por que diabo tanta admiração?»

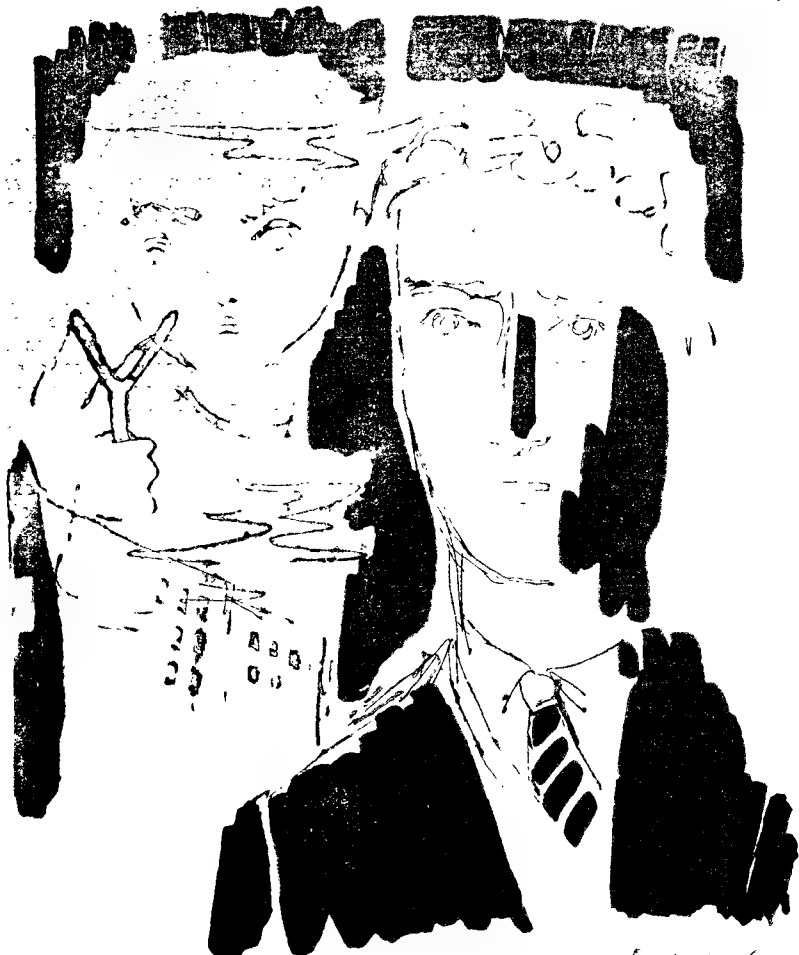
Desci à rua, só, mas não solitário. Uma perturbadora euforia percorria-me os tecidos do corpo dando-lhe uma serena elasticidade. O pensamento estava tranquilo, banhado pela suavidade da manhã.

Percorri os caminhos conhecidos dos sábados; caminhos que foram mil vezes percorridos pelos meus pés de andarilho. E por toda a parte se rasgava o véu, deixando a nu a deslumbrante revelação.

Como explicar o fenómeno? Esconderia a cidade, nas tardes de sábado, a sua verdadeira fisionomia?

Qualquer que seja a resposta eu sentia-me imensamente feliz por ter feito à minha custa esta inocente e tardia descoberta.

F I M



O Voluntário do Espaço

A 1.ª chegada a um planeta estranho

Por AGOSTINHO DE BRITO MACEDO (19 anos)

QUANDO a nave parou, fiquei aterrorizado. Não por estar em perigo de se partir. Mas sim, por saber que tinha de descer onde ainda ninguém tinha posto o dedo mindinho do pé. Pelo menos, gente da Terra. O melhor era deixar isso para a manhã seguinte, porque de noite não tinha o prazer de ver a paisagem. Vocês sabem o que é andar cerca de um mês dentro de uma «Nave do Espaço», que afinal não passava de um «cubículo voador». Apenas c. nseguiu voltar a cabeça para um lado e outro, virar o corpo em várias direcções, mexer as pernas de maneira a não ficar sempre com elas na mesma posição.

Bem, isto ao partir da Terra, era um grande foguetão, mas depois foi largando bocados, até ficar só a parte onde eu sigo. E' claro que toda a gente lá em baixo — lá em baixo, ou lá em cima. Já não sei bem onde está a Terra — ficou a dizer que eu era maluco em me ter oferecido para uma coisa daquelas. Também devem estar todos aborrecidos por não ouvirem a minha voz. Mas a culpa foi deles. Puseram aqui um transmissor-receptor que ao 3.º dia de viagem se calou como se tivesse ficado zangado comigo e com os meus «amigos» sábios da Terra. Claro que devo muitos agradecimentos aos homens que me metiram neste «fato espacial», que, no dizer deles, era da máxima comodidade. Também é verdade que ele me protegeu da compressão á sarda da atmosfera terrestre, e que me está e esteve a proteger de radiações cósmicas e outras radia-

to carregar num botão, muito prático — descalço as luvas, por intermédio de outro botãozinho — tudo prático, como vêem —, agora para não haver nenhum azar comigo, ligo um interruptor, que vai fazer

com que o recipiente onde estou contido tenha todas as características de protecção do fato. Isto só poderá acontecer em numero de vezes limitado. Se me atrasar, e tiver de comer um muito maior numero de vezes estou «arrumado». Note-se que eles contaram também que eu tinha de fazer as minhas necessidades.

Bem, vou dormir sossegadamente e amanhã vou pôr a planta do «Supato Espacial», que contém um pé de medida 41, que por acaso é meu, no chão deste planeta. Isto se durante a noite os seus habitantes aborrecidos por verem um corpo estranho na sua terra, não o abrirem co mum abre-latas e não me vierem multar, por estacionamento proibido...

(No próximo numero: «O homem e o saco do Mundo do Nada».

CONCURSO DE Q. ANT. DA HUMANIDADE

É IS um espanhol visto por outro espanhol. Dois grandes génios — um, o Artista que retratou (Picasso); o outro, talvez o maior compositor que a nossa vizinha Espanha ate hoje produziu. Viu a luz em Cadis, em 1876, e morreu em 1946, na Argentina. Estreou-se com algumas zarzuelas. Em 1905 a Academia Real das Belas Artes premiou a sua ópera «La vida breve». Dois anos depois o compositor fixa-se em Paris, onde se torna amigo íntimo de Debussy, Ravel, Dukas, etc. Regressou á pátria no início da 1.ª Grande Guerra Mundial. Pouco depois apresenta «El amor brujo». Compôs ainda, entre outros, «El Retablo de Maese Pedro», as «Noches en los jardines de España», «El sombrero de tres picos» e «Concerto para cravo e pequena orquestra».

Profundamente mergulhado nas tradições musicais do povo espanhol

e inspirando-se em alguns dos grandes vultos literários do seu país (Cervantes, cujo D. Quichote, aliás um capitulo de D. Quichote, deu origem ao «Retablo de Maese Pedro», e Alarcón, cujo romance «El sombrero de tres picos» serviu de motivo á obra musical do mesmo título), o grande compositor criou uma arte verdadeiramente nacional.

As respostas ao concurso desta semana devem estar em «JUVENIL» até ao próximo dia 13, acompanhadas das habituais informações: nome completo, morada, data de nascimento dos concorrentes (que ainda a não indicaram) e numero de ficheiro, no caso de já o terem. Juntamente, mencionar os três artigos que mais lhes agradaram no «JUVENIL» desta semana.

Além dos premios habituais, concederemos um prémio especial ao melhor trabalho sobre o grande compositor desta semana.

Problemas dos jovens

«Os 1060 ficaram zangados»

Por M. DUARTE SARAIVA (18 anos)

A O deambular pelas folhas do Juvenil de sábado 29, foi-me dado ver que a nódoa doentia que costuma alastrar-se em certa gente: TEMPO-ARTE, tinha produzido raízes profundas na massa amiga do Juvenil. Infelizmente, posso desde já afirmá-lo, há muitos 857s, que se intitulam erradamente de amigos-de-ideias-claras, e que procuram demonstrar que o Sim pode ser Não, e que o Não pode ser Sim. Tenho-os já encontrado nas minhas quase duas dezenas de anos, emperrados em ideias obtusas, alheados de novos caminhos, sem procurarem desvendar novos horizontes — sem compreenderem o que tentam explicar — que no caso do Rubem Santos, sem conhecerem suficientemente a vida dos artistas para desde logo falarem com o tão maltratado «conhecimento de causa».

Ora o 587 levianamente tocou num assunto delicado, que não pode estar para a sua idade, como está o de assistir a um desafio de futebol. Amigo Rubem, e todos os «Rubem» que existem (infelizmente em grande numero) — Acabemos de uma vez para sempre com a palavra julgada Arte — MODERNO! — Qual o significado dela? Não ser: MODERNO, como: PRESENTE, uma palavra vaga? Modernos eram os Renascentistas, quando deram á figura a representação dimensional nas abóbadas dos templos! Moderno foi por exemplo Goya, tratando de maneira arrojada o seu 3 DE MAIO! Modernos foram os Impressionistas com as suas novas descobertas na técnica pictórica (Exemplo: Seurat), enfim a modernização de pintura não é de épocas, é de evolução. Caminha com a originalidade, quando o artista cria em si a sua obra, não trilha caminhos nas pegadas dos outros, não se reduz a um simples e paciente copador do que está feito, um indivíduo para quem as ideias criadoras que lhe pudessem vir ao cérebro seriam puras brincadeiras; deixaria de possuir aquilo que caracteriza o adulto — A personalidade —. Acabemos pois com essa frase de Moderno, em arte — é ridículo!

Passei agora novamente os olhos pelo seu artigozinho, 587, e não vejo nada que possa apelar de bom-senso. Com respeito á Musica, acho que o nosso amigo Ramiro Osório, amigo 1060, por acaso meu antigo colega, o elucidou extraordinariamente — esqueceu-se de mencionar, a

Diario de Lisboa



13-12-958

85

Augusto da Costa Dias Mario Castrim e Manuel Salgueiros
Ilustrações
Fossan e Figueiredo Soora

Tudo a correspondência deve ser dirigida
para: Rua do Mariano 44 - 4.º - LISBOA



par do «rock», os «calypsos», os «dula-hops» (desculpem se deturpei a palavra).

A Poesia, seria aqui interessante aclarar-lhe as ideias vagas, mas o espaço é pouco, e o que eu tenho para lhe dizer é ainda um bocadinho. (Se quiser, leia aos bocadinhos, em pastilhas, para não achar isto aborrecido, mas quem não quer ser lobo, não lhe veste a pele).

NA PINTURA REDUZIDA AO NADA! Perdão amigo, tal como o Osório, sentimo-nos directamente atingidos — Não blasfeme com aqueles que não lhe fizeram mal nenhum, não agrida aqueles que pelo menos percebem um bocadinho mais de pintura do que você — Que entende por exemplo por uma representação pictórica de UMA IDEIA? Não será UMA COISA, como qualquer material palpável? Não se pode dizer mal duma coisa que não se atinge, como eu não vou dizer mal, nem por mim passou tal ideia, das expressões evolutivas da Pintura até aos nossos dias! Seja mais comedido, não deixe que os outros o apelidem de bota-de-elástico; se não a estudou, se não a entende, se não a quer entender, ponha algodões nos ouvidos, continue a visitar as exposições que se fazem para aí a seu gosto, e... organize em casa uma grande colecção de tampas pintadas de caixas de rebuçados — ficará deliciado com o conteúdo da caixa e das tampas.

Deixe estes vossos amigos «gressarem» á vontade nas telas.

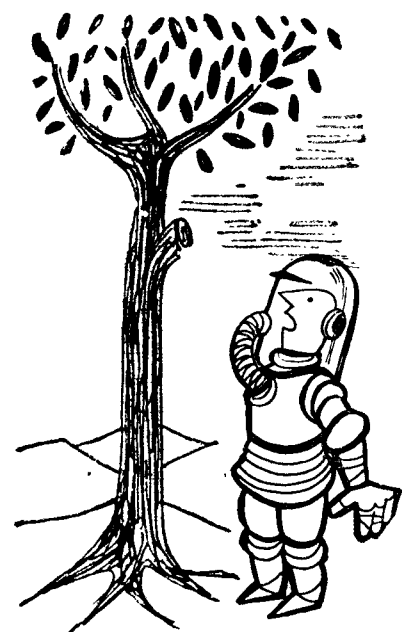
Quanto ao «pedido de apoio intelectual»... não se pede, nem em casa, nem na rua, não se recolhe em pacotinhos na algibeira do colete, adquire-se com o trabalho consciente do indivíduo. Não peça o que não lhe podem dar!

E se o seu pessimismo, o seu cepticismo e tantos outros vocábulos terminados em irmo o levaram a dizer tudo o que disse, arranje-nos a nós, pobres incrédulos, um enterro decente! De-nos bonitos carros negros com amarelos-dourados rocócos, organize uma manifestação de pesar, por estes tristes loucos que lhes ostrom tantas patranhas, vista o seu fatinho de burguês dominical, distribuindo folhetos com estes cabeçalhos: A' MEMORIA DA JUVENTUDE CORRUPTA — DESEGRADA, — ETC., etc., etc. (As tipografias não lhe levam caro). No final, o meu amigo desdiz-se — caído no alcapão, quer-se agarrar á corda. — Diz que a diferença entre os antigos e os 587s, e mesmo entre os 1060s (e nesse grupo permita-me que me coloque), É QUE VIVEM EM SÉCULOS DIFERENTES!!!!

A carta já vai longa, vou terminar, mas antes quero pedir desculpa ao Juvenil pelo possível espaço que possa vir a obter — o que desde já ficarei extraordinariamente grato.

AMIGO N. 912

vistos pelos jovens



ções com que ninguém ainda «topou», mas que estes meus colegas de viagem — mais de um milhão de tubos, indicadores, medidores, avaliadores, calculadores, e mais outros que servem para ver se eu fico maluco, se gosto das compressões ou das radiações—marcam tudo e mostrarão a todos os sábios se as teorias deles estavam certas ou erradas. Isto se esta coisa conseguir voltar para trás. Para comer alguma coisa, tenho de abrir esta portinha que tenho aqui junto á minha cabeça, meter a mão numa espécie de frigorífico e tirar uma latinha de comida muito bem cozinhada pelo método X. Tiro a cabeça de dentro do fato espacial, isto é, tiro o capacete do fato — bas-

Concurso da semana

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO SUPLEMENTO N.º 82: I — GENTE NOSSA: Beira; II — GIGANTES DA HUMANIDADE: Alexandre Magno.



Colaboração dos leitores

O Suplemento Juvenil, do Diário de Lisboa, publica-se para todos os jovens portugueses.

Não apenas para ser lido por eles, mas também para ser colaborado por eles. Como podem ver neste número, apresentamos sempre trabalhos dos nossos jovens amigos.

Fazemo-lo com satisfação e — porque não dizê-lo? — com orgulho. Eles provam que a mocidade continua amando a poesia, a cultura e arte.

Ficamos, pois aguardando a colaboração dos nossos leitores — poesias, contos, reportagens, entrevistas, curiosidades e passatempos para Dois Minutos de Intervalo, etc., etc.

Pedimos, no entanto, que a colaboração não ultrapasse as 700 palavras.

VENCEDORES

1. — Amigo n.º 21 — José Joaquim Gonçalves Isabelinha (Santarém).
2. — Amigo n.º 266 — José Luis de Abreu Cotrim (Lisboa).
3. — Amigo n.º 957 — Maria Joaquina de S. Gabriel (Lisboa).
4. — Amigo n.º 1433 — Manuel Gil Sá Gomes (Vila Nova de Gaia).
5. — Amigo n.º 1438 — Maria Edite Horta da Silva (Bombarral).
6. — Amigo n.º 906 — Ana Maria Martins Simões (Lisboa).
7. — Amigo n.º 1430 — Maria José Saraiva (Algés).
8. — Amigo n.º 1432 — Maria Teresa Lemos Pantoja (Barreiro).
9. — Amigo n.º 1434 — Maria Luísa Sá Gomes (Gaia).
10. — Amigo n.º 1435 — Maria José de Brito e Cunha (Sintra).
11. — Amigo n.º 1437 — Mário Costa Martins Carvalho (Lisboa).

PREMIOS

1 a 5: «O SEGREDO DE LUCA», por Ignazio Silone — «LIVROS DE BOLSO» — ARCADIA.

6 a 11: «SHANE», por Jack Schaeffer, volume n.º 77 da Coleção «MINIATURA».

PREMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE ALEXANDRE MAGNO

12. — Amigo n.º 436 — Armando Pereira da Silva (Aveiro).

12: «O SEGREDO DE LUCA», por Ignazio Silone — «LIVROS DE BOLSO» — ARCADIA e «ANTOLOGIA DO CONTO MODERNO» Coleção «ANTOLOGIA» — ARCADIA.

Gente Nossa

Sonho é caminho
no mar imenso.
— Fuas Roupinho
Lá está suspenso...

Em baixo, amaina
o temporal.
É Portugal
que sai para a faina

(Portugal vindo
de antigas fontes
ilhas sorrindo
nos horizontes...)

Mulheres, essas
fitam o mar.
Quantas promessas
vão naufragar?

Sentam-se á beira
do mar desfeito.
(Dizem que a fera
lhes tem respeito...)

Mulheres fortes,
não as quebraram
naufrágios, mortes
que mil provaram.

Passado o perigo
Bailam e cantam.
A dor espantam.
Por isso eu digo:

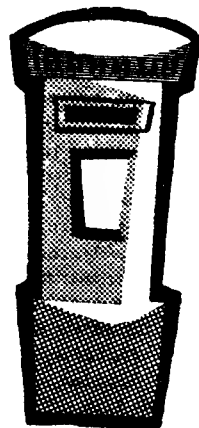


Nenhum nome é
com mais valia
do que Maria
da Nazaré...

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta, ou postal, á seguinte pergunta:

Qual a praia portuguesa a que pertence a figura que hoje publicamos?

As respostas devem estar na Redacção até ao próximo dia 22 de Dezembro.



por Ernani Donaldto Napoleão
Ferreira (9 anos)

Vejo a branca
Vejo a flor
a voar
e as borboletas a poisar
bate a neve
no cão
sem olhar
Vai caindo
vai morrendo
e vai ficando
e o passarinho a voar
abre os olhos
para a neve
nevando
Tem mimo
tem mamo
para Deus nos dar



Vem a bulha
vem o mar
para nos alegrar

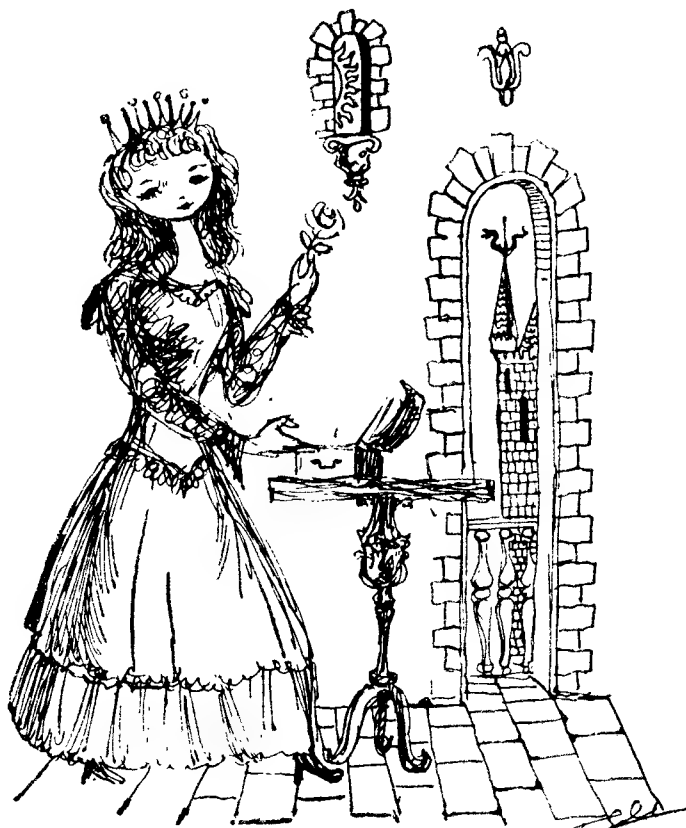
Amigo n.º 913

Prometemos falar...

Prometemos falar nesta semana de mais uma edição de Editora Arcádia. A da semana passada era, como se recordam, «Antologia do Conto Moderno», com ilustrações de Dourdil.

Pois hoje vamos falar dum livro ou, melhor, duma Coleção. A coleção é «LIVROS DE BOLSO — AUTORES ESTRANGEIROS» e o livro, o último saído, é o «Segredo de Luca» do grande romancista italiano Ignazio Silone, que pela primeira vez se traduz em Portugal. Segundo Ravegnani é o melhor livro do autor, que já escrevera, entre outros, os belos romances «Pane e vino» e «Fontamara».

Eis um livro que recomendamos aos maiores de 17 anos. Nesta mesma coleção, e também de autor italiano, já foi editado um maravilhoso romance: «A Lua e as Fogueiras» de Cesare Pavese. Merece a atenção dos nossos leitores mais velhos a Coleção «LIVROS DE BOLSO — ARCADIA». Preço de cada 15\$00.



RA uma vez uma linda princesa chamada Helena. Era muito boa e muito amiga da sua aia Alda, a quem confiava a chave do seu cofre-forte.

Certo dia, Helena lembrou-se de pedir á sua aia que abrisse o cofre onde tinha escondido o seu maior tesouro. A aia, que era muito amiga de brincar, disse, muito séria, ao ouvir as palavras da princesa: — Não, princesa, eu não posso abrir aquele cofre e ignoro que lá esteja algum tesouro!

— Faça o que eu lhe peço, Alda. — Não, princesa, não o poderei fazer...

Ora a princesa, que sabia onde a aia tinha a chave do cofre, deu-lhe um chá para adormecer

por Olga Maria Mendes Nunes
(12 anos)

enquanto ela procurava o seu tesouro.

Procurou, procurou... e não encontrou. Então a jovem princesa adoeceu.

Vieram de toda a parte curandeiros, etc., etc.... mas sem resultado!

Até que dias depois, muitos dias depois, Helena cheia de tristeza, contou a Alda (que se ausentara de viagem sem saber o grande mal que causara á sua princesa e por fim voltara) a falta enorme que lhe fazia o seu tesouro...

O seu tesouro era uma linda rosa que um príncipe lhe dera, antes de ser encantado, sabendo depois, por um feiticeiro que lhe apareceu num sonho, que aquele príncipe só poderia ser desencantado com a apresentação daquela rosa e provando o seu amor... Sem a rosa nada poderia fazer!

Então Alda ao ouvir as suas palavras foi, muito arrependida da sua acção, buscar a rosa que tinha escondido por brincadeira. A princesa ficou muito contente e foi desencantar o príncipe de quem sempre gostou.

Desde então Alda nunca mais tornou a brincar com coisas sérias e foi sempre uma boa aia para os filhos da princesa, visto ela entretanto ter casado com o príncipe.

Assim terminou a minha pequena história, que servirá de lição a muitos meninos que gostam de brincar com coisas sérias...

Amigo n.º 1380

NO NATAL...

É verdade, no Natal, vinha mesmo a propósito que vocês (que têm mais de 14 anos e gostam de se cultivar) pedissem a vossos Pais um livro muito interessante que fala da Bíblia, da sua importância como fonte histórica para o conhecimento da História Humana em recuados tempos.

Refiro-me a um livro o que já aqui fizemos menção, logo que ele apareceu: «A BIBLIA FALA VERDADE» da autoria de Werner Ketter e o N.º 10 da Coleção «VIDA E CULTURA», onde já tinham apa-

veio aumentar em muito a amizade que te temos. Os livros ser-te-ão enviados pelo correio. Um abraço.

Amigo n.º 1273 — António Ramires (Olhão): Será publicado, sim. Mas não tens nada que agradecer.

Amigo n.º 403 — José Augusto Folga da Silva (Lisboa): Vamos estudar o problema e depois te diremos o que pudermos fazer.

Amigo n.º 593 — Louise Briar Russel (São João do Estoril): Podes fazer a reportagem da entrega do burro «Manjerico» á Maria José Botelho Moniz da maneira que indicas. Mas manda-a o mais urgentemente possível. Recebemos o resto da tua colaboração que a seu tempo será publicada. O retrato que nos mandas não deve estar muito parecido contigo, não achas?

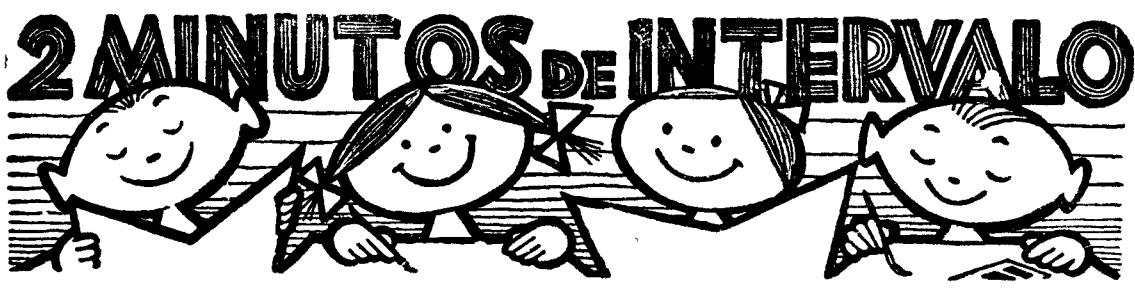
Troca de livros



Estamos sempre dispostos a trocar livros aos amigos que já possuem aqueles que lhes saírem nos concursos do «Juvenil». Esse trabalho, porém, deve ser tido na devida conta pelos nossos leitores. Que queremos nós dizer com isso? Queremos dizer que os nossos amigos não devem ler os livros que desejarem trocar. Infelizmente recebemos um livro nestas condições e ainda por cima sujo de tinta nas páginas. Ao recebê-lo não notámos e enviámo-lo, por seu turno, ao José Bandeira, caso que acima relatamos. É lamentável que os nossos leitores possam fazer coisas destas. Estamos certíssimos de que nunca mais sucederá uma coisa destas.

recido esplêndidas obras, como «Nós e a Música» por Frederico Herzfeld, a «História Universal» de H. G. Wells, «Deuses Tâmulos e Sábios» (O Romance da Arqueologia) por C. W. Ceram, «Animais, Homens e Mitos» (A História dos Animais) por Ricardo Lewinson e a «História da Filosofia» de Will Durant, com prefácio, notas e selecção de textos pelo dr. Joel Serão.

Que belo mundo que se descenda em cada um destes livros! Vamos lê-los a todos e enriquecer a vossa biblioteca?



Antologia

No velho casarão do convento é que era a aula. Aula das primeiras letras. A porta lá estava, amarela, com fortes pinceladas vermelhas, ao cimo da grande escadaria de pedra, tão suave que era um regalo subila. Obra de frade, os senhores calculam. Já tinha principiado a aula quando a Helena entrou comigo pela mão. Fez-se um silêncio nas bancadas, onde os rapazes mastigavam as suas lições e a sua tabuada, num ritmo cadenciado e monótono, cantolando. E ouviu-se então a voz de Helena dizer para o senhor professor, de óculos e cara rapada, fábriças brancas por baixo do lenço vermelho, atado em nó sobre a testa:

— Muitos bons dias. Lá de casa mandam dizer que aqui está a encomendinha...

Oh! oh! A encomendinha era eu, que ia pela primeira vez à escola. Ali estava a encomendinha!

— Está bem, que fica entregue. E lá em casa, como vão?

E enquanto o velho professor me tomava sobre os joelhos, a Helena enfiava-me no braço o cordão da saquinha vermelha, com borlas, onde ia metido nem eu sabia o quê. Meu pai é que lá sabia. E ali estava eu entre os joelhos do senhor professor, com o boné numa das mãos e a saquinha vermelha na outra, muito comprometido. A Helena, que sorria contrafeita, baixou-se para me dar um beijo, e disse-me adeus.

Choraminguei, quis sair na companhia dela.

— Não, agora o menino fica — disse-me a Helena. — Isto aqui é a escola, é onde se aprende a ler. — E agachando-se diante de mim: — Olhe tanto menino, vê?

— Mas fica tu também... — disse-lhe eu então.

Nas bancadas houve hilaridade geral. O mestre teve de intervir, iracundo:

— Caluda, sua canalha! Não vêem que está gente de fora? Caluda, que vai tudo raso com bolaria!

(Do conto «Para a escola» do livro «Os meus amores», de Trindade Coelho).

O jogo dos símbolos

Sabem todos que a pomba é o símbolo da Paz... Mas a «mania» dos homens de simbolizar não ficou por aí. E acontece que nos servimos dos animais e objectos como símbolos representativos de um sentimento, uma qualidade, um atributo...



to... Sabes tu, por acaso, o que representam os animais e as coisas representadas na gravura?

Lição

A mãe-cadela para o cachorrinho: — Está sossegado. Se continuas a correr dessa maneira, ainda acabas por esborrachar a cara contra a parede...

E apontando um «bull-dog» que passava:

— Vês, foi o que sucedeu a este...

A Lua é habitada

O irmão mais velho — Garanto-te que a Lua não é habitada.

A irmãzinha — E eu garanto-te que é.

O irmão mais velho — Tens a certeza.

A irmãzinha — Evidentemente! Se ela tem luz, é por que mora lá dentro alguém para a acender!

Pensamentos que fazem pensar

Para este concurso o nosso amigo

go dedicado Herculano Santos Marques Ferreira envia-nos uma mancha de pensamentos todos eles de molde a atingir o fim que se propõem: fazer pensar.

Por isso, o vosso Herculano tem direito ao prémio desta semana um bom livro.

Atenção aos pensamentos: «A felicidade é coisa difícil de atingir. Com efeito, só a atingimos tornando felizes os outros».

(Stuart Clock)

«Sem tradição, a arte é um rebanho de carneiros sem pastor, sem inovação, é um cadáver».

(Winston Churchill)

«Não há nada tão forte e tão seguro numa emergência como a simples verdade».

(Dickens)

«Sem fé em nós próprios somos tão inúteis como um fósforo húmido».

(Phillips Clark)

ATENÇÃO! NO PRÓXIMO NÚMERO: ALFABETO MORSE!

MARAVILHAS DO UNIVERSO
O PLANETA QUE NUNCA FOI VISTO

ODA a gente conhece o Sol e a Lua. Mas há um planeta que nunca se viu, provavelmente, pois não é fácil ser visto a olho nu. Trata-se, muito simplesmente, de Mercúrio, o planeta que se encontra mais próximo do Sol. Com efeito, imaginem vocês que apenas dista do astro-rei 58 milhões de quilómetros. «Apenas» 58 milhões de quilómetros do imenso globo incandescente! Se compararmos esta distância com as que conhecemos na Terra, ela parece-nos imensa, mas não devemos esquecer que ela representa pouco mais de um terço da que nos separa do Sol... Justamente por estar tão próximo do astro diurno, este planeta é difícil de observar-se, perdido na imensa massa de chamas, como envolvido na bruma luminosa.

É um planeta pequeno, cuja superfície não ultrapassa a da Ásia e da África reunidas e o mais pequeno da colónia solar. Tão pequeno que, se a massa da Terra fosse moldável, nós obteríamos perto de vinte e cinco Mercúrios. E, também, o mais rápido dos oito planetas irmãos da Terra: voa em volta do Sol, a uma velocidade cinquenta vezes superior à de um obus, descrevendo a sua órbita em... oitenta e oito dias! Nesta carreira vertiginosa Mercúrio apresenta uma só face ao Sol... e sempre a mesma; como um alto forno, este envia-lhe, constantemente, luz e calor em quantidades incomensuráveis; tudo é aquecido, campos ardentes e desnudos, rochas, desertos!

tos! O outro hemisfério, porém aquele que volta costas ao Sol, está condenado às trevas eternas.

Não há fantasia humana capaz de imaginar os monstruosos contrastes que existem ali, na superfície desse longínquo mundo. Dum lado, calor imenso, luz deslumbrante; do outro, um deserto glacial sem fim, noite perpétua... Ignora-se se existe ar; mas se o há, só sob a forma líquida, pois o frio que reina numa das suas faces bastaria para o liquefazer. Mercúrio não conhece a alternância do dia e da noite, nem a diversidade das estações.

Claro que o crédito a dar a estes elementos, se bem que resultado de esforços tenazes e pacientes dos astrónomos, é mais cauteloso que em relação à Lua; eles são demasiado pobres, pouco numerosos e pouco seguros. A proximidade a que está do Sol, cria, está bem de ver, terríveis dificuldades aos observadores. Grande descoberta já foi descobri-lo entre os outros astros do firmamento.

E' tão difícil, que Copérnico até ao fim da vida lamentou nunca tê-lo visto, apesar de todos os seus esforços; e o astrónomo Riccioli, apelidou-o de astro fugidio, de tal maneira Mercúrio se sabia frustrar as observações e aos instrumentos que o olhavam da terra.

Como há cem anos, Mercúrio é um astro misterioso.

MARIA HELENA DA COSTA DIAS

Teste de inteligência para os teus irmãos mais velhos

Alguns estudam melhor de manhãzinha, outros é à noite, quanto, em plena noite, só se ouvem as palmas dos que chamam pelo guarda-nocturno. Outros ainda é à tarde, no espaço compreendido entre a merenda e o jantar, que melhor proveito retiram do estudo.

Qual é, na tua opinião, o melhor período diário para estudar? Porquê?

Alfredo Brás, num artigo há tempos publicado no «Magazine», referia-se à possibilidade de se trabalhar apenas durante quatro horas diárias e não oito, como até aqui. Na opinião do escritor, isso em nada afectaria o progresso social.

Suponhamos que o teu horário de trabalho viria a ser de quatro horas (das oito ao meio-dia, por

exemplo). De que maneira preencherias tu as restantes horas do dia? E achas que com o novo horário seria o homem mais feliz ou mais infeliz? Porquê?

Em muitos países existe uma festa a que os pedagogos atribuem uma alta importância educativa: a festa da Arvore. Nos campos, ou no coração das próprias cidades, cada criança lança à terra uma sementezinha. Tudo acompanhado de recitativos, de canções, de louvores às «árvores amigas». Acharias bem que essa festa também entrasse no nosso calendário? E consideras essa festa educativa? Porquê?

AVENTURAS DO DETECTIVE PARARRAIOS

O mistério da bengala de bambu (II)
A explosão

Antes de o avião descolar, Pararraios e Basílio Sopito não proferiram uma única palavra. A corrida deixara-os completamente arrasados. O mais atingido era ainda Basílio, cujas gorduras o não talhavam para corridas de velocidade pura. Por isso, a primeira coisa que fez foi sentar-se e a segunda tirar o casaco e desaperar o colarinho. Os suspensórios encarnados luziam sobre a camisa branca. A esta indumentária simplificada chamava Basílio o «seu traje de «solrões»...

Não tardou, porém, que o avião reinasse nas altas camadas de atmosfera. Lá em baixo, as nuvens formavam um tecto branco, irregular, como uma enorme tijela de claras de ovo batidas em castelo. O ajudante viu chegado o momento de saber os porquês da nova alhada em que o haviam metido.

— Meu amo, para onde vamos?

Pararraios suspirou:

— Quem pudesse saber sempre onde os passos nos levam! De certeza, apenas sei que vamos cumprir o dever...

— O qual é... ou julga o meu amo que é...

— Defender a Humanidade de um perigo horroroso que a ameaça.

— O senhor passa a vida a livrar de perigos a humanidade e a meter-me neles a mim. Ora isso não me parece muito humanitário. E depois quais são os pagos? Para tudo quanto fazemos, havemos da Humanidade por seguro uma recompensa: arnica e ligaduras...

Pararraios fez um gesto de agastamento que logo desapareceu com um sorriso, ciente como estava de que

um detective é, acima de tudo, um pedagogo.

— Ouve, meu caro — acrescentou —. O cumprimento do dever não deve estar dependente de nenhuma compensação. O cumprimento de um dever livremente aceite, já é uma compensação.

— Tudo isto está certo para o senhor. E o senhor está certo para tudo isso. Mas diga-me: que vamos nós fazer de passeio neste avião?

— A' cata do homem da bengala de bambu.

— Mas que nos interessa a bengala do homem? O bambu é coisa que se coma?

— Não. A bengala de bambu é apenas um processo de identificarmos o homem. E' como se disséssemos «o homem dos olhos cor-de-cinza».

— Então para que nos interessa o homem da bengala?

As palavras de Pararraios caíram lentas e pausadas:

— Foi ele quem roubou a máquina de parar o tempo.

— Há-de, noutra ocasião, trocar-me isso por miúdos. Explique-me agora por que vamos neste avião...

— Muito facilmente. Quem, nesta época, usaria uma bengala de bambu a não ser um chinês ou um japonês? E quem, após se ter apropriado de tão valiosa e perigosa invenção, não procuraria pôr-se a milhas? E para onde, senão para terra de segurança — isto é, a dele próprio, o Japão? E de que maneira, senão de avião, o processo mais rá-

pido? E quando, senão na primeira oportunidade? Ora o avião em que viajamos é precisamente o primeiro avião que levanta voo para o Extremo Oriente, depois do roubo...

— Meu amo! Quer então dizer que... que... vamos direitos ao Japão?

— Direitinhos.

— Sim senhor. Faltava-me essa! Diga-me: também se comem bifos, no Japão?

— Claro. Nesse ponto podes descansar. O Japão e a China são os países da mesa requintada...

— O pior é o homem da bengala ou a bengala do homem, já não sei!

— e Basílio suspirou profundamente — Mas irá ele aqui?

— Sim — tornou Pararraios — lá ao fundo, no ultimo banco. E a propósito, vou ter uma pequena conversa com ele.

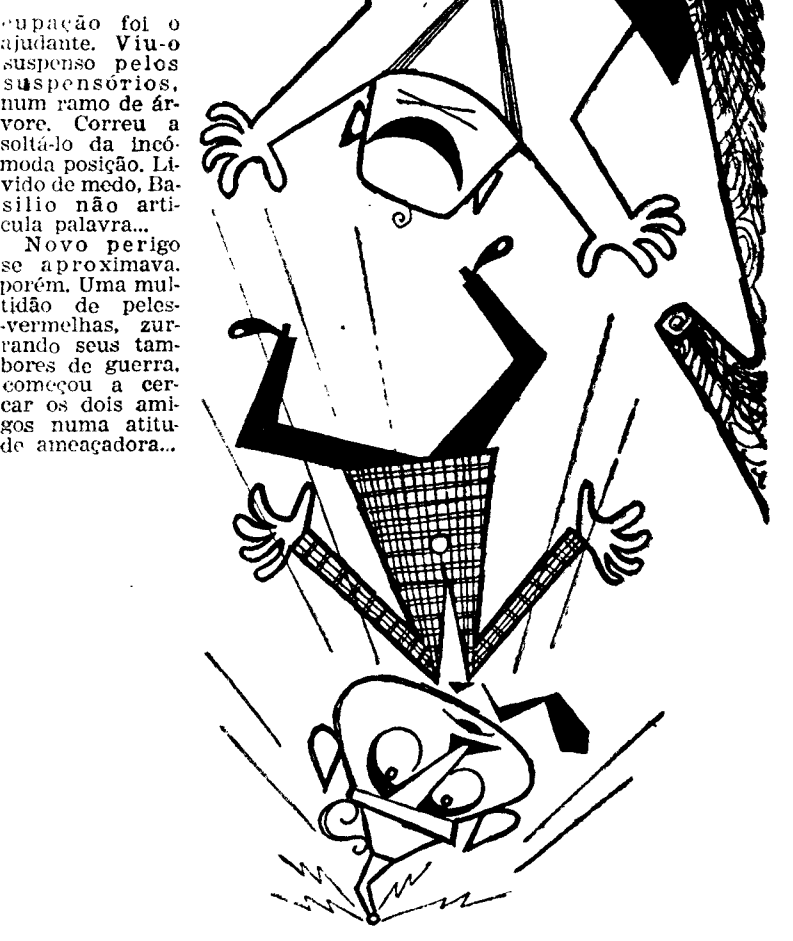
Dirigiu-se para o fundo do avião. O homem misterioso parecia dormir, encostado à bengala de bambu. Pararraios tocou-lhe levemente no ombro:

— Good evening, sir.

O outro, instintivamente, apertou a bengala contra o peito. Depois sorriu, diplomáticamente.

Antes de responder, porém, uma violenta tempestade assolou o avião. Formidável explosão atroou os ares.

Pararraios, como todos os predeterminados, teve sorte caindo no solo, de cabeça para baixo; o funil amorteceu a queda. A sua primeira preo-



ANSIEDADE



POR

Maria do Rosário Vila
(18 ANOS)

Apertei nas mãos
a loucura
du segredo...
Amarfanhei a alma
sem dó,
duma só vez...
Fugi de mim mesma
sem o medo
de ter medo...
Corri, levando um sonho,
um mero sonho...
Talvez ...

Andei por muitas
ruas
sem ninguém...
Subi ao cimo
de velhos montes
cansados ...
Andei por aqui...
Por ali ...
Maculando a terra
de meus pés
ensanguentados...

Quando já triste...
Ansiosa
e exangue,
quis do segredo
sentir
as alegrias,
meus dedos abri; e então
sorvi da terra
com desespero o sangue,
chorando para sempre
minhas pobres mãos
vazias...

INTERCAMBIO JUVENIL

Correspondentes brasileiros

Como prometemos no último número, cá estamos de novo a indicar os endereços de jovens estrangeiros que desejam corresponder-se com jovens portugueses.

Hoje dedicamos-nos especialmente a amigos do Brasil. Entretanto, repetiremos o que ficou dito a semana passada: todos os nossos leitores que desejem corresponder-se com jovens nacionais ou estrangeiros, devem dirigir os seus pedidos para "DIÁRIO DE LISBOA JUVENIL — INTERCAMBIO JUVENIL", Rua Luz Soriano, 44 a 48, Lisboa.

Além disso é indispensável que nos digam o seu nome completo, a data de nascimento, a morada, habilitações, em que se empregam e que assuntos gostariam de tratar por correspondência. Também não deve faltar a indicação da idade do jovem com quem desejam corresponder-se, a sua nacionalidade e em que idiomas está apto a escrever. Posto isto, vamos à indicação do endereço de alguns jovens brasileiros:

ILCA BEAR (14 anos)
Avenida Borge de Meleiros, N.º 794
Santo António da Patrulha
RIO GRANDE DO SUL
BRASIL

É estudante e deseja corresponder-se com rapazes de 16 a 23 anos.

CILPRETO CIAGNIWODA (18 anos)
Rua Brasília Illeberé, N.º 2966
Curitiba
PARANÁ
BRASIL

Deseja corresponder-se com jovens de 14 a 17 anos para troca de selos e postais. É estudante e frequenta o 3.º ano científico.

MARIA APARECIDA CAÇADOR
(20 anos)
Rua Guarda Mor Furtado, N.º 244
São João Nepomuceno
MINAS GERAIS
BRASIL

É para terminar, esta menina de 16 anos:

TERESA CANHADOS
Rua da Baía, N.º 978
Londrina
PARANÁ
BRASIL

Na próxima semana publicaremos os nomes dos amigos que se inscreveram no Intercambio Juvenil. Fazeremos na respectiva secção. Entretanto avisamos que agora estamos em condições de tratar de correspondentes no Brasil e na Suécia.

Curso elementar de estenografia

Por NATÁLIA DA FONSECA

Em primeiro lugar quero chamar a atenção para o facto de a correcção do exercício no último número do «Juvenil» ter vindo de pernas para o ar. Graça que todos os amigos compreenderão e perdoarão. Vejamos mais algumas abreviaturas-base e seus desenvolvimentos. Abreviatura-base:

valor

Abreviaturas derivadas:

(Da esquerda para a direita: valorizado, valorizar, valorização, valorizando, valorizava, valorizamos).
Abreviatura base:

considera

Aos nossos amigos pertence agora a tarefa de escrever as seguintes

Ora fica sabendo qu...

Os três maiores rios do Mundo são: o Mississipi (na América do Norte), o Nilo (na África), e o Amazonas (na América do Sul).

A maior estatua de bronze existente no Mundo é a que existe em Leninegrado na U. R. S. S., e foi levantada a memória de Pedro o Grande.

O para-1, Suécia, que nos últimos dois anos andou muito na berra, conta a bonita idade de quase 89 anos, pois foi terminada em Novembro de 1869.

Todos os animais que tiveram desgracia de cair à água de uma forma ou outra, lá se salvam. É um marfim no entanto, que não pode nadar e vai durando no fundo. Esse animal é o camelo...

abreviaturas derivadas: considerar, consideração, considerável, consideravelmente, considerado, consideramos, considerando, considerar, considerava.

Correcção do exercício anterior:

L. D. J. J. J.
1. 2. 3. 4.
5. 6. 7. 8.
9. 10. 11. 12.

1. 2. 3. 4.
5. 6. 7. 8.
9. 10. 11. 12.

Tradução:

Quem teve a grande desgracia de não aprender a ler sabe só o que se passa no lugar onde estiver

Todas são alunas minhas aqui todas são iguais e às vezes as pobrezinhas, tendo menos, valem mais

Exercício que os alunos devem estenografar:

Os pensamentos que publicamos na secção «Dois minutos de intervalo».

Mais algumas abreviaturas.

triplicado 3
total 4
totalidade 7

importância 1
negociar 2

FLASH

Um braço de homem

por Manuel Agra

Era uma vez uma menina que deixou a sua aldeia para visitar Lisboa. Deixou a sua aldeia povoada de pinheiros, de murmurios de água, de solidão.

Quando chegou à capital e passou na Rua do Ouro, oiante das pessoas que iam e vinham, só teve uma exclamação:

—Ih!, tanta gente!

Habituada à lentidão roufenha dos carros de bois no trilho mal amado das congostas e dos lameiros, exclamou ao fazer a sua primeira viagem de autocarro:

—Ih!, tão depressa.

E encostava-se ao peito do familiar lisboeta, esmagada pela velocidade do bicho.

Estou a recordar-me disso, agora que vou no autocarro para casa. Uma lentidão enervante. O trânsito obriga-o a parar de metro em metro. E depois os travões diabólicos dele! Paragem instantânea e os passageiros de roldão uns por cima dos outros.

Nós, os homens, é como o outro. Temos os pés bem firme no chão, mesmo no chão tão movediço como este. E não nos preocupamos muito. Não senhor. Só nos aborrecemos, só protestamos porque não podemos ler á vontade o «Diário de Lisboa». Se quisermos não nos ralamos nada. É uma ginástica que por vezes até nos faz sorrir...

Mas os velhinhos... Têm um ar tão infeliz, tão desamparado... Melhor: tão envergonhado... A sua decadência mette-se pelos olhos de todos, incluindo os deles próprios. Também lá foram seguros e fortes. Também lá brincaram com o perigo, com a comodidade...

Na plataforma, a minha beira, vai um rapazinho do "ceu. É a beira dele, uma velhinha

Reparo melhor. É baixa e franzina haste que balouca ao menor bateio. Leva um chapéu preto, que é a sua preocupação. Quando se desequilibra leva logo a mão trémula ao capelo, a

ajeitá-lo ou a saber se ainda lá está. Quem vai sentado, continua sentado. É tão difícil, conseguiu um lugar nos tempos que vão correndo...

Só é pena, por vezes, serem tão torres...

O rapazinho a meu lado parece in-

Uma tão recontortante sonolência... os solavancos até ajudam... bocadinho. Assim vou muito melhor. Tens um braço tão forte, um braço de homem...

Agora o autocarro neurasténico pode resmungar solavancos á vontade. Pode mesmo voltar os pés por cima da ca-



dieta. Qualquer coisa o atlige. E de- is de um sacoleão mais moleto, so se contem:

—Segure-se ao meu braço, minha e- Os velhinhos?

As etimhas?

Sim. " depois?

É tão bom ir sentado...

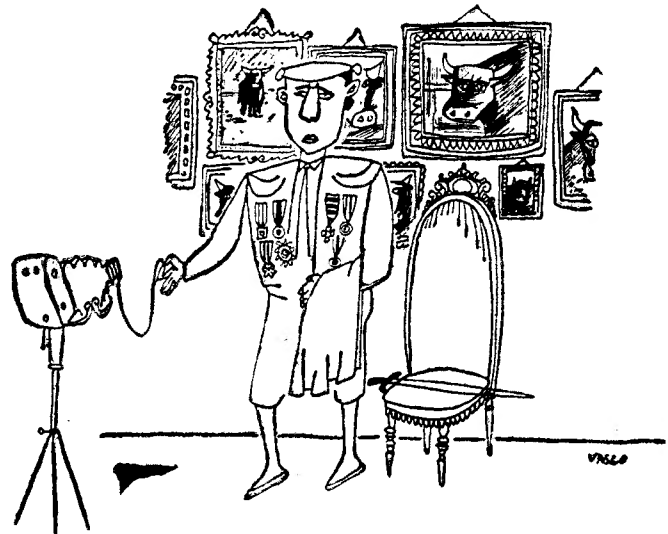
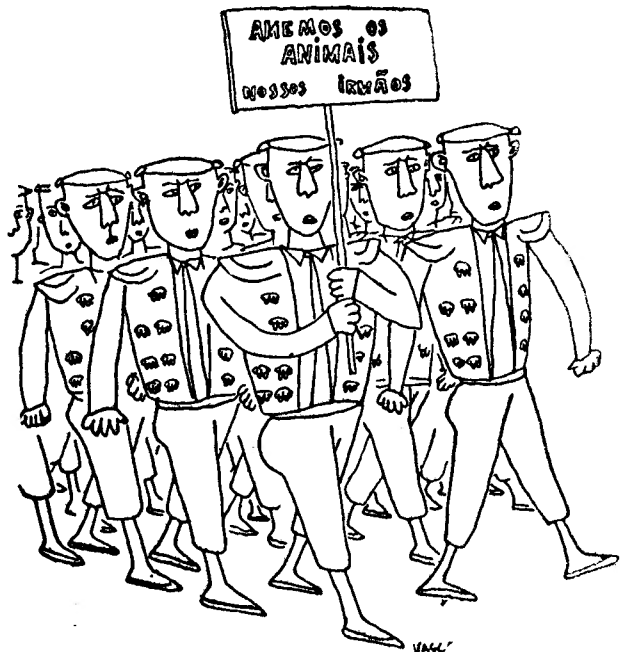
beça. A velhinha não se importa, calha bem. Vai feliz. Segura áquele braço... nhora. Estes carros são muito difíceis... e perigosos.

Ela não se ex ogra... Enfiou imediatamente o seu braço no do rapazi-

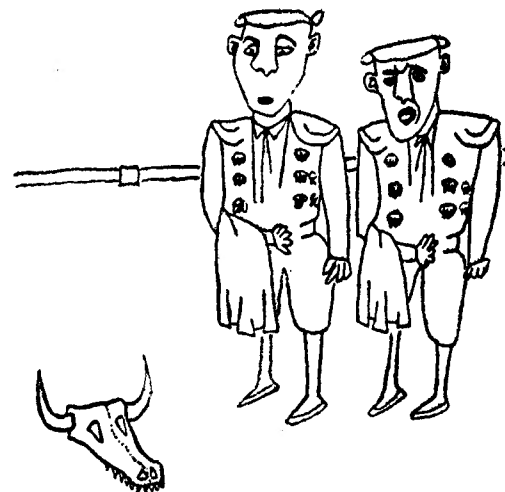
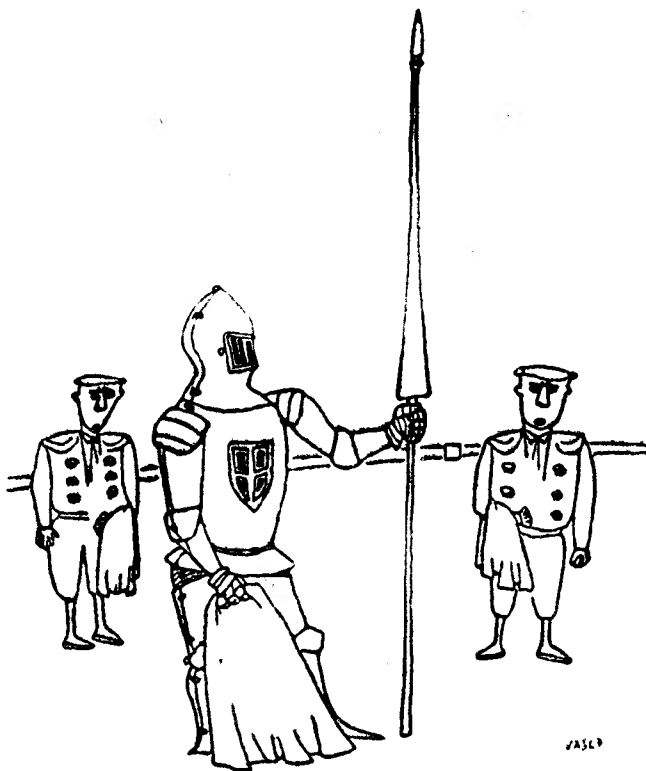
—Obrigado, meu filho. Tens razão.

UM ASSUNTO POR SEMANA

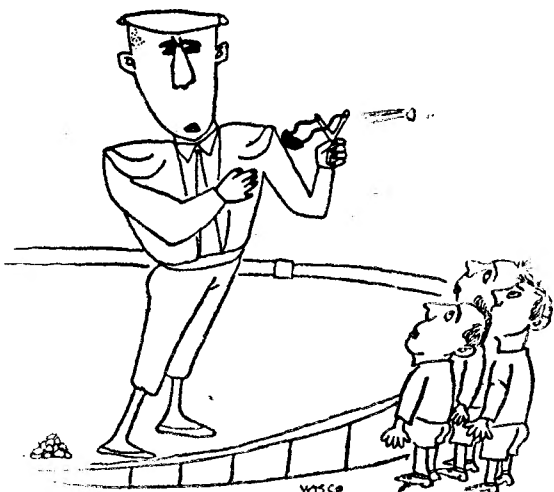
FESTA CÓMICA



— Atenção, «ele» aí vem !...



— Há quanto tempo é que não há aqui touradas ?

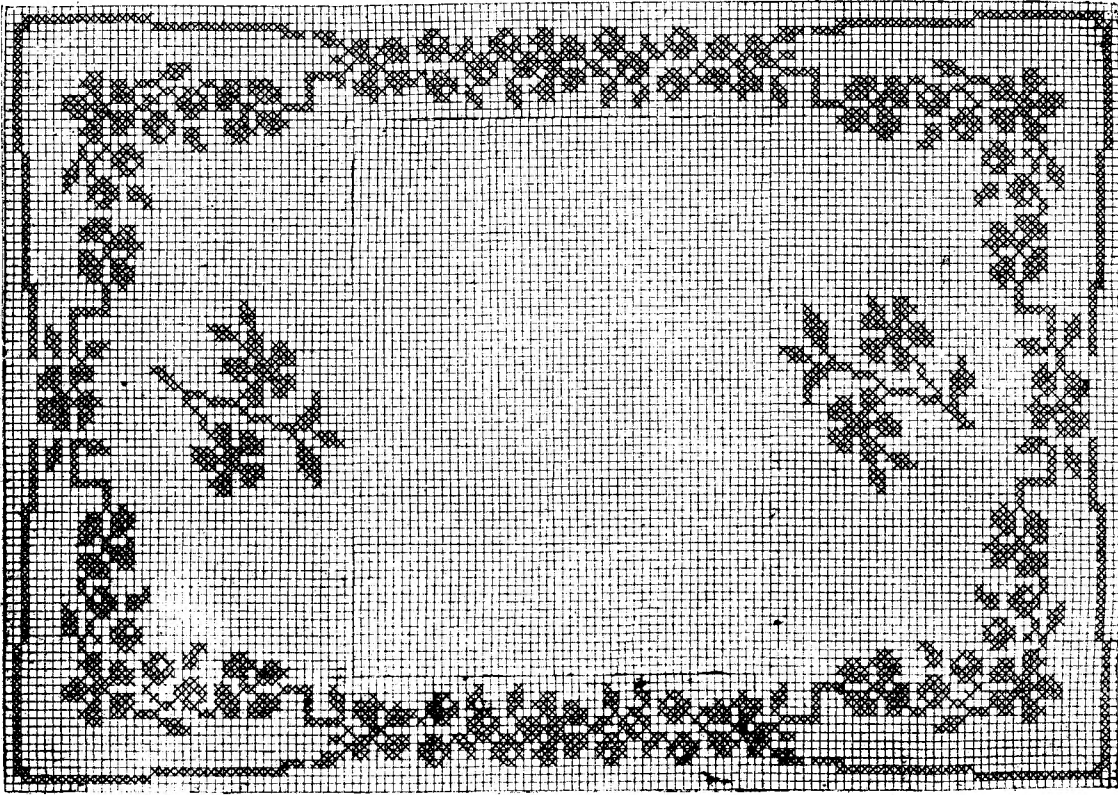


— Não empurrem

A alegria e a saúde começam com a pasta **DEX-CREME**

Um «CROCHET» para os tabuleiros

A pedido de uma leitora é publicado este desenho para um «crochet» destinado a cobrir o fundo dos tabuleiros que servem o chá. Deverá ser trabalhado na malha de abertos e fechados com linha Mercer Corrente, branca ou crua, n.º 60 para atingir 0,54 x 0,39. Nesta dimensão fornecemos o desenho mediante a quantia de 7\$00 que pode ser enviada em selos. Pedidos à Página da Mulher, «Diário de Lisboa». — Rua da Rosa, 57, 2.º — Lisboa.



PAGINA D

Receitas de culinária

Sável frito com pão de milho

700 grs. de peixe; 2 decilitros de azeite; 400 grs. de pão de milho.

Põe-se o sável de molho em água fresca durante uma hora, para melhor se lhe tirarem as escamas. Amanhado o peixe corta-se em postas obliquamente e tiram-se-lhe as espinhas puxando-as com uma pinça. Temperam-se com sal e deixam-se em repouso durante algum tempo para tomar gosto. Depois enxugam-se com um pano e põem-se a fritar em azeite a ferver, retirando-se o peixe à medida que vai fritando. No azeite que fica, fritam-se o pão de milho cortado em fatias que devem ser tantas quantas as postas do peixe. Coloca-se cada posta sobre cada fatia e dispõem-se na travessa ornamentada, com folhas de alface.

Sopa de alface

500 grs. de ossos de vitela; 500 grs. de alface.

Escolhem-se ossos das canelas que tenham bastante tutano e metem-se na panela com 2 litros de água fria; levam-se ao lume a ferver. Depois retiram-se para um lado do lume onde ferva muito devagarinho durante 2 horas até ficar reduzido o caldo a 1 litro. A meio da fervura tempera-se com sal e junta-se-lhe a alface previamente escaldada. Os ossos é conveniente serem fervidos dentro duma saquinha ou da caixa de alumínio própria para este fim.

Ameijoas persas

2 centos de ameijoas; 250 grs. de arroz; 1 decilitro de azeite; 1 cebola grande; colorau, pimenta, sal, etc.

Lavam-se e raspam-se as ameijoas.

joas, grandes, tira-se-lhes toda a areia e deitam-se numa caçarola com um decilitro de água; levam-se a lume forte e vão-se retirando as ameijoas que vão abrindo, para um prato. Depois de todas abertas retiram-se das conchas, reservando uma duzia ou duzia e meia das maiores para no fim guarnecer a travessa; coa-se a água que se guarda ao lado do lume para não arrefecer. Pica-se em seguida a cebola para uma caçarola, junta-se-lhe azeite e leva-se ao lume, mexendo-a para não queimar. Logo que a cebola esteja loira deitam-se no refogado as ameijoas que se tiraram das conchas, pimenta, colorau e um cravo da Índia. Dá-se-lhes uma leve mexidela, junta-se-lhes um golinho da água que deixaram e conservam-se ao lado do lume. Faz-se em seguida novo refogado de cebola e azeite; mas este mais abundante do que o primeiro. Logo que a cebola comece ganhando uma cor loira junta-se-lhe o arroz lavado e escolhido. Mexe-se bem para que o arroz, abra sobre o lume. À medida que o arroz vai enchendo, vai-se-lhe adicionando a água das ameijoas, mas sempre em pequenas porções para que o arroz fique seco e solto. Juntamente deitam-se-lhe os temperos: pimenta, açafrão, 1 cravo da Índia, e deixa-se cozer. Estando pronto deita-se na travessa uma porção de arroz de modo a cobrir-lhe bem o fundo. Sobre ele dispõe-se uma camada de ameijoas com o seu molho; depois arroz, depois ameijoas. Salpica-se tudo com salsa muito picadinha e cerca-se com as ameijoas na concha.

V. Ex.^a deve preferir este famoso aspirador



A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS COM GARANTIA E ASSISTENCIA PERMANENTE



A venda nos melhores estabelecimentos



Uma mulher encantadora que a beleza juvenil graças ao regular com Placentu

Merz & C. Frankfurt/M
Representante geral para Portugal
MENDES, CARREIRO, LDA
VENDA NOVA

Coelho

APRESENTA A M. COLECCAO EM CA E GOLAS EM VISI

LISBOA — RUA DA CONCEIÇÃO

«BOMO»

A meia francesa que dá distinção á mulher portuguesa

Leiam o «SEMPRE FIXE»

O nariz

é o barómetro do aseo

sinta você mesmo como a sua roupa agora cheira a lavado...

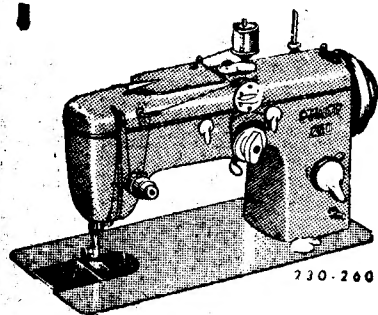


SABÃO ACTIVADO CUF

TORNA A ROUPA TÃO FRESCA COMO O NOSSO CORPO DEPOIS DUM BELO BANHO

A MULHER

Seja pontual



PFAFF
AUTOMÁTICA SEM DISCOS

o difícil tornado fácil



MAIS DE 1000
MOTIVOS DECORA-
TIVOS DIFERENTES

SANTOS & ARAUJO, L.^{da}
RUA GARRETT, 49-51 • TEL. 287 39 — LISBOA

Ser pontual é mais que um dever de cortesia, é um dever de humanidade. É uma prova de respeito pelos outros que nos dá o direito de também sermos respeitados.

No conceito de que o tempo é dinheiro, estamos a roubar todos aqueles que esperam por nós fazendo uma pausa na sua vida de trabalho, no seu recreio, ou no seu descanso, forçados a uma inutilidade que, na maioria dos casos, facilmente se evita.

Esperar por alguém que não aparece e já devia ter chegado motiva, sempre, um cuidado ou uma revolta. Cuidado, se podemos admitir que algum contratempo de maior ou menor gravidade, possa ter atingido o retardatário. Revolta se já sabemos que a pessoa em atraso — quase sempre «ela» — deixou correr o tempo descuidada em frente do espelho, no jeito de compor a mecha de cabelo que ao chegar à rua se deslocou; pôr, e tornar a pôr, camadas de «Puff», a mirar-se e remirar-se, de frente, de lado e de costas, sem pensar que o relógio não pára e alguém está esperando que acahe aquele arranjo de frontaria que, por si, dispensava muito bem.

Por vezes, a paciência de quem espera é tão grande que nem faz alusões depreciativas ao que chega atrasado e este vai de abuso em abuso até se tornar insuportável. Passa, então retardatária, a perder terreno no campo da seriedade. Marcam-lhe as horas já com os devidos descontos, evitam-se encontros na rua, e, quando ela promete ser pontual, lembram-se daquele ditado chinês «quando uma mulher fala sorri-lhe mas nem a ouças...»

VALINE

Um modelo! Uma novidade!

É sempre um sapato da

ORION

R. Garrett, 42 — Telf. 25943



A sobriedade dos vestidos modernos requer um adereço que dê um pouco de graciosidade ao conjunto e os criadores da moda actual foram todos unânimes em decretar, para esse efeito, o uso dos colares. Usam-se os colares na forma de gargantilhas, e em grandes fiadas de pérolas ou vidrilhos lapidados.

Placentubex

Creme sem gorduras para o rejuvenescimento profundo da pele

Segundo experiências científicas efectuadas nas mais importantes clínicas dermatológicas universitárias, o creme «Serol» (marca registada), isento de gorduras e solúvel na água, que serve de base ao extracto de Placenta no PLACENTUBEX, penetra nos tecidos profundos da pele. A fim de que esta acção em profundidade tenha êxito completo, porém, é de grande importância que a pele se encontre privada de gorduras — as quais em regra, contém grande número de impurezas. Por isso, é conveniente lavar o rosto com água e sabão — de preferência com o sabonete Merz-White.

Na pele assim preparada, aplica-se então uma fina camada de PLACENTUBEX e só depois de se deixar este creme infiltrar convenientemente, se deve pôr um creme gorduroso ou nutritivo habitual.

PORTANTO: Lavar — Placentubex — Creme gordo. As suas amigas e conhecidas notarão espontaneamente o seu aspecto fresco e juvenil — e, sem dúvida, invejá-la-ão.

O Sabonete MERZ-WHITE que também contém Placentubex, é um valioso auxiliar do tratamento



Fotografias da zona circundante dos olhos antes e depois do tratamento com Placentubex

recuperou tratamento bex

ain — Berlim — Zurique
rtugal:
Rua João de Deus, SC —
— Amadora

Peleiro

SAIS VARIADA
SACOS, ESTOLAS
ON E ASTRAKAN

AO, 85 — TELEFONE 21773

Luva azul

Apresenta um variado sortido de LUVAS para senhoras, homens e crianças, MEIAS, PEGAS e objectos para brinde.

RUA AUREA, 266

Máquina de **BUSCH**
TRICOTAR

APENAS POR **115\$** MENSIS

CHEGOU NOVA REMESSA DA MAIS SIMPLES, ECONÓMICA E SENSACIONAL MÁQUINA DE FAZER "TRICOT"

REPRESENTANTES:

AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, Lda.

Avenida Fontes Pereira de Melo, 37

Telefs: 59181-2-3 - LISBOA

no Natal e Ano Novo

todos pensam na felicidade do seu Lar

Para fazer um Lar Feliz e indispensável uma

SINGER



Eduquemos o nosso filho!

No limiar da adolescência

Mãe, faça o possível para que os seus filhos sejam, em primeiro lugar saudáveis. A saúde é o melhor dos bens, e leva a encarar a vida com bom humor e optimismo.

Já pensou no que pode sentir um adolescente enfermigo, que se reconhece incapaz de competir com os seus companheiros nos jogos e demonstrações de força física? É natural que principie por invejar-lhes o aspecto sadio, e acabe por se tornar irritável, revoltado, ou desconfiado e misantropo. Portanto, atenção! Não esqueça que a saúde dos filhos é um bem inapreciável e valiosa contribuição para a formação de um carácter recto, um espírito equilibrado, um coração generoso.

Mas não pense, no caso de algum dos seus filhos, rapaz ou rapariga, ser fraco ou doente, portanto de qualquer incapacidade ou deficiência física — não pense que será, por força, infeliz e inútil. Não. A sua acção será muito mais delicada e difícil, o caminho a percorrer será talvez longo e doloroso — mas esse filho ou essa filha poderá ser, até, pelo contrário, o mais feliz e bem disposto de todos os irmãos, e triunfar como nenhum.

Estou a lembrar-me de alguns adolescentes infelizes, não tanto devido às suas incapacidades físicas mas à falta de pais compreensivos e verdadeiramente devotados a acompanhá-los e dirigí-los.

Estou a lembrar-me de uma menina paralítica, não tanto que não possa deslocar-se pela casa e tocar piano. É claro que as probabilidades que esta menina tem de casar e ser feliz no casamento não são muitas. Pois a mãe, não só nunca pensou na maneira como devia «formar» e orientar a filha, como permitiu que ela fosse cortejada por um rapazote inconsciente que ao fim de algumas se-

manas de namoro se afastou, deixando a pobrezinha numa crise terrível de desespero, de que se ressentia durante muitos anos. Contudo, esta mãe poderia ter evitado à sua filha tão grande desgosto, poderia ter-lhe proporcionado uma vida relativamente feliz. Poderia ter desenvolvido nela a paixão pela música, a tal ponto que ela se tornasse apreciável intérprete ou excelente professora. Deste modo poderia obter-lhe algumas alunas, e assim lhe criaria interesses espirituais e deveres que lhe absorvessem muitas horas do seu dia. Deveria ter-lhe ensinado a ser generosa e grata, a interessar-se pelos problemas e infelicidades das outras pessoas, e a agradecer a Deus a luz dos olhos, a lucidez do espírito, a possibilidade de trabalhar, de se bastar a si própria no granjeio do pão de cada dia, a faculdade de ajudar e consolar outros muito mais pobres e infelizes, e tantas, tantas coisas boas que apesar de tudo ainda desfruta. Esta menina, se tivesse fortes interesses intelectuais, esquecer-se-ia em parte a sua deficiência, teria uma vida bem organizada, equilibrada e serena, com muitas horas de alegria e felicidade. E teria, até, mais probabilidades de despertar uma dedicação sincera que lhe levasse aquela ternura a que todas as raparigas aspiram.

Qualquer pessoa, doente ou deficiente, poderá conformar-se com a sua sorte, e buscar nas suas capacidades intelectuais ou artísticas, ou numa actividade benemerita a compreensão dos seus males. São numerosos os exemplos de pessoas que chegaram a atingir elevada craveira intelectual, que chegaram a ser até sábios, graças a uma enorme força de vontade e não obstante as suas deficiências físicas.



Não, mãezinha não precisa o seu filho de mexer no telefone. Pelo contrário, deve-o atender e fazer a marcação para comunicar com os seus amiguinhos. As crianças precisam de «descobrir» de experimentar. E a vida moderna exige «vontade» e rapidez em muitas atitudes que parecem sem importância, mas que contribuem imenso para o triunfo de certas situações. Ora, a criança que tem de verdade contacto com o meio que a rodeia e em que terá de viver quando adulto, adquire uma segurança que lhe será muito útil.

Outra coisa muito diferente, minha senhora. Repare no conjunto calção e blusa que este pequenito apresenta. É de malha, quentinho e prático. Aqui fica uma sugestão para o fato que pensa fazer para o seu filho.

Concurso dos bocadinhos de ouro

A psicologia da criança de pouco nos serviria, e até poderia ser perigosa para alguns, se fosse aplicada como uma medida comum a todas as crianças. A criança, com efeito, não existe. O que existe são crianças. Não há duas que se possam sobrepor exactamente se assim nos é permitido dizer precisamente como não há duas impressões digitais idênticas! As diferenças individuais são uma realidade. Nada disso, aliás, está em oposição com as leis gerais da evolução nem com a sucessão dos grupos dominantes de interesses. Essas leis foram estabelecidas tomando por base um grande número de casos individuais. São, portanto, leis estatísticas. Isto é, leis dos grandes números. Por consequência, só têm um valor genérico, e admitem uma certa variabilidade da parte dos indivíduos. E no domínio psicológico a variabilidade natural é mais acentuada que em qualquer outro, porque não conseguimos enumerar e isolar todos os factores presentes. Podemos suspeitar da existência de muitos, mas é praticamente impossível determinar o efeito de cada um deles, em virtude dessa complexidade em que já falámos várias vezes.

É por isso que a verdadeira pedagogia nunca poderá ser uma colectânea de regras estandardizadas, aplicáveis sempre e em toda a parte e por qualquer pessoa. Em última análise, a pedagogia é, sobretudo, uma acção concreta e individualizada cujo sucesso depende sem dúvida de conhecimentos psicológicos sistemáticos, mas principalmente do dom de observação humana que o educador possui. A sua acção aproxima-se muito da do médico. O valor deste está igualmente em relação com os seus conhecimentos médicos, mas estes não são uma condição suficiente para o exercício frutuoso da sua profissão. O médico trata doentes e não doenças.

Qual é a origem das diferenças individuais? Porque é que duas crianças da mesma idade são tão diferentes, uma da outra mesmo tratando-se de dois irmãos de aparência mais ou menos idêntica? Pode responder-se que a hereditariedade explica em parte as coisas e está certo, mas dois gémeos, mesmo univitelinos, são, no entanto, dissemelhantes. Podemos falar da influência do meio e mais uma vez teremos razão. Meios diferentes podem provocar sensíveis variações no comportamento individual. Mas um meio idêntico reage de maneiras diferentes sobre duas crianças da mesma idade mesmo que sejam gémeos. O sexo tem também uma grande influência assim como o desenvolvimento corporal relativo a cada um. Todos estes factores contêm, sem a menor dúvida, uma explicação parcial dos factos constatados. Mas não dão uma resposta completamente satisfatória. Se, por suposição, esses factores fossem equivalentes em diversas crianças estamos convencidos de que, apesar disso, essas crianças continuariam diferentes. A explicação final da originalidade encontra-se na própria personalidade.

L. P. ...

A que livro pertence este trecho e quem é o seu autor? Será sorteada a uma assinatura da revista «Os Nossos Filhos» por todas as pessoas que responderem correctamente. As respostas devem ser enviadas até ao próximo dia 22 do corrente para «Diário de Lisboa» — Magazine — Página «Eduquemos o nosso filho!» — Rua Luz Soriano 44 — Lisboa.

PRÉMIO — O terceiro «bocadinho de ouro» publicado na página de 29 de Novembro passado, pertence ao livro «Crianças mal educadas», de Virginia de Castro e Almeida. O prémio coube a sr.^a D. Marisabel Pereira de Lisboa Para bens.

quarto de b. bé

O quarto das crianças deve receber bastante luz e bastante ar. Não é necessário ser muito grande, mas deve ar-se com «frequência» de ventilação. Pode conservar-se a janela sempre aberta e de inverno abre-se a janela repetidas vezes, embora não se mantenha muito tempo aberta de cada vez. As paredes devem ser de preferência, pintadas a óleo de cores claras: azul, marfim ou verde.

O chão deve ter as frechas bem tapadas para que a temperatura seja tanto quanto possível, perfeita.

Devem evitar-se os tapetes, os cortinados, os quadros, os tapetes felpudos e tudo onde as poeiras se possam acumular.

Os móveis devem ser simples, laváveis sem ornatos complicados.

Evite-se o vermelho, que é uma cor excitante, assim como papéis e decorações com desenhos complicados que possam assustar as crianças e até provocar resacações.

A educação é o centro de quase todos os problemas

Tem muita importância o incutir no indivíduo a lembrança constante do seu semelhante, ou ensinar-lhe a ter atenções com os outros, a ser tolrante e a considerar o progresso dos outros como a condição do seu próprio progresso.

A vida familiar, assim como a vida escolar, exige que se esteja esclarecido sobre o viver em conjunto e o trabalho em tarefas comuns.

A sociedade moderna requer que o indivíduo, de motu próprio saiba submeter as suas vistas ou os seus interesses às vistas e aos interesses mais gerais, submetendo-se às condições de uma acção comum.

Se nós, de facto, desejamos estas virtudes para o mundo adulto, é urgente querermos-las primeiro para as nossas crianças, pois de outra forma não haverá uma sociedade viável.

Visto que o homem feito terá de viver num mundo que apeia para as suas virtudes, porque não o pre-

parar para isso desde a sua juventude? Conduzir a criança para a «autonomia», isto é, para a capacidade de sedirigir a si própria, não será a inevitável condição de toda a verdadeira educação?

Hoje, à luz de multiplas e longas experiências, nós podemos ver que todas estas tendências, aparentemente antagonicas da educação: interesse e esforço, liberdade e disciplina, individualização e formação social, bem como as falsas oposições do corpo e do espírito, do pensamento e da mão, da contemplação e da acção, devem concorrer para uma mesma obra e completar-se harmoniosamente num equilíbrio pleno do individuo.

O problema das relações do individuo com a sociedade não pode ser resolvido senão pelo plano da educação, e por aqui vemos como a educação constitui o centro da maior parte dos nossos problemas.

ROGER GAL

Consultório das mães

Orgulho-me de ter sido toda a vida uma boa dona de casa e a minha única filha, que já tem 17 anos, eu desejaria que fosse o mais feminina possível, e tudo que há de mais contrário aos cuidados e arranjos caseiros. Poderá ainda modificar-se? Como devo proceder?

Resposta:

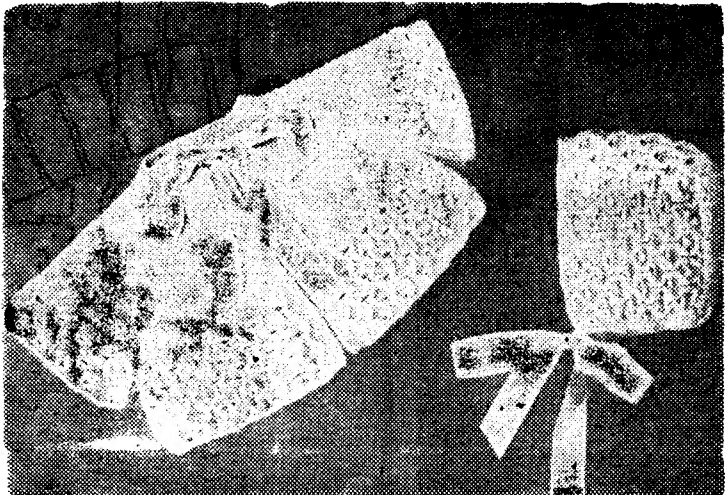
— Claro que aos 17 anos sua filha já podia ser uma boa dona de casa. Mas nunca é tarde para entrar no bom caminho. Qual a orientação a seguir? É tão vago que me diz, que se torna difícil responder-lhe. Quer escrever-me novamente e dizer como tem sido educada a sua filha desde pequenina, qual é a sua vida actual, quais são as suas preferências? Estuda ou está empregada?

A educação doméstica e familiar das raparigas tem uma importância enorme e deve principiar logo na primeira infância. É este um aspecto educativo frequentemente despercebido ou mal orientado, até mesmo por pessoas que se julgam muito competentes no assunto mas esquecem que a educação é um processo muito lento que exige, durante anos e anos, a atenção constante do educador.

Em que idade pode o bebé começar a tomar óleo de fígado de bacalhau e sumo de laranja? Além disso e do leite o que é que se lhe pode dar, e desde quando?

Resposta:

— Como sempre, e em tudo o que se refere a higiene infantil, devemos ter presente a necessidade da individualização do regime alimentar da criança. Porque umas crianças podem ou devem receber os novos alimentos mais cedo, e outras mais tarde. Portanto, deve consultar a este respeito o pediatra. No entanto, podemos dizer-lhe que, a escola americana, por exemplo, aconselha o sumo de laranja e o óleo de fígado de bacalhau a partir das 3 — 4 semanas de vida da criança; e que, aos quatro meses e meio, cinco meses, já inclui na dieta do bebé o caldo de carne com puré de legumes ou engrossado com sémola de trigo. Isto para as crianças que recebem o leite materno, porque, as alimentadas artificialmente têm uma dieta ainda mais variada já nesta idade. Outras escolas, porém, aconselham a administração destes novos alimentos mais tarde. Portanto, repetimos: o que há a fazer é ouvir a opinião do médico, o qual deve orientar todos os cuidados a ter com a criança e seguir o seu estado de saúde e desenvolvimento desde os primeiros dias.



Casquinha e touca de malha de lã amarelo-clarinha para bebé de 6 a 18 meses. Emprega-se malha de arroz, malha de liga, e conchinhas com abertos.